CAPITANIA

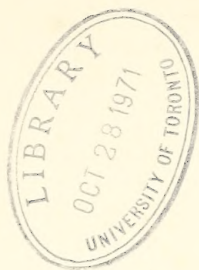
DE

SÃO PAULO

GOVERNO DE RODRIGO CESAR DE MENEZES

por Washington Luis

1918

1918
TYP. CASA GARRAUX
SÃO PAULO

CONTRIBUIÇÃO

PARA A

HISTORIA DA CAPITANIA DE SÃO PAULO

(GOVERNO DE RODRIGO CESAR DE MENEZES)

POR

WASHINGTON LUIS

«O espirito aventureiro dos paulistas foi a primeira alma da nação brasileira; e São Paulo, esse fóco de lendas e tradições, o coração do paiz.»

OLIVEIRA MARTINS (*O Brasil e as colonias*).

CAPITULO I

A Capitania de São Paulo, seus limites, administração, magistratura, clero, indios, commercio, agricultura, fortificações. A Capital, a população, costumes. Rodrigo Cesar de Menezes, primeiro governador.

Reorganizando, pelo alvará de 2 de Dezembro de 1720, o sul da colonia americana, D. João V estabeleceu a nova capitania de Minas Geraes no districto das minas, desmembrando-a da capitania de São Paulo, e a esta accrescentou parte do territorio do Rio de Janeiro.

A capitania de São Paulo, assim reconstituida, compreendia um territorio que, a leste, ia entestar com a recem-creada capitania de Minas Geraes, guardados entre ambas os limites das ouvidorias de São Paulo e do Rio das Mortes, e que se desenvolvia pelo littoral abrangendo as villas de Paraty, Ubatuba, São Sebas-

tião, Santos, desannexadas do Rio de Janeiro, e mais villas, que ficassem ao sul, até as indeterminadas fronteiras hespanholas; pelo sertão, ao norte e a oeste, as suas fronteiras seriam aquellas que a ousadia dos paulistas traçasse com suas aventuras e conquistas.

Dentro pois desses indecisos limites ficavam, além de pequenas povoações, a cidade de S. Paulo e as seguintes villas :

1 Guaratinguetá.
2 Pindamonhangaba.
3 Taubaté.
4 Jacarehy.
5 Mogy das Cruzes.
6 Parnahyba.
7 Ytú.
8 Jundiahy.
9 Sorocaba.
10 Curytiba.
11 Paraty.
12 Ubatuba.
13 S. Sebastião.
14 Santos.
15 S. Vicente.
16 Itanhaem.
17 Iguape.
18 Cananéa.
19 Paranaguá.
20 S. Francisco.
21 Laguna.

O porto de Santos era declarado livre e aberto aos navios do reino, sujeitos ahi aos direitos que até então pagavam no Rio de Janeiro.

S. Paulo entrava no regimen commum, com eguaes prerogativas ás das outras capitanias dependentes do Estado do Brasil, cuja séde estava então na Bahia.

A sua administração era exercida por um governador com o titulo de capitão-general, *ad-honorem,* subordinado ás ordens do vice-rei e capitão general de mar e terra do Brasil, desde que não encontrassem as da secretarias do rei, as do conselho ultramarino ou ao notorio interesse do serviço real.

O governador tinha como auxiliares dous tenentes de mestre de campo general, um ajudante de tenente, seus officiaes de sala, e um secretario; administrava por espaço de tres annos e mais emquanto não lhe fosse dado successor; vencia um soldo de 8.000 cruzados annuaes e 2.000 cruzados de ajuda de custo, pagos em moedas e por quartel, tirados dos rendimentos da capitania de Minas, na qual se exploravam o ouro e as pedras preciosas, emquanto a de S. Paulo não tivesse rendas proprias.

Ao governador e seus auxiliares era expressamente prohibido o exercicio do commercio.

Nessa capitania immensa havia, apenas, para distribuir justiça um ouvidor e um juiz de fóra em Santos.

Havia, porém, nas villas os juizes ordinarios, impertigados e erectos, e, pela maior parte, ignorantes e arbitrarios; havia mais o capitão-mór que, com a deploravel confusão de poderes, era tudo.

O cargo de capitão-mór, triennal, com reconducção, era provido nas pessoas principaes por sua nobreza e fortuna; e, apesar de gratuito, era requestado ardentemente.

No seu districto superintendia a policia, a milicia, o recrutamento, as obras publicas, e tambem concorria com a camara e juizes em todos os casos graves. (João Mendes. Notas geneal. Pag. 62).

Exercitando funcções policiaes, promovia a quietação e socego entre os povos, evitando dissenções e inimisades e fazendo prisões, para as quaes todos eram obrigados a prestar auxilio.

Dava ajuda, favor e protecção aos ministros da justiça, quando em funcções; podendo denuncial-os se fossem omissos no cumprimento de seus deveres.

O capitão-mór era o chefe local das ordenanças cujos officiaes e soldados eram obrigados a obedecer-lhe inviolavelmente, sem pedir razão do que lhes fosse mandado.

As ordenanças eram constituidas por todos os homens validos de 16 a 20 annos, não alistados no exercito ou nas milicias, formando regimentos de 600 homens, divididos em companhias de 60, sem soldo.

Como chefe das ordenanças, para formar os respectivos regimentos, fazia o capitão-mór o recrutamento e escolhia os soldados em listas levantadas semestralmente, onde constavam os nomes dos chefes de familias e os nomes e as edades de todos os filhos.

Por meio dessas devassas semestraes, conhecia toda a gente do seu districto.

Quando um desses tyrannetes apparecia, nos grupos as conversações emmudeciam, e os homens descobriam-se respeitosamente.

Sendo proprio da natureza humana o abusar da auctoridade absoluta, calcule-se o que não fariam esses reizinhos lendo ou ouvindo lêr as Ordenações do Livro V, inspirando-se na prepotencia dos governadores, e tendo em suas mãos o recrutamento!

Com uma justiça, assim incompleta e manca, exercida por incapazes, a peita, o suborno, a concussão e o peculato eram vulgares e completavam o quadro da desmoralização.

Em 13 de Fevereiro de 1725 seria expedida uma carta régia, um remedio indicativo do mal existente porque já se referia a decretos identicos, na qual se prohibiria terminantemente que os presidentes de tribunaes, ministros, officiaes, seus filhos e mulheres fossem procuradores das partes ou dessem cartas de favor e memorias.

E, continuava a alludida carta régia no seu estylo pittoresco, *porque póde succeder receberes algumas cartas de recommendação da rainha, minha sobre todas muito amada e prezada mulher, ou do principe, meu sobre todos muito amado e prezado filho, ou dos infantes, meus muitos amados e prezados filhos e irmãos, fio de vosso zelo que as referidas recommendações vos não moverão a obrares cousa alguma que possa encontrar a justiça ou prejudicar a terceiro; não consentindo que, por causa das recommendações referidas, se altere a lei, regimento ou ordem alguma.*

Além de corrompida a justiça era cara e demorada; os feitos eternizavam-se porque, no Brasil, só havia um tribunal na Bahia, indo os respectivos recursos para os tribunaes de Lisboa, num tempo em que as communicações eram raras e difficeis.

Se assim era a justiça, o clero formava parelha digna.

A par de alguns sacerdotes virtuosos, dignos desse nome e do respeito publico, eram sem conta os depravados, bebados, simoniacos e desordeiros.

As discordias e luctas, nos conventos, nas quaes a populaça tomava parte pró e contra, eram continuas e deixavam um rastro de sangue, só terminando com a ajuda do braço secular e a remessa para Lisboa dos frades mais turbulentos.

A relaxação dos costumes, entre os religiosos, era extraordinaria. Chegados ao Brasil, perdiam a vergonha e atiravam-se á vida como desbragados: os que aqui estavam não ficavam atráz, dando todos os mais perniciosos e dissolventes exemplos.

As cartas régias repetiam-se prohibindo expressamente a vinda de ecclesiasticos para as colonias.

Na sua linguagem official resavam ellas que a experiencia tinha demonstrado que não se devia permittir a vinda de religiosos, por causa do grande damno e pertubação que faziam nas minas, para onde logo se passavam.

A vigilancia exercida sobre elles era tão grande que nenhum mestre de barco obtinha despacho de partida, de Portugal ou das ilhas, sem que primero declarasse, por termo, que não levava, em suas embarcações, religioso algum, sob pena de pagar 2.000 cruzados, pena que seria executada no primeiro porto do Brasil a que chegasse.

Mas essa vigilancia era illudida, passando os religiosos para o Brasil, e, ao chegar a São Paulo, atiravam os habitos ás ortigas e disfarçados iam-se para as minas.

Era, emfim, lastimavel o viver do clero, cujos membros faziam o maior escandalo, esquecendo-se dos deveres do seu estado, ludibriando as auctoridades, a quem descompunham rasgadamente.

A esse pessoal, administrativo e religioso, estava entregue a sorte do indigena.

No Brasil inteiro a situação do indigena foi sempre vacillante: e seria até 1751, porque vacillante e contraditoria era a legislação que a regulava, feita e desfeita ao sabor dos interesses dominantes. Já vinha de longe essa vacillação, oriunda das luctas entre os missionarios jesuitas e os colonos.

Naquelle tempo, os jesuitas aldeavam os indios para a doutrina, para a catechese.

Mas tão abnegados intuitos não levavam os colonos, homens de temperamentos rudes e violentos, a abandonar a mãe-patria e a procurar novas terras para trabalhar; elles eram, ao contrario,

trazidos pelo desejo aspero de fazer fortuna, pela ambição ardente de ganhar dinheiro: lançavam-se á agricultura e as suas lavouras prosperavam: o braço, o grande problema dos paizes novos, vinha a faltar.

O unico meio, na época, para acquisição de trabalhadores, eram as *entradas* ao sertão, acompanhadas sempre de guerras, que claramente faziam prever a sorte do indio vencido: a morte ou a escravidão.

Dadas essas circumstancias, a escravização do indio era uma consequencia logica, tornava-se indispensavel ao colono que cedo ou tarde se havia de rebellar contra o systema dos jesuitas.

O jesuita aldeava em proveito proprio, fazendo os indios trabalharem nas fazendas da Companhia, segregando-os da colonia, evitando até que elles tivessem communicações com os colonos — queixavam-se estes.

Os portuguezes reduziam o indigena a uma escravidão cruel, mil vezes peor que a barbarie do sertão: não queriam homens, queriam escravos, machinas de trabalho, para os quaes não tinham piedade — accusavam os jesuitas.

E a lucta, estabelecida e accesa na colonia, era decidida na metropole que, conforme pendia para um ou para outro lado, assim fazia as suas leis, protegendo ou restringindo a liberdade do indigena.

Mas este era indolente e imprevidente, não tinha habitos de trabalho nem desejos de accumular bens: manifestava-se, pois, precario instrumento para o desenvolvimento da colonia; os colonos voltaram-se para as costas da Africa e começou a importação do escravo negro, soffredor e resignado, que veiu garantir a prosperidade nascente e, em parte, affrouxar a lucta travada.

Com a substituição do braço trabalhador, a sorte do indigena melhorou consideravelmente.

Os indios, de que os brancos se apoderavam, viviam em aldêas ou fazendas sob a administração dos potentados e dos jesuitas.

Esses só tinham adquirido da civilização o habito á sujeição, a corrupção dos costumes, a perversão moral, a syphilis e a variola que faziam verdadeiras devastações.

Eram chamados serviços forros; mas entre administração e escravidão só havia a differença dos vocabulos.

As aldêas deviam compor-se de cem casaes pelo menos, em uma legua de terra em quadra, do dominio privado das aldêas situadas á vontade dos indios, com approvação da junta das missões. Essas aldêas estavam sob a direcção de missionarios e de um administrador e eram regidas e governadas pelo capitão general, pelo ouvidor e pela camara.

Essa abundancia de administradores e directores só trazia confusão e prejuizo para os aldêados. (Arouche. R. H. I. B.).

Havia, então, a aldêa de S. Miguel, sob a direcção dos Capuchos; a dos Pinheiros sob a dos Benedictinos; a da Baruery sob a dos Carmelitas e outras.

Essas tinham sido fundadas antes desse regimen e não eram mais do que viveiros de trabalhadores para as obras publicas, estradas, fortificações, transporte de bagagem, recados, etc.

Nellas havia sempre poucos indios; uns eram levados para as minas pelos governadores quando passavam por S. Paulo; outros abandonavam-nas, preferindo viver nas povoações ao acaso da sorte, desmoralizados e preguiçosos, ou nas mattas, para onde fugiam, desquitando-se de uma civilização de que só conheciam o lado doloroso e pesado.

Nas proximidades das povoações existiam tribus inoffensivas, mais ou menos errantes, habitando tabas pouco populosas, deixadas em paz pelos paulistas, os quaes com o atacal-as não encontravam lucro farto.

Havia ainda os indios indomados do sertão que defendiam o nativo e se vingavam das *entradas* dos paulistas, com valentia e

coragem, em luctas tremendas e sórte varia; ora exterminavam completamente as *bandeiras*, as expedições que se aventuravam ao sertão, ora eram batidos, trucidados ou escravisados.

Essas luctas constituiram verdadeiras guerras, durariam por muitos annos e seriam a preoccupação dos governadores.

A importação de escravos negros, das costas do continente africano, fazia-se em larga e farta escala e era o preço da existencia colonial do Brasil.

Destes, muitos fugiam, estabelecendo boas relações com os indios das immediações, vivendo das depredações nas fazendas visinhas, formando *quilombos*, que davam que fazer ás auctoridades locaes, as quaes viam, em cada um delles, nucleos de novos palmares.

A agricultura tinha prosperado vagarosamente; no seculo XVII, rara era a fazenda que não produzia vinho e trigo para o seu consumo.

Mas a agricultura, tarda na retribuição ao trabalho, não se compadecia com o desejo febril de enriquecer rapidamente; definhava, estiolava-se, e recebia golpe de morte com a descoberta das minas de ouro, que, excessivamente remuneradoras, apesar dos quintos, absorviam a actividade de todos.

O ouro era a unica mercadoria de exportação; tudo o mais era importado do *reino*. O commercio local era mais que insignificante.

O sal era introduzido, na capitania, em virtude de monopolios odiosos, garantidos por contractos arrematados em Lisboa.

Poucos caminhos havia; a não ser o de Mogy a Santos, os de São Paulo para as Minas e para Santos, intransitaveis, as vias de communicação eram os rios semeados de saltos e cachoeiras, correndo quasi todos para o sertão.

Santos, o melhor e o mais usado porto maritimo da capitania, achava-se no mais desolador estado.

Apesar da invasão e saque da cidade do Rio de Janeiro, em 1711, por Duguay-Trouin; apesar do receio de novos saques por piratas extrangeiros attrahidos pela cobiça do ouro, que fartamente se extrahia no territorio paulista, não existiam, em Santos, fortificações dignas desse nome.

A fortaleza da barra da Bertioga era um reducto de tres faces feito de fachina e de estacadas de madeira, arruinadas e apodrecidas: tinha cinco peças de artilheria, sem reparos, e uma guarnição de um sargento, seis soldados e um artilheiro.

Em 1700, o governo portuguez tinha cogitado de, como melhor, mais rapido e mais economico meio de defesa, *entupir a barra da Bertioga, plano genial* que não chegou a ser levado a effeito.

A da barra de Santo Amaro não tinha casa para polvora: nella estava o melhor da artilheria — trinta e duas peças — que não funccionavam porque as carretas estavam tão damnificadas que não supportavam o peso das peças; tinha uma guarnição nominal de 300 homens, tirada do Rio de Janeiro, mas sempre incompleta, desfalcada pelas continuas deserções por falta de pagamento do soldo, não attingindo o effectivo de 80 homens.

Após a invasão franceza de 1711, o governo portuguez mandou levantar um plano de fortificações para as barras de Santos, pelo brigadeiro João Massé, e, seguindo o velho costume de nada despender, ainda que para segurança e protecção dos seus mais avultados rendimentos — o ouro brazileiro — mandou insinuar, em 1715, que acceitava o offerecimento de Manoel de Castro de Oliveira, que promettia executar as obras planejadas, correndo as despesas por sua conta, mediante a mercê do fôro de fidalgo, o habito de Christo, com 80$000 de tença, outro habito de Christo, com 40$000 de tença para seu filho, pagas na fazenda real de Santos, e um officio nas minas com 40$000 de renda.

Manoel de Castro de Oliveira começou as obras em Santo Amaro fazendo os angulos que constituiriam a penella, levantando-os até quatro palmos acima da superficie da terra e . . . parou.

Em 1717 já tinha elle parado; ou porque visse que as mercês promettidas não compensariam as despesas a fazer, ou porque reconhecesse que essas mercês pagas pela fazenda real de Santos, não teriam effectividade em uma fazenda cujas consignações não bastavam para o pagamento dos soldados e da folha ecclesiastica.

O forte de Santa Cruz de Itapema era apenas uma posição estrategica, com fortificações primitivas, que só constituiriam defesa contra ataques de indios.

Apesar de ser a unica cidade elevada por alvará de 11 de Julho 1711, e ser a capital do governo, S. Paulo era bem insignificante. Até bem pouco tempo antes, Parnahyba e Ytú disputaram-lhe a primazia, e Taubaté chegara a empanar-lhe o brilho.

Estava assentada na collina, a cavalleiro dos riachos Anhangabahú e Tamanduatehy, e era tão pequena, que o edificio da cadêa, ficando junto ao convento de S. Francisco, já se achava fóra das ruas publicas.

O que se chama hoje centro era, por assim dizer, toda a cidade de então, com as suas tortuosas ruas serpenteando no cabeço da collina, estreitas num ponto, largas noutro, recortadas de casas baixas, de enormes beiradas de telhados a protegerem as paredes de taipa, branqueadas, quando o eram, de tabatinga.

De costas para o Tamanduatehy, erguia-se, de taipa feito, o collegio dos jesuitas, enciumado a vigiar a povoação que tinha gerado e cujos primeiros passos tinha guiado.

Mais adeante, na orla da mesma collina, estava o convento de S. Bento, no logar mesmo, onde outr'ora erguera a sua choça *Tibiriçá*, o chefe indigena amigo dos portuguezes e dos jesuitas e por estes baptisado com o nome de Martim Affonso, em homenagem ao primeiro donatario da capitania.

Pode-se dizer que a cidade occupava a área contida pelo collegio dos jesuitas, hoje Palacio do Governo, pelos conventos de S. Bento, S. Francisco e Carmo; além dessa área as casas iam rareando, já appareciam as chacaras, os sitios, as fazendas.

Pelo que era a capital póde-se avaliar o que seriam as outras localidades. A villa de Ytù, por exemplo, que promettia desenvolver-se muito, por ser ponto obrigado da passagem dos mineiros para Cuyabá, compunha-se duns 800 casaes, em 7 leguas de districto, com uma egreja matriz, um convento de S. Francisco, um officio de terceiros do Carmo e uma egreja do Senhor Bom Jesus.

A população compunha-se de brancos, vermelhos e negros, e dos productos dos cruzamentos dessas raças: mulatos (brancos e negros), mamelucos (brancos e vermelhos), cariboças ou cafusos (negro e vermelho).

Desses cruzamentos — concorrendo cada raça com a sua qualidade predominante: a intelligencia, a tenacidade do branco; o espirito de aventura para devassar florestas, a possibilidade de adaptação ao meio, do indio; a resistencia individual ao soffrimento, a resignação ao trabalho, do negro — sahiriam esses heroes dos fins do seculo XVI e do seculo XVII, sobre os quaes repousou o trabalho grandioso da constituição geographica do paiz.

Em correrias audazes e ferozes pelo interior ignoto da America os paulistas foram estabelecendo a rêde arterial, por onde se faria a circulação vivificante do futuro paiz.

Só elles poderiam, com Antonio Raposo Tavares, num impeto que faz incredulos, atravessar o continente de sudoeste a noroeste, escalar os Andes, no Perú, internar-se no valle do Amazonas *«avassalando terra e mar para o seu rei»*, numa expedição de annos, na qual a lucta com os homens e com a natureza, as privações e os soffrimentos o desfigurariam tanto, que ao recolher-se ao lar os seus parentes não o reconheceriam.

Delles é Paschoal Paes de Araujo, varando o interior da America, indo acampar nas margens do Tocantins.

Descendentes delles é Luiz Pedroso de Barros, capitão da infantaria de soccorro a Pernambuco, na guerra hollandeza: é elle quem, talando o sertão, vae morrer ás mãos dos *Serranos*, no Perú, em 1662.

Chamavam-se Belchior Carneiro, Fernão Dias Paes Leme, Manoel de Borba Gatto, quando devassam e desvendam Minas Geraes.

São Manoel Preto, Francisco Xavier Pedroso, Francisco Dias Mainardos, Fradique de Mello, Mourato Coelho, Clemente e Simão Alvares, quando destroem as reducções do Guayrá, as missões jesuiticas, no Uruguay, aprisionando indios, em obediencia a um phenomeno historico.

Paschoal Moreira e Fernão Dias Falcão quando descobrem e se apossam de Cuyabá e Matto Grosso.

Bartholomeu Bueno e os seus quando conquistam Goyaz.

São... innumeros, cuja lista seria interminavel.

São os descobridores de minas, são os auctores dessas acções extraordinarias e maravilhosas, cuja epopêa ainda não encontrou cantor.

Com esses feitos heroicos, formaram o periodo heroico da capitania, mais duradouro que o bronze.

A sua obra grandiosa estava, porém, a concluir-se, e esse espirito de aventura entrava em decadencia: a derrota soffrida nos ultimos

ataques ás missões, a descoberta e exploração das minas, a sorte contraria na guerra contra os emboabas, davam nova direcção aos espiritos e outra occupação á actividade.

Accumulavam-se já grossas fortunas, que creavam o gosto pelo conforto, faziam perder o amor á vida quasi nomade de outr'ora e davam habitos sedentarios.

Tendo a distincção da opulencia, aspiravam o mando e vinham a ser capitães-móres; queriam mais a distincção da nobreza e faziam já as justificações *de genere*, para provar a pureza do sangue extreme, transmittido sem quebra de bastardia ou de officio mechanico, nas quaes eram obscurecidas as origens americanas e apuradas as européas para entroncarem-se nas casas fidalgas de Portugal.

Pouco depois appareceria o primeiro genealogista, Pedro Taques, que prestaria relevantes serviços á historia de sua terra, com a sua obra, infelizmente truncada.

Os fóros de fidalgos, os habitos de Christo eram requestados ardentemente; as cartas recebidas dos senhores reis, que nesse tempo eram prodigos dessa especie de favor, que nada lhes custava, agradecendo os serviços prestados e incitando a novos, eram guardadas e acatadas como preciosidades de valor.

Ricos, localizavam-se nas povoações; e mais communmente nas suas fazendas que eram verdadeiras villas, pela quantidade de casaria que alli havia devidamente arruada, e pelo numero dos habitantes, compostos das familias, agregados, indios administrados e escravos.

Ahi erguiam capellas sob a invocação do santo da especial devoção, adornadas de talha dourada, trabalhadas por artifices de profissão, vindos do reino, onde annualmente celebravam as festas do padroeiro com oitavarios de missas cantadas, sacramento exposto, sermões a varios santos, e bandas de musicas vindas dos povoados.

Durante essas festas, muito concorridas pelos visinhos, pelos parentes e pelos religiosos das communidades existentes em S. Paulo, borborinhava o povo numa agitação de muitos dias.

Nessas, como em outras occasiões, praticavam a hospitalidade com magnificencia. Havia alguns que paramentavam, para agasalho de seus hospedes, cem camas, todas com cortinados proprios, lençóes finos de bretanha, guarnecidos de rendas, e uma bacia de prata, sem pedir nada emprestado.

A mesa abundante estava sempre posta. Era a occasião propicia para exhibição das custosas baixellas de prata, pesando muitas arrobas trazidas do Perú nas antigas correrias, herdadas dos maiores e sempre augmentadas.

Essa magnificencia dobrava, consumindo-se rios de dinheiro, quando hospedavam os recommendados do rei.

As fazendas assim constituidas foram o nucleo de grande parte das cidades ora existentes.

Faziam instruir os filhos nos estudos de grammatica e philosophia no collegio dos jesuitas, e, ahi, muitos vestiam a roupeta ou d'ahi sahiam para tomar o habito de outras communidades religiosas. Rara era a familia das principaes que não tinha dois, tres e mais membros religiosos. Quando um dos filhos ordenava-se, a missa nova, que cantava, era celebrada com festividades religiosas, e com *canas, encontroadas, escaramuças,* reliquias medievaes em que se parodiavam os torneios.

Eram os exercicios da força e da habilidade nos quaes muitos e destros cavalleiros ostentavam o seu airoso garbo, em ginetes carissimos, ricamente ajaezados, fazendo prodigios de agilidade que arrancavam estrepitosos vivas e palmas da assistencia enthusiasmada, nos muitos dias que duravam essas festas, que chegaram até nós com a denominação de cavalhadas.

Nas festas executadas, quando S. Paulo foi elevado a cidade, ficou memoravel o jogo das sertilhas, no qual Antonio de Oliveira Leitão arrancou applausos pelas sortes feitas, applausos que tocaram ao delirio, quando de un golpe separou com a espada o pescoço de um dos touros (Pedro Taques).

Outr'ora atravessavam as povoações com sequito numeroso de indios armados de flexas: agora vinham a povoado, com desprezo da pragmatica, vestidos de tecidos caros, cobertos de ouro e prata. Seguiam-nos escravos, com a libré da casa, negros, e mulatos tão claros que na côr competiam com a gente branca, e nisto estava o grande luxo.

Julgar-se-iam rebaixados se não se fizessem seguir de pagens de pé ou a cavallo.

A riqueza era tão grande que um delles, José de Góes e Moraes, compraria ao Marquez de Cascaes a capitania de S. Amaro, si D. João V não tivesse atravessado o negocio. (P. Taques—*Nob.* R. I. H. B.).

Guardando um respeito exaggerado ao principio de auctoridade rodeavam-se de extrema severidade no seio da familia, onde a vida effectiva era árida : os filhos saudavam os paes, dizendo-lhes : «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Chisto» e nada mais se animavam a accrescentar, silencio respeitoso que guardavam tambem deante dos mais velhos.

As mães de familia, as *Donas*, matronas cheias de virtudes mas vasias de expansões carinhosas, levavam uma vida recolhida e reconcentrada : e, se por acaso, sahiam á rua para irem á egreja, envolviam-se em mantos que lhes escondiam completamente o rosto e faziam-se conduzir em cadeirinhas de tejadilho, tiradas por escravos.

Os casamentos dos filhos eram resolvidos entre os respectivos paes, e os noivos quasi sempre se viam pela primeira vez, na egreja, á hora do acto.

A classe dirigente paulista, no principio do seculo XVIII, os principaes da terra, eram pessoas graves, que *já tinham o que perder*, desejosos de fidalguia, venerando o rei e acatando os representantes delle.

Essa situação é que haveria de permittir, sem revoltas, as violencias de Rodrigo Cesar de Menezes, que viria cerrar as cortinas sobre o passado de aventuras portentosas e de altiva independencia e inaugurar a administração colonial paulista.

E' por isso que o periodo administrativo desse capitão-general marca a época de transição entre a vida antiga de liberdade rude e a vida nova amollecida pela riqueza. Ainda appareceriam casos de heroismo praticados por homens dos outros tempos, mas esporadicos e anachronicos na nova sociedade que se ia inaugurar.

Quando Rodrigo Cesar de Menezes terminasse o seu governo, o nome de *paulista* estaria obscurecido para deixar apparecer o de *Capitania de São Paulo*, movendo-se sem attrictos na engrenagem administrativa colonial.

Isso é que se faria crêr, como depois se repetiu, que só nessa época os paulistas reconheceram o dominio da corôa portugueza.

Para a nova capitania de São Paulo foi nomeado governador Pedro Alvares Cabral, que não tomou posse do governo; em seu logar veiu despachado Rodrigo Cesar de Menezes.

Pelo seu nascimento o novo governador era fidalgo de linhagem e pertencia a uma das mais nobres familias de Portugal.

A varonia de sua casa era *Cesar*, e procedia de Pedro Pires Cesar, cidadão de Leiria, que já andava nomeado no foral que D. Sancho I deu a essa cidade em 13 de Abril de 1195.

Seus antepassados concorreram e participaram das glorias de Portugal, praticando façanhas em Asia e Africa, onde se illustraram.

Um delles. Vasco Fernandes Cesar, capitão de Çafim, durante o reinado de D. Manoel, commandando uma fusta, com ella desbaratou seis chavecos mouros.

D. Manoel, por isso, abraçou-o, dizendo-lhe: — «Isso é feito de Cesar», — trocadilho que se perpetuou na familia.

D. João III accrescentou-lhe, ao brazão de armas, seis galés, em memoria desse feito.

Durante o largo periodo da affirmação da independencia de Portugal, que vai de João IV a D. Pedro II, a rivalidade entre os *Cesar* e os *Mascarenhas* interessou e emocionou Lisboa, constituindo uma lucta de gigantes, na phrase de Camillo Castello Branco que a estudaria com amor.

Por parte dos Cesar distinguiram-se o arcebispo de Lisboa dom Sebastião Cesar de Menezes e frei Diogo Cesar de Menezes, provincial dos Franciscanos no Algarve; aquelle dissimulado e hypocrita, este, irritavel e violento, ambos cheios de talento, irmãos do bisavô do novo governador. Essas duas faces do caracter daquelles religiosos se reuniam, sem os talentos, em Rodrigo Cesar.

Rodrigo Cesar de Menezes era filho segundo de Luiz Cesar de Menezes, que fôra governador do Rio de Janeiro, de Angola e depois governador geral do Brasil, donde sahiu em 1710.

A sua familia materna era Lencastre, que procedia de D. Jorge, filho natural de D. João II; por essa bastardia Rodrigo Cesar era aparentado com a casa real de Portugal.

Seu irmão mais velho, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, primeiro conde de Sabugosa, herdeiro da casa, vice-reinava no Brasil, desde 23 de Novembro de 1720, ao tempo em que elle fora nomeado governador de São Paulo.

Rodrigo Cesar estudou em Coimbra; logo, porém, trocou a carreira literaria pela vida militar, tendo sido nomeado brigadeiro de um dos regimentos de infanteria da côrte.

Nesse posto estava quando, em Lisboa, se começou a murmurar dos amores que o moço rei D. João, o quinto do nome, trazia com d. Felippa de Noronha, dama do Paço.

O galanteio, refere um chronista, deveria ter começado por 1704 quando D. João, ainda principe real, teria uns 15 annos e d. Felippa 22; para vencer os escrupulos e receios de d. Felippa o principe déra *um escripto de casamento*.

D. Felippa *acreditou*, e, não só pela fé devida a um principe como tambem porque sendo ella nobre o casamento era possivel, ... deixou-se vencer; as conveniencias, porém, da politica, aconselharam a reclusão de d. Felippa no convento de Santa Clara.

D. João V, para evitar um conflicto e cobrir o escandalo, recorrera ao expediente sedico de casar d. Felippa; e, para tal fim, escolhera Rodrigo Cesar de Menezes, um excellente córte de marido.

Mas d. Felippa recusou o alvitre e as murmurações da côrte encarregaram-se de mallograr tal casamento.

Nessa occasião a *credula* d. Felippa escreveu ao rei uma carta celebre, considerada por alguns como apocrypha, mas cujas copias existem na bibliotheca de Evora, codices $\frac{CV}{1-3}$ $\frac{CIV}{1-4}$, e na bibliotheca d'Ajuda. (Alb. Pimentel. *Est. hist. As amantes de D. João V*).

Accrescenta o chronista que talvez não fosse extranho á nomeação de Rodrigo Cesar de Menezes para São Paulo, o mallogro desse casamento; quereria afastar-se da côrte.

Isso parece improvavel porque esse casamento mallogrou-se por 1708 e Rodrigo Cesar de Menezes só foi nomeado em 1721, o que daria 13 annos de incubação para o accordar do melindre do pouco escrupuloso brigadeiro.

Poderia, sim, ter havido malicia da parte de D. João V, nomeando-o governador da capitania de S. Paulo, constituida em parte, pela de Santo Amaro, adquirida ultimamente ao Marquez de Cascaes, pae de d. Felippa; era quasi um lugar de familia.

O que parece mais provavel é que a *boa vontade* de Rodrigo Cesar lhe tivesse grangeado as graças do rei D. João V, e, estando passados os tempos aureos da India, viesse elle despachado para o Brazil, onde então se accomodava a nobreza. Havia aqui bons lugares para os filhos segundos das casas fidalgas.

Rodrigo Cesar achava-se em plena maturidade, no vigor dos seus 45 annos, quando acceitou o governo paulista.

A 2 de Abril de 1721 se embarcou em Lisboa e, após uma viagem de cinco mezes, chegou a S. Paulo a 3 de Setembro; tres dias depois, 6 de Setembro, tomou posse do governo, perante o Senado da Camara.

CAPITULO II

A chegada do governador; sua opinião sobre os paulistas; a situação da capital. Os auxiliares. Inicio da administração.

Era esse, a traços mais que largos, o estado da capitania de S. Paulo, quando Rodrigo Cesar de Menezes tomou posse, a 6 de Setembro de 1721.

Vindo por Santos, o nobre brigadeiro da côrte de D. João V chegára a S. Paulo acompanhado de seus officiaes de sala, os tenentes de mestre de campo general David Marques Pereira e Antonio Cardoso dos Santos, do ajudante de tenente João Rodrigues do Valle, e do secretario do governo Gervasio Leite Rabello, que já tinha occupado identico lugar no Maranhão.

Vaidoso de sua pessoa, orgulhoso da sua prosapia, o novo capitão-general admirou-se, e d'isso guardaria profundo despeito e rancor, da quasi indifferença com que fôra recebido na capital do seu governo.

Os governadores precedentes, da capitania unida de S. Paulo e Minas Geraes, tinham eleito moradia na villa do Carmo, hoje cidade de Marianna, em Minas Geraes, por ficar mais proxima das lavras; lá se achava todo o archivo da administração.

Chegando a S. Paulo Rodrigo Cesar de Menezes foi residir nas casas de d. Simão de Toledo Piza, nas quaes já costumavam a assistir os seus antecessores quando passavam por esta cidade.

Essas casas, então alugadas e mais tarde compradas pela metropole, deveriam estar situadas na hoje rua do Carmo e na rua da Fundição, visinhando o collegio dos jesuitas.

Era ahi o palacio do governador.

Em 7 de Setembro de 1721 Rodrigo Cesar communicou a sua posse ás camaras das villas da capitania, e determinou, já que espontaneamente nenhuma o tinha feito, que cada uma dellas enviasse um membro para lhe dar as informações necessarias ao real serviço de S. M.

Para fazer crer que toda a auctoridade estava enfeixada em suas mãos, e que estava acabado o tempo dos donatarios, o seu primeiro acto foi, em obediencia á carta régia de 1.º de Fevereiro de 1721, dar baixa em todas as nomeações para os postos de ordenanças feitas por Antonio Caetano Pinto Coelho, capitão-mór de Itanhaem e loco-tenente do Conde da Ilha.

Rodrigo Cesar de Menezes chegára previnidissimo contra o povo que vinha administrar, formando sobre o caracter delle, o mais deploravel conceito, apoiado em atoardas que, naquelle tempo, passavam por verdades, o que não deve admirar, porque historiadores contemporaneos ainda as repetem em seus livros.

A acção dos paulistas, no correr do seculo XVII, fora tão surprehendente, que a sua historia, a par de traços caracteristicos verdadeiros, andava enfumaçada por lendas abstrusas e incongruentes e tão inverosimeis que só o desconhecimento completo dessa gente lhes poderia dar credito.

E, assim, julgava-se que «os paulistas, intrepidos e perseverantes, « raça descendente de condemnados deportados (1) dos differentes « povos da Europa (2) e de mulheres indigenas, dotados de uma

(1) *Paul Leroy Beaulieu*, De la colonisation chez les peuples modernes. Paris 1871, citado por Americo Brasiliense, ***Historia Patria***, pag. 115 em nota.

(2) *Abreu Lima*. Historia do Brasil. 1843. pag. 206 a 208.

« energia quasi selvagem, gostos de aventuras e de independencia
« levados ao extremo, qualidades e defeitos dos elementos de que
« provinham, tinham se estabelecido em S. Paulo, (1) logar cercado
« de montanhas por todos os lados, dando accesso unicamente por
« uma garganta estreita, guardada rigorosamente (2); ahi constitui-
« ram uma especie de republica militar independente, em cujo seio
« admittiam os bandoleiros de todas as nacões, comtanto que
« destimidos ladrões (3), depois de um noviciado em que haviam de
« demonstrar as suas qualidades em longas correrias, impondo-se
« a cada um o tributo de dois indios que haviam de escravizar.
« (4) Qualquer que fosse o forasteiro, que ahi chegasse, era bem
« acolhido, e encontrava logo uma mulher a seu gosto, desde que
« se sujeitasse a só pensar em comer, beber e passear. Se não
« tivesse revelado as qualidades precisas, no noviciado por que
« passava ou se pensava em fugir era logo degolado ou envenenado.
« A fonte da riqueza desse povo estava em um rio, que regava o
« paiz, tão rico que as suas areias misturadas com ouro bastavam
« para tirar da miseria os necessitados que a elle recorressem.
« (5) Pagavam um tributo ao rei de Portugal, um quinto do ouro
« extrahido, não por medo, porque, elles eram mais poderosos que
« esse rei, mas por um habito que lhes ficára de seus paes. (6)
« Enriquecidos pelo commercio de escravos indios, que captivavam
« desde o rio das Amazonas até ao da Prata e que tocavam como
« manadas de bois, oppuzeram-se ao plano de civilização seguido

---

(1) *Paul Leroy Beaulieu*, De la colonisation chez les peuples modernes, Paris 1871, citado por Americo Brasilense, *Historia Patria*, pag. 115 em nota.

(2) *Froger*. Voyage du Sud. Amsterdam, 1715.

(3) *Vosgien*, citado por Ayres do Casal, Chorographia. 1833, pag. 184.

(4) Relation des voyages de *François Correal* (1. 220) copiadas por *La Harpe* (Abregé de l'histoire des voyages, 1814, V. 150) e *Raynal* (Histoire etablissement, V. 142) citados por *Saint Hilaire* Voyages dans la province de S. Paul, 1851, pag. 24, vol. I.)

(5) Tradições recolhidas em Pernambuco, em 1667, por dois religiosos, Michel Ange de Gattine e Denis Carli de Plaisence,—*Saint Hilaire*. Obra citada, pag. 42.

(6) *Froger*—Obra citada.

« pelos jesuitas, expulsaram a estes de sua cidade capital, e,
« formando uma especie de seita composta do christianismo
« misturado com as supertições indigenas, nomearam um papa,
« bispos e curas, e escreveram sobre uma casca de arvore uma
« especie de evangelho de sua invenção, (1) em que era pregada
« uma doutrina favoravel aos seus sordidos interesses. Por
« este meio a nova seita ganhou os indios convertidos pelos jesuitas,
« e ajudados por elles, atacaram e arruinaram os estabelecimentos
« do Paraguay.» (1)

« Organizando tambem uma nova fórma de governo, crearam
« tribunaes, e se constituiram inteiramente independentes e livres
« de todo o dominio extranho (2) (A). Assim foi que esses homens
« intrepidos, erigindo-se em exploradores exclusivos do Brasil, fizeram
« correrias no interior, afrontaram o governo hespanhol, arruinaram
« todas as povoacões indigenas, formadas no Guayrá pelos padres da
« Companhia, arrebataram e reduziram á escravidão mais de 40.000
« neophitos, invadiram a provincia do Uruguay, e, ensoberbecidos
« com estes felizes successos, continuaram suas depredações até
« Paraguay.»

« Essa horda de aventureiros, esses piratas da terra, tão crueis
« como os Mamelucos do Egypto, não achando mais em que cevar
« a sua cobiça, voltaram as suas aggressões para Ciudad Real e
« Villa Rica do Paraguay, destruindo e arruinando completamente
« as duas cidades hespanholas.»

Desnaturado por essas novellas, sem pés nem cabeça, corria, por esses tempos, a historia dos paulistas.

(1) *Constancio*, Historia do Brasil, 1839, V. 2.º: pag. 54 e 55 *Warden*. Histoire de l'empire du Brésil. V. 2.º, pag. 97 (1833).

(2) *Ch. Seignobos* Histoire de la Civilisation, 1900, Pariz, ainda diz que os paulistas no seculo 18 constituiram um povo independente.

(A) Americo Braziliense, Casal e Saint Hilaire citam estas opiniões para mostrar quão pouco conhecidos eram os paulistas.

E' verdade que, a par dessas tolices, estavam factos verdadeiros que concorriam para dar aos paulistas um aspecto phantastico, mysterioso e aterrador.

As luctas sanguinolentas das familias Pires e Camargo; a expulsão dos jesuitas; a destruição das missões e consequente escravização dos indios; a acclamação de Amador Bueno; o episodio de Bartholomeu Faria, distribuindo o sal a preço razoavel; as arruaças populares que obrigaram o ouvidor Souto Maior a fugir da capitania, por ter faltado o respeito a uma menina paulista, com quem depois teve que casar; a guerra sustentada contra os emboabas; as explorações audazes pelo sertão virgem; a descoberta das minas; as suas riquezas fabulosas; tudo isso, decerto, contribuia para crear aos paulistas uma reputação nada sympathica ao representante de D. João V, o rei absoluto.

Para elle os paulistas eram mentirosos, quasi todos tropeçavam nesse vicio; eram dados á preguiça, geral achaque na America; alimentavam uma vaidade doentia que não conhecia conveniencias; defraudavam a fazenda real; eram turbulentos perigosos, matadores incorrigiveis.

Mentirosos, ladrões, preguiçosos, assassinos, vaidosos, eram as bellas qualidades que a opinião do governador emprestava aos paulistas.

Mais tarde elle modificaria esse conceito mais que injusto; por emquanto mantinha-o e, de accôrdo com elle, agiria pondo em pratica primeiro a dissimulação, depois a violencia.

Verdade era que o estado anormal da capital, de aspecto pouco tranquilizador, dava uns visos de verdade á opinião do governador.

S. Paulo era o ponto obrigado de passagem para as minas de Cuyabá; para ahi convergiam forasteiros, adventicios, vindos de Portu-

gal, de Minas Geraes, de todas as capitanias do Brasil, pobres, andrajosos, carregados de dividas, sem responsabilidades e sem imputabilidade, avidos de dinheiro, sequiosos de riqueza, brutaes e turbulentos.

Os bandos armados, que se organizavam para a exploração das minas, compostos, então, de negros, indios, mulatos, mamelucos e brancos da mais infima classe e dos mais baixos sentimentos, compostos da ralé e da escoria, vasa que a paixão do lucro atirava e revolvia na capitania, punham uma nota de agitação feroz, davam á cidade um aspecto de porto de embarque despoliciado.

Essa gente, depravada e violenta, emquanto esperava as monções, enchia os cantos excusos das tabernas lobregas, jogando os dados e as cartas, embriagando-se com bebidas alcoolicas: dahi as desordens continuas, os tumultos em que havia mortes.

A pequenina cidade enchia-se assim duma população numerosa e fluctuante, que não deixava ver a verdadeira feição paulista; occorrendo ainda que os paulistas não se agglomeravam na sua capital, vivendo, ao contrario, em seus sitios e fazendas, no municipio de S. Paulo e nos circumvizinhos.

Rodrigo Cesar, porém, apanhava esses factos e outros deturpados por informações de má fé, e, sem poder ou sem querer estudar as suas causas, generalizava erradamente, concluindo pela turbulencia dos paulistas, considerando-os um perigo permanente, olhando-os com receio e com despreso.

As desordens porém partiam principalmente dos seus auxiliares, dos dois tenentes de mestre de campo — jogadores violentos e dissolutos — que, logo ao chegar, encheram a capitania com o écho dos seus vicios.

Vendo-se só, insulado, Rodrigo Cesar pretendeu reprimil-os pela brandura, chamal-os ao cumprimento de seus deveres por palavras de amigo; mas fructo algum colheu.

O primeiro tenente, David Marques Pereira, era famoso pela soltura de suas palavras; a sua lingua era mais afiada e cortava mais que a sua espada.

Em S. Paulo não conheceu conveniencias; nas ruas publicas referia-se ás pessoas principaes chamando-as bebedas e corrompidas. Foram taes os seus excessos que Rodrigo Cesar foi solicitado, por petições, a reprimil-os; chegou a tal ponto que os Padres da Companhia se julgaram obrigados a intervir, fóra das horas costumadas do expediente, procurando o governador para pôr côbro, dar remedio a tão odioso proceder.

Do seu ordenado eram tirados 12$000 mensaes para o sustento de sua familia, que ficára em Lisboa na miseria; desconto em que consentiu a principio, mas a que se oppoz, por fim, aos gritos e em descomposturas.

O segundo tenente, Antonio Cardoso dos Santos, era ainda mais indigno: aproveitando-se do posto que occupava, fazia um soldo supplementar, pedindo de alguns dinheiro emprestado com a intenção deliberada de não restituir, dos inferiores, dos que tinham dependencias com a administração, dos timidos, extorquindo com ameaças e com violencias.

Para elle os habitantes da capitania eram minas ambulantes que elle explorava com proveito e vileza.

Além de valentão, era libertino e depravado.

Deu brado e ficou celebre o caso da cadêa.

Foi o caso que tendo sido encarcerada uma mulher por ordem do ouvidor geral, o tenente A. Cardoso dos Santos visitava-a e sustentava-a publicamente, levando o desvergonhamento a ir passar as noites na cadêa e desenfadar-se com ella; assim queixava-se Rodrigo Cesar, sem força moral para evitar tal escandalo.

O ouvidor geral, para pôr termo aos amores baratos do façanhudo tenente, apressou o processo da mulher, condemnando-a em 6$000 e a sahir para fóra da comarca.

Essa solução encheu o tenente de raiva e de despeito; clamou ceus e terra, promettendo desforras formidaveis, injuriando o ouvidor, que se achava ausente, ameaçando-o até com pancadas.

Tomou abertamente a protecção da presa e em nome delle fez petição ao governador que não a attendeu. Attribuindo esse insucesso ao secretario do governo, Gervasio Leite Rebello, audaciosamente, nas barbas do governo, debaixo das janellas de palacio, ás 9 horas da noite, com tres capangas armados, no meio de gritos obscenos, aggrediu o secretario, ferindo-o gravemente.

Feriu-o no *hipocondrio pela parte posterior*, lamentava-se consternado Rodrigo Cesar ao vice-rei do Brasil.

De outra feita, os dois tenentes acompanhados de pessoas armadas fizeram uma assuada ao ouvidor geral, da qual resultou ficar ferido o meirinho da ouvidoria.

Receioso dos paulistas, deante da insubordinação de seus auxiliares, insulado no governo, como deveria ser consolador para Rodrigo Cesar o interesse solicito de Sebastião Fernandes do Rego, offerecendo-se para montar á sua custa um esquadrão de cavallaria, comprando 40 a 50 cavallos, enfreiados e arreiados, todas as armas e fardas para os soldados, e construindo os respectivos quarteis. Como lhe deveria saber essa offerta e como elle deveria ficar grato ao seu autor!

Sebastião Fernandes do Rego, reinol habil e audaz, farejou logo o fraco do governador — vaidade e violencia — e tratou de conquistar-lhe as boas graças; com esse offerecimento generoso achou o caminho estreito do coração de Rodrigo Cesar.

Pela creação desse esquadrão, unico meio a seu vêr de se conservar o respeito na terra paulista, empenhava-se o governador calorosamente em todas as suas cartas ao rei e ao vice-rei; e, emquanto esperava esse esquadrão, que não viria, limitou-se aos meios preventivos e recorreu a intimidação: determinou que todos os forasteiros lhe dessem parte de sua chegada a S. Paulo, sob pena de tantos dias de prisão quantos aprouvessem ao seu sabor, e fez bandos rigorosos sobre armas e jogos.

A forca, levantada outr'ora em S. Paulo, carcomida pelo tempo, abalada pelos ventos, abandonada pelo desuso, tinha desapparecido; o governador mandou erguer uma outra no mesmo lugar da antiga, dizendo, porém, que a vista só do instrumento do supplicio não bastava, que era necessario executar alguns na propria cidade de S. Paulo, para escarmento dos outros; e logo queria utilizar-se da ordem da regente d. Catharina, que permittia aos governadores mandarem enforcar negros, mulatos e carijós, sem appellação para a Bahia.

Prohibiu terminantemente o uso de armas a quem quer que fosse, sob pena de perda das armas, de multas pecuniarias, e de açoutes para os negros, mulatos e indios forros.

Por esse modo desarmaria todo o mundo e esperava acabar com as rixas sanguinolentas.

Mas a prohibição era excessiva, numa capitania sem policia, infestada de homens de toda casta, onde a vida circulava principalmente pelos sertões, a tranquilidade e a segurança perigavam ainda mais e a medida ficaria infructifera: os maus infringiriam os bandos, trazendo as armas occultas e os bons ficariam inermes.

A tal respeito representou a Camara, em 29 de Julho de 1722; e o governador, que já tinha recebido carta régia regulando o uso das armas, publicou outro bando no qual, fazendo crêr que attendia á representação da Camara, permittiu o uso de armas

aos homens bons, aos da governança, e aos officiaes de guerra e aos escravos que os acompanhassem.

Sobre o jogo o seu zelo foi tambem excessivo; ordenou que os negros que fossem encontrados a jogar, seriam presos e levariam, pela primeira vez, 200 açoutes, junto ao pelourinho da cidade, e, na reincidencia, seriam castigados *com a maior demonstração que elle fosse servido;* mais tarde prohibiu o jogo a todo o mundo, sob pena de 60$000 de multa e 2 mezes de prisão na fortaleza de Santos; e, como a sua policia só podia ser feita pela delação, prometteu aos denunciantes com o segredo e a terça parte da condemnação pecuniaria.

Essas providencias, por demais rigorosas, não foram approvadas pelo rei, porque a materia já estava regulada nas ordenações do reino. Os bandos, que as prescreviam, foram cassados.

Mas os forasteiros, os vagabundos que, com jogos, bebedeiras e desordens faziam receiar pela tranquilidade da capitania, eram portuguezes, filhos do reino e das colonias.

Não havia extrangeiros nos dominios de d. João V; se algum conseguia entrar era perseguido e logo expulso.

As relações com os navios extrangeiros estavam severa e minuciosamente reguladas em leis, e era expressamente prohibido o commercio com elles.

O medo de uma aggressão extrangeira, attrahida pelo ouro, era tão grande, que Rodrigo Cesar prohibiu a mineração em S. Francisco, Paranaguá, Iguape, S. Sebastião e Ubatuba, emfim, em todas as villas maritimas, sob pena de confisco de bens, degredo para a Angola, 400 açoutes para os negros e indios, porque essas villas, estando no littoral e sem defesa, poderiam facilmente ser presas dos piratas.

O remedio empregado era daquelles que cortavam o mal pela raiz: para evitar a molestia matava-se o doente; para que o ouro não fosse roubado, prohibia se lhe a extracção.

O governo portuguez assim, porém, não entendeu — podia acontecer que algum ouro escapasse á cobiça extrangeira — e cassou os bandos prohibitivos do governador.

Entretanto a verdade era que a capitania não podia oppôr a menor resistencia a qualquer ataque.

As fortalezas da barra de Santos estavam imprestaveis, com as guarnições desfalcadas por continuas deserções, devido ao não pagamento dos soldos.

Os governadores dessa praça, para completarem as guarnições, recrutavam na villa de S. Vicente, recrutamento que encontrava viva opposição da parte dos moradores: além disso a retirada de homens validos dessa villa de poucos habitantes e tão proxima de Santos, deixava-a inerme e abria facil caminho para Santos.

Prohibiu-se o recrutamento em S. Vicente, a concessão de baixas e trocas de soldados. Era indispensavel tomar alguma providencia para os melhoramentos materiaes e imprescindiveis para defesa do porto de Santos, a porta, por assim dizer, da capitania.

Auctorizou a metropole, em 1721, a consignação de 4.000 cruzados annuaes, tirados dos rendimentos dos dizimos, na Alfandega do Rio de Janeiro, para as despesas das fortificações de Santos.

Essa defesa não ficou só nisso: deu-se mais um passo de grande estrategia e um clarão genial illuminou o governo portuguez: para evitar qualquer invasão que alguma nação extrangeira quizesse fazer *nesta conquista* (sic) mandou expulsar da capitania todos os extrangeiros e tapar os tres caminhos que, da villa de Mogy iam a Santos; os moradores que se servissem do caminho de S. Paulo, e, *por picadas*, fossem de Santo Amaro, freguezia de

S. Paulo, a Itanhaem; os moradores das villas de Taubaté e de suas vizinhas, para as suas necessidades commerciaes, fossem á Ilha Grande, naturalmente por onde pudessem.

Expulsos todos os extrangeiros, tapados os caminhos de Mogy a Santos, abertas apenas algumas picadas para o commercio dos habitantes, feitos alguns concertos nas fortificações de Santos, entupida a barra da Bertioga, estaria mais que defendido o sertão de S. Paulo, a terra do ouro!

As arrebentadas fortalezas de Santos defenderiam o caminho da serra; e que não defendessem, esse caminho se defenderia a si mesmo, porque, embora fosse chamado caminho do Padre José (Anchieta), era o caminho do diabo, que se vencia trepando com pés e mãos agarrados ás raizes das arvores.

E tudo isso já era muito para uma terra, aos olhos do rei portuguez, de vistas larguissimas, ainda era apenas uma conquista.

Com a primeira consignação dos 4.000 cruzados, abandonada a idéa da entupição, fez-se a fortificação da barra da Bertioga, de pedra e cal, gastando-se 1:770$000; fizeram-se os reparos nas carretas para as peças de Santo Amaro, terminou-se a cortadura, que já estava começada, e construiu-se a casa de polvora, tudo de accôrdo com as mais que recommendadas plantas do brigadeiro José Massé nas quaes o governo portuguez punha especial empenho em que fossem fielmente executadas.

Isso ficou prompto por 1725.

Tambem os 4.000 cruzados não foram pagos com regularidade, pela impossibilidade em que se achava a fazenda real do Rio de Janeiro de occorrer a essas despesas.

Entretanto, contavam-se por centenas as arrobas de ouro que annualmente eram remettidas ao reino; mas essas eram productos dos quintos, dinheiro sagrado, no qual não se podia tocar, desti-

nado inviolavelmente á construcção de Mafra, a engorda dos conegos da Patriarchal, ao engorgitamento do Vaticano, que galardoaria D. João V com o titulo de Fidelissimo.

Esse dinheiro tinha tambem outro destino; servia para recamar de brocados, acolchoar de sedas e encher de perfumes a cella mimosa de Soror Paula, em Odivellas, a amante do rei beato e devasso.

Rodrigo Cesar procurava fortificar-se e fortificar a capitania, preparando-se para as pingues colheitas nas minas de ouro.

As minas de ouro iam-lhe encher todo o governo: por isso, estudando esse governo vamos acompanhar os paulistas na procura e exploração das minas, nas correrias ao sertão com suas bandeiras heroicas, dirigindo-se para todos os lados.

Para o norte, para as regiões quentes das florestas immensas, a onda paulista espraiava-se em enormes cachões, cavando palmo a palmo, numa conquista lenta mas segura, territorios sem donos, habitados por indios; para o sul tambem, para as regiões frias das vastas campinas, a onda descia implacavel e tenaz, mosqueando o dorso do continente americano com arraiaes, uns esphemeros, outros nucleos de povoações, futuras capitaes de futuros estados, caminhando sempre, num esforço inconsciente e grandioso, para a constituição geographica da nação brasileira.

Ao espirito de aventuras dos paulistas estava confiado o trabalho herculeo da definição territorial do Brasil.

Leguas e leguas das terras sul-americanas tanto poderiam ser hespanholas como portuguezas; ou melhor seriam hespanholas si

se attendesse á famosa demarcação feita pelo Papa Alexandre VI, ainda mesmo modificada pelo tratado de Tordesilhas.

A historia repetia-se.

Assim como, separado da monarchia leoneza o condado portucallense, os ricos homens portuguezes, no seculo XII, com seus fossados e algaras, no tempo da primavera, das colheitas fartas, em correrias de saque e de depredação, iam extrahindo territorio do poder dos sarracenos para constituir Portugal; assim tambem, descobertas as terras de Santa Cruz e apropriado apenas o seu littoral, os paulistas com suas bandeiras, na época das monções, fazendo entradas ao sertão, para a caçada feroz do indio bravio e para o pesquizar obstinado de minas incognitas, iam juntando territorios para a constituição geographica do Brasil.

Si lá, ás vezes, a onda portucallense, depois de ter avançado, recuava, jogada para traz, numa reação mussulmana, aqui tambem a onda paulista, algumas vezes, voltava-se sobre si mesmo, estacada pelo impecilho indigena; mas, por fim, ambas avolumando-se superavam os obstaculos encontrados, e destruindo ou assimilando, espraiavam-se dando á região inteira uma mesma tonalidade.

O grande quadro, esboçado rudemente no seculo XVII, com as entradas ao sertão para descer indios, ia, no seculo XVIII, com a investigação das minas de ouro, receber contornos nitidos que o destacariam, como territorio homogeneo, do resto do continente sul-americano.

Os tratados diplomaticos de limites, mais tarde, não seriam mais que a homologação do trabalho anteriormente feito.

CAPITULO III

A familia Campos. — Antonio Pires de Campos. — O descobrimento e a posse de Cuyabá. — Paschoal Moreira Cabral. — Fernando Dias Falcão.

A familia Campos, em S. Paulo, descendia de flamengos e portuguezes. Foi seu tronco Felippe de Campos, natural de Lisboa, filho de Francisco Vanderburg e de d. Antonia de Campos, aquelle de Antuerpia e esta de Lisboa.

Felippe de Campos, depois de fazer seus estudos de grammatica no collegio de Santo Antão, foi para a Universidade de Coimbra, onde fez algumas matriculas e uma morte, «por accidentes do tempo e extravagancias da mocidade, o que o obrigou a passar para o Brasil a metter tempo em meio», na phrase pittoresca do genealogista Pedro Taques.

Em S. Paulo, para onde veiu em 1643, casou-se com Margarida Bicudo, filha de Manoel Pires, da familia dos Pires, uma das mais poderosas da capitania. Esses Pires iam, pela linha feminina, até *Piquiroby*, maioral da tribu de *Ururahy*, da nação guayaná.

Emquanto mettia tempo em meio, Felippe de Campos propagou prole numerosa, que se illustrou nos annaes da capitania.

De seus filhos, alguns preferiram o recolhimento dos claustros; outros lançaram-se á vida aventurosa dos sertões.

Em outro meio, em Portugal, por seus feitos heroicos e por suas letras, seriam generaes e bispos; no Brasil ficaram chefes de bandeiras e simples religiosos.

Felippe de Campos e Estanisláu de Campos militaram sob a disciplina ecclesiastica e deram os seus nomes — este, á Sociedade de Jesus, e aquelle á ordem dos clerigos.

Felippe de Campos viveu tão pia e santamente, que, depois de morto affirma a superstição da época, a sua *cabeça ficou admiravelmente conservada e espargia grato perfume todos os sabbados.*

Estanisláu de Campos foi um dos maiores barretes da Companhia: instruidissimo em philosophia, occupou altos cargos religiosos, tendo sido provincial na Bahia. A sua biographia corre impressa.

José de Campos Bicudo e Bernardo de Campos Bicudo foram os primeiros povoadores das minas do Pitanguy.

Porém o que mais fama grangeou, nas armas, foi Manoel de Campos Bicudo, que fez 24 entradas ao sertão, desde o planalto dos Parecis, até a parte meridional do Paraguay.

Antonio Pires de Campos, um de seus filhos, continuou-lhe as façanhas.

Antonio Pires de Campos desde menino aprendera a vida na escola rude das bandeiras.

Trilhando continuamente o sertão, destruindo malocas, em abalroadas ao gentio, adquirira noticia exacta dos usos e costumes indigenas, e perfeito conhecimento de toda a zona fechada entre o Paraná e o Paraguay, o que lhe permittiria fazer a respeito uma *Memoria*, que o Instituto Historico do Brasil havia de acolher seculos depois nas paginas de sua Revista.

Poucos como elle sabiam alliar, no desesperado viver do sertão uma perfeita prudencia a uma coragem calma; manter com seus subordinados o respeito e a benignidade, de modo a ser delle, temido e amado.

Quantos bandeirantes, sentindo a falta do amparo moral do cabo, as privações do sertão, vendo sepultar um companheiro ao pé de uma arvore, *amuaram* ou *impacaram*, tornando-se praças mortas, invalidos que acompanhavam a expedição como testemunhas de vista ou que desertavam fazendo mallograr a empresa.

Conhecedor disso, Antonio Pires de Campos fazia-se adorar por seus subordinados, dos quaes tornava-se companheiro e amigo, a tal ponto que, terminada a empresa, todos delle se despediam com lagrimas.

Os indios, seus administrados, e elle possuia uns 600 na sua fazenda Itaicy, chamavam-lhe *Pae-Pirá*.

Bandeirar era a forte e grande affeição de sua vida e descobrir minas era tambem bandeirar: por isso, levado talvez pelo acordar de suas reminiscencias de criança, Antonio Pires de Campos resolvera uma *entrada* ao sertão.

Deante do apreço e do afan com que se exploravam minas, lembrar-se-ia de que, em tempos já muito apartados, elle tinha visto, tocado muito ouro. Fôra por 1673 quando, com escassos 14 annos, tomara parte na bandeira de seu pae, a qual percorrera os sertões ignotos do ignoto Brasil.

Agora o valor, que se dava ao ouro, vasculharia a sua memoria, e já na edade madura, acudiriam em tropel as lembranças da meninice.

Ao approximar da velhice parece que a natureza se deleita em fazer reviver o passado: as recordações da infancia se tornam mais precisas, mais nitidas, e se apresentam luminosas como se fossem de hontem.

Na sua memoria de sertanista intrepido, Antonio Pires de Campos, porventura, reviveria todo esse passado saudoso e longinquo, mas que, por esse phenomeno conhecido, se apresentava determinado em todos os seus contornos.

A' frente da *bandeira*, a conquistar os *serranos*, caminhava seu pae, ousado e corpulento como nenhum lhe egualava, rodeado dos filhos, entre os quaes estava elle, que punha a sua honra em mostrar que os seus 14 annos supportavam bravamente as fadigas da jornada. Eram ao todo 60 homens.

Sertanejaram por muitos mezes, chegando além da linha divisoria entre as aguas do Amazonas e as do Prata.

O *divortium aquarium*, entre a bacia amazonica e a platina, é constituido por uma tortuosa e fragmentada linha que, vindo do hoje Estado de Goyaz, entra no de Matto-Grosso a rumo S. O. apartando as visinhas nascentes do Araguaya e as do Sucuriú, tributario este do Paraná: ahi dobra-se abruptamente para N. O. separando os affluentes do Araguaya dos mananciaes do S. Lourenço, galho do Paraguay: inclinando-se para O. e S. O. vai deixando de um lado as fontes do rio das Mortes, e de outro as cabeceiras do Cuyabá: contornando sinuosamente a estas e aos manadeiros do Paraguay vai separando-os das origens dos tributarios do Amazonas, que «em alguns logares nascem tão entrelaçados como raizes de arvores plantadas em logar apertado», e entra no territorio boliviano a S. S. E. da cidade de Matto-Grosso.

Esse divisor é uma das porções de menor relevo no continente sul-americano e não forma propriamente uma crista de serras: constitue um verdadeiro planalto que se estende (com uma elevação média de 500 m., attingindo em alguns pontos a 900 m.) desde as immediações do Araguaya e Paraná até um pouco a oeste das nascenças do Guaporé, ramificando-se á direita e á esquerda: ora abaixando-se suavemente a ir morrer nas varzeas, ora terminando-se por declives escarpados, carcomidos pelos esgotos das aguas.

As bordas elevadas do planalto alvejam, scintilam ao longe, quando batidas pelos raios do sol, são os *Araxás*.

Nesses chapadões, os picos, chamados Itambés, erigem, acima da vestimenta das arvores, seus cabeços lisos, comparaveis a castellos em ruinas, a giganteseos edificios trabalhados pela mão dos homens.

Algumas dessas elevações, que a distancia faz parecer grandes montanhas, achatam-se, desapparecem a medida que dellas se approxima o viajante, tal a suavidade de seu declive.

Era, talvez, nessas partes, tendo diante dos olhos paizagens de physionomias tão singulares, que entrara a bandeira organizada por M. Pires de Campos.

Era, ahi, sem duvida, um lugar proprio a crear e embalar phantasias no espirito do sertanejo, já alimentado de lendas.

Uma tarde, nessa hora em que a natureza, propicia ao sobrenatural, põe miragens encantadoras ou terriveis nos olhos cansados do viajor, elles divisaram uma serra, que se avantajava a quantas tinham visto no sertão, pondo uma larga e elevada barra azul no horizonte, e tendo a sua vereda do nascente para o poente.

No meio dessa serra, nos pedernaes de crystal, que se emparedavam para o alto, a natureza desenhara toscamente umas similhanças com a corôa, a lança e os cravos do *martyrio* e da paixão de Christo, desenho imaginario que a imaginação religiosa dos sertanejos completaria.

Esse desenho daria o nome á serra: *Martyrios.*

Marchando para o norte, encontraram um rio, com muitos botos do mar, e cujas aguas eram côr do leite, e por isso chamaram-n'o *Paranatinga*, o mar branco. (Tres Barras ou S. Manoel, affluente do Tapajós?)

Approximando-se mais da serrania, abandonaram esse e encontraram outro rio largo, cujas aguas minguavam na secca, deixando apenas poças; por isso chamaram-n'o *Paraupava*, o mar cortado, (cabeceira do Xingú?)

Nesse rio ia elle brincar, apanhando, a mãos cheias, granitos de ouro, cuja côr brilhante seduzia-o, cujo valor ignorava e que dava de presente aos amigos.

Uma dessas folhetas, cujo peso era de 13 oitavas, foi levada para S. Paulo e collocada no braço de Nossa Senhora da Penha. e. mais tarde, transformada em resplendor para o Menino Deus.

A bandeira de seu pae encontrara-se com a do velho Anhanguéra. Bartholomeu Bueno. de physionomia terrivel, com um olho furado e que assustava o gentio com pelotiquices. Anhanguéra levava em sua companhia um filho, tambem de 14 annos, a sua edade mais ou menos, que tinha o mesmo nome do pae, e que. herdando a coragem, herdaria tambem o appellido heroico.

Tudo isso lhe tumultuava na memoria : e agora. quasi 40 annos depois, que tanto furor se punha na exploração das minas geraes. elle iria descobrir outras. muito mais ricas. iria descobrir as minas dos *Martyrios*, o ouro do Paraupava.

Para descobril-as deveria. depois de subir o rio Cuyabá, procurar o rumo — entre norte e poente. levando á direita o sertão dos *Bacarys*. os quaes. segundo elle. estavam proximos ás nascentes do Rio Maranhão. passando o sertão dos *Aguitys* — do gentio Mamberiara, da lingua geral.

E com essas indicações vagas. nascidas das suas recordações da infancia. Antonio Pires de Campos organiza uma bandeira para se internar no sertão immenso a procura dos Martyrios. guardando o segredo do fim principal dessa entrada.

Se não descobrisse os Martyrios, conquistaria o gentio. movel ostensivo da expedição.

Socegado e calmo — com o socego e calma que os paulistas punham nas suas temerarias empresas. nos seus feitos heroicos. socego e calma que fazem lembrar a inconsciencia — por 1716 ou

pouco antes, arroja-se para a bacia do Prata, na vertente do Paraguay, em obediencia ao seu escasso roteiro.

Qual a estrada por elle seguida para attingir o Paraguay?

Teria seguido o antigo caminho dos Paulistas, que ia de S. Paulo a Sorocaba, dahi á fazenda de Botucatú, que foi dos padres, desta a S. Miguel, junto ao Paranapanema, e costeando este rio, pela esquerda, passava por Encarnação, Santo Xavier, Santo Ignacio — missões jesuiticas destruidas — e depois navegava esse rio, desde o salto das canôas até a sua barra no Paraná (2 dias) em seguida pelo Paraná até á barra da Ivinheima, e por este até quasi as suas cabeceiras, onde abandonando as canôas atravessava por terra os campos da vaccaria, passando pela povoação tambem chamada Santo Ignacio, para mais adeante tornar a embarcar no Aguaray ou Corrientes e chegar assim no Paraguay?

Ou teria seguido a via fluvial, pelo Tieté ao Paraná, por este ao Pardo até Anhanduhy, e por este acima até o varadouro por terra ao Aquidauana, e por este ao Paraguay? (1)

Provavelmente seguiu esta ultima derrota até o Paraguay, na confluencia de S. Lourenço; depois por este até ao seu affluente o Cuyabá e por este até ao Coxipó-mirim. Dahi seguiram por terra para a serra da Canastra, nome que a serra já tinha trocado pelo de S. Jeronymo, desde a primeira expedição, em 1673, porque os sertanistas a ella se acolheram, fugindo de uma tempestade, durante a qual bradavam por *S. Jeronymo*.

Da serra de S. Jeronymo tomou o rumo do nascente até o rio da Casca, affluente do *Manso* que por sua vez é tributario do Cuyabá.

(1) Na *Breve Noticia*, publicada na *Revista* do Instituto Historico do Brasil, vol. 25 pag. 437 que dá Antonio Pires de Campos sobre o gentio, que ha na derrota para as minas de Cuyabá, não, fala absolutamente no Paranápanema, Ivinheiva, Aguaray ou Corrientes; o que demonstra não conhecer elle a região banhada por esses rios ou pelo menos não a conhecer como bandeirante. A contrario, nessa noticia, diz elle que o Tieté é o primeiro rio, que se navega, sahindo do povoado para as minas de Cuyabá. E' mais provavel, pois, que elle tivesse seguido pela via fluvial que tinha o varadouro no Anhanduby.

Depois enveredou para o norte, demandando o Paranatinga, o Paraupava, a procurar as minas famosas.

E eil-o que se interna no sertão, na perseguição de sua chimera, da phantasia que lhe povôa o cerebro — a descoberta dos Martyrios — chimera e phantasia que faziam moradia em sua alma, e que elle amorosamente guardaria até a sua extrema velhice.

A cata dessas minas levará annos, porque, durante annos, o seu nome vai-se apagar nos feitos da capitania.

Mas outras bandeiras, não menos audaciosas, cruzavam tambem o sertão; levadas pelo mesmo movel ou apenas desejosas de conquistar o gentio?

Quem o sabe?

Desde 1716, Paschoal Moreira Cabral Leme, descendente de uma antiga familia paulista, á frente de uma bandeira, composta de 56 homens brancos, além de escravos e servos, andava tambem pelo sertão, *conquistando reinos do gentio para o gremio da Egreja e deligenciando descobrir ouro, prata e pedras preciosas.*

Depois de algum tempo começou a seguir o mesmo rumo, trilhava, por assim dizer, as pégadas de Antonio Pires de Campos.

Um dos seus arraiaes, de que ha noticia, foi feito no logar depois conhecido com o nome de Arraial Velho ou Casa de Telha, na bahia do Bananal, no rio do Cuyabá, proximo a um gigantesco aterrado, obra enorme attribuida aos sertanistas, mas que fôra provavelmente executada pelos indigenas.

Como Antonio Pires de Campos, Paschoal Moreira Cabral Leme, com a sua tropa, subiu, explorando, o rio Cuyabá, até a barra do Coxipó-mirim, no lugar denominado S. Gonçalo.

Como o seu precursor, deixou alli as canôas e continuou a exploração por terra; margeando o Coxipó-mirim, seguindo por um trilho de indigenas, os Aripoconés, encontrou-lhes logo as rancharias,

onde havia peixes seccando ao sol, junto á barra dum riacho, que foi chamado *Rio dos Peixes.*

O gentio andava nas proximidades: mas recuando cautelosamente deante da *bandeira,* para a distanciar do seu arraial.

A exploração continuou, com o cuidado e a attenção que reclamavam expedições dessa natureza, até a barra do *Rio Botuca,* assim denominado por causa das innumeraveis moscas, enormes, que flagellavam homens e animaes.

Nesse logar, em poucas horas e com um prato de páu, como instrumento de minerar, foram retiradas da terra tres oitavas de ouro.

Era isso que procurava a bandeira ou procurava a guerra com o gentio? Ambas as cousas, asseverava Paschoal Moreira.

A exploração continuou ainda; na madrugada do dia seguinte, porém, avistou os alojamentos dos bravos Aripoconés que, ou por verem a inferioridade numerica de bandeira ou por se terem collocado estrategicamente, provocaram o combate.

Por detrás de trincheiras, feitas de ramagens, esperavam os Aripoconés.

Paschoal dispôz o ataque.

Um silvo estridente e prolongado echoou na floresta; gritos de combate encheram os ares; buzinas, maracás, num barulho dissonante e ensurdecedor, cantavam os cantos de guerra; nuvens e flexas escureceram o horizonte.

Os paulistas deitaram-se no chão, era essa a tactica usada, e responderam com uma descarga contra as trincheiras, que alcançou os indigenas, ouvindo-se gritos de dôr, gritos de raiva, gritos terriveis.

Atrás das trincheiras mostravam-se bustos de selvagens, gesticulando extraordinariamente, num formigar humano, numa confusão indescriptivel, que permittiu aos paulistas carregarem de novo as suas armas.

O combate estava travado.

Tiros, estrondando, furavam as trincheiras, varando corpos.

Mas, gritos de dôr se faziam ouvir tambem do lado dos bandeirantes: as settas, attingindo ao alvo, sellavam com o sangue paulista o territorio de Cuyabá; muitos mordiam já a terra na ancia da morte.

A bandeira redobrava de ardor, de coragem; deante do numero e da valentia do gentio já não contando com a victoria, trato da defesa dos vivos, para evitar o aprisionamento...

Os Aripoconés abandonaram as trincheiras levando a victoria, que as suas buzinas e maracás celebraram numa melodia monotona e triste que a matta echou tristemente.

Paschoal reuniu a sua gente e viu que havia 5 mortos e 14 feridos.

Deante desse insucesso foi resolvida a volta para o arraial; e a bandeira retrocedeu carregando em rêdes os feridos e mortos, unicos despojos do combate infeliz.

Esse desastre assegurou o descobrimento das minas a posse da terra e levou Paschoal á historia como seu descobridor.

Vencedora, talvez a bandeira de Paschoal continuasse a sua marcha ou carregada de prisioneiros voltasse ao povoado, anonyma como tantas outras que percorreram o sertão; vencida voltou para o arraial, onde foi achado mais ouro.

Estava perdido o Aripoconé, mas estava achado o ouro nas margens abundantes do Coxipó-mirim.

Ficou então resolvida, no correr de 1718, a exploração do precioso metal que dá a riqueza, e, com a riqueza, o descanço e as commodidades da vida.

Os bandeirantes viam naquelle invento o fim de seus penosos trabalhos, a abundancia futura.

Melhoraram-se, então, os ranchos, fizeram-se casas, e lançaram-se á terra virgem as primeiras sementes para as culturas.

Passados alguns dias, porém, avistaram-se canôas nos rios.

Ataque dos indigenas encorajados pela victoria obtida?

Paulistas! gritaram das canôas.

Paulistas! responderam dos ranchos.

Não eram inimigos: era o conforto, o auxilio, era a bandeira dos Antunes Macieis, Antonio, Gabriel e Felippe Antunes Maciel.

Conhecida a agradavel nova do descobrimento do ouro, nessa paragem, a bandeira dos Macieis incorporou-se á de Paschoal Moreira; e, de commum accôrdo, ficou resolvido darem parte do descobrimento a d. Pedro de Almeida, governador da capitania que então ainda abrangia o territorio de Minas.

Dessa missão foi encarregado Antonio Antunes Maciel, que partiu com a sua bandeira.

No seu descobrimento ficou Paschoal Moreira, mas em situação precaria e triste: já havia perdido 8 homens brancos, fóra os negros, e muitos estavam feridos: já não tinha polvora, nem chumbo, nem meios de oppôr qualquer resistencia aos ataques que, porventura, lhe fizessem os indigenas: estava, como elle mesmo o confessava, sentenciado á morte pelo gentio.

Estava nessa lamentavel posição quando, nos fins de 1718, chegou ao arraial a bandeira de Fernando Dias Falcão, composta de 130 homens, que foi um soccorro inesperado tanto para quem o prestava como para quem o recebia.

Generosamente, com a sua tropa, fez Fernando Dias Falcão diversas entradas contra o gentio bravo, desinfestando as novas minas e estabelecendo a tranquillidade para os novos mineiros

Conhecedor da importancia do descobrimento feito por Paschoal Moreira, Fernando Dias Falcão deixar-lhe-ia soccorro de gente e

de munição e partiu para S. Paulo, afim de organizar uma expedição capaz de explorar proveitosamente as novas minas.

Devendo estar conhecido o seu descobrimento, Paschoal Moreira quiz garantir o seu direito de descobridor; foi então lavrado o seguinte termo:

«Aos 8 dias do mez de Abril de 1719 annos, neste arraial de Cuyabá, fez junta o capitão-mór Paschoal Moreira Cabral com os seus companheiros e lhes requereu a elles este termo do descobrimento novo, que achamos no ribeirão do Coxipó, invocação de Nossa Senhora da Penha de França; depois que foi o nosso enviado, o capitão Antonio Antunes, com as amostras, que levou do ouro ao sr. general, com a petição do dito capitão-mór, fez a primeira entrada onde assistiu um dia e achou pinta de um vintem, de dois e de quatro vintens e meia pataca: e a mesma pinta fez na segunda entrada, em que assistiu 7 dias, e todos os seus companheiros, ás suas custas, com grandes perdas e risco, em serviço de Sua Real Magestade; e como de facto tem perdido 8 homens brancos fóra negros; e para que a todo o tempo vá isto á noticia de Sua Real Magestade e seus governos, para não perderem seus direitos, e por assim ser verdade, nos assignamos neste termo, o qual eu passei bem e fielmente a fé de meu officio, como escrivão deste arraial. — Paschoal Moreira Cabral — Simão Rodrigues Moreira — Manoel dos Santos Coimbra — Manoel Garcia Velho—Barthazar Ribeiro Navarro—Manoel Pedroso Lousano—João de Anhaia de Lemos — Francisco de Siqueira — Ascenzo Fernandes — Diogo Domingos—Manoel Ferreira—Antonio Ribeiro—Alberto Velho Moreira — João Moreira — Manoel Ferreira de Mendonça — Antonio Garcia Velho — Pedro de Góes — José Fernandes — Antonio Moreira — Ignacio Pedroso — Manoel Rodrigues Moreira — José da Silva Paes.»

Esse termo era um documento de previdencia para garantia futura das mercês e postos, que o governo portuguez concedia aos descobridores de minas.

Naturalmente transformaram-se os bandeirantes em mineiros, e comprehenderam a necessidade de uma direcção superior a de um cabo de bandeira; tomaram então algumas providencias administrativas, que reduzidas a escripto, constam do termo seguinte:

«No mesmo dia, anno e mez atraz nomeados, elegeu o povo em «voz alta o capitão-mór Paschoal Moreira Cabral por seu guarda-mór «regente, até á ordem do senhor general, para poder guardar todos os «ribeiros de ouro, socavar, examinar, fazer com posições com os minei-«ros, e botar bandeiras, tanto aurinas como aos inimigos barbaros: «e visto elegerem ao dito capitão-mór lhe acatarão o respeito, que «poderá tirar autos contra aquelles que forem regulos, amotinadores «e aleives, sendo expulsos e perdendo todos os seus direitos; man-«dará pagar dividas: e nenhum se recolherá até que venha o nosso «enviado, Antonio Antunes, o que todos levamos a bem.»

De chefe de bandeira passara Paschoal Moreira Cabral a guarda-mór regente das novas minas por deliberação de seus companheiros, até novas ordens do governador da capitania, sendo provavel que lhe fosse confirmado esse posto que, segundo o costume, era dado aos descobridores.

Manoel dos Santos Coimbra foi designado escrivão do arraial.

Paschoal Moreira Cabral não se conservou inactivo; continuou as explorações nos ribeiros adjacentes; a 24 de Junho destacou uma bandeira, sob as ordens de Manoel Garcia Velho, que descobriu os ribeiros S. João e Santo Antonio, onde encontrou ouro.

A noticia do descobrimento das novas minas, levadas officialmente por Antonio Antunes Maciel, a d. Pedro de Almeida, rolava pela capitania como uma onda avassaladora de alegrias e promessas.

Numerosas expedições se formaram para ir desembaraçar a terra de seus filões auriferos; e o arraial engrossava-se com os recemvindos, marcando mais uma posse, atirando para o occidente a fronteira do Brasil, sacando do sertão virgem mais um territorio, o Matto Grosso, onde folgadamente podem se accommodar cem milhões de habitantes.

Paschoal Moreira depois de ter reservado, nas terras mineraes, a data de el-rei, repartira o resto pelos que estavam e pelos que chegavam, não se esquecendo da arrecadação dos direitos reaes que, a exemplo de Minas Geraes, foram fixados em duas e meia oitavas annuaes por pessoa, qualquer que fosse o officio que exercesse.

Em 1720, ahi chegaram, entre outros, José de Sá Arruda, Jacintho Barbosa Lopes, João Carvalho da Silva, os irmãos João Martins de Almeida e Innocencio Martins de Almeida, João Leite de Barros, José Pires de Almeida, Pedro Corrêa de Godoy, Fr. Florencio dos Anjos, carmelita, Jeronymo Botelho e André dos Santos Queiroz, ambos do habito de S. Pedro e fr. Pacifico dos Anjos, franciscano, irmão de Jacintho Barbosa Lopes.

Tambem lá chegaram os irmãos João Leme da Silva e Lourenço Leme da Silva, que tão tristemente haviam de acabar, e João Antunes Maciel, capitão-mór de Sorocaba.

Nesse mesmo anno ou em fins do anterior, tambem regressou Fernando Dias Falcão, depois de 20 de Abril de 1719, porque nessa data se achava em Sorocaba, mas já de partida, levando enorme bagagem e mais de 40 negros, entre os quaes havia ferreiros, carpinteiros e alfaiates.

Tendo prestado soccorros a Paschoal Moreira Cabral Leme e avaliado a importancia do novo descobrimento, viera a povoado, onde com a sua longa pratica de sertanista, de explorador de minas, adquirida nas geraes, organizou uma expedição numerosa e habilitada.

O conceito em que era tido o seu bom senso, o calor que punha em animar os timidos, em acoroçoar os abastados, a generosidade com que abria a bolça, emprestando grandes quantias áquelles a quem sobrava a ousadia, mas a quem minguavam cabedaes, decidiram muitos a incorporarem-se á expedição.

Desses emprestimos, cujo pagamento deveria ser feito na volta, aproveitaram-se Braz Mendes Paes, Gabriel Antunes, José Pompeu, Antonio Antunes, e outros de menor representação.

Já não era uma bandeira ousada e imprevidente á cata de aventura, sustentando-se, ao acaso, do mel que colhesse ou da caça que encontrasse; era, ao contrario, uma expedição providamente munida de todos os recursos que a época permittia, prevenida com todas as condições de resistencia, e que seguia para ir *á conquista do sertão e das minas, em serviço de Sua Magestade,* como declarava o seu chefe em requerimento feito á Camara de Sorocaba.

Fernando Dias Falcão, natural de Parnahyba, proximo a S. Paulo, era dotado de espirito arrojado e emprehendedor; no manejo integro dos dinheiros de orphams e ausentes, quando juiz em Sorocaba, tinha justamente grangeado fama de homem honrado.

Conhecedor da disciplina militar, como sargento-mór das ordenanças e capitão-mór que tinha sido em Sorocaba, estava já habituado ao mando.

Fôra elle quem, encarregado por D. Braz Balthazar da Silveira, governador de S. Paulo e Minas, creára a villa de Pitanguy, e nella levantára o pelourinho.

A' sua integridade moral, ao seu valor pessoal reunia o respeito que naturalmente inspirava aos que delle se approximavam. Era o chefe da expedição e ia ser a alma creadora e organizadora das novas minas.

De facto a sua chegada ás minas, com um reforço numeroso de pessoal escolhido, de instrumentos de minerar, de munições de ataque e defesa, infundiu alento e coragem, fazendo a esperança do bom exito bater em todos os peitos.

Em fins de 1720 foi abandonado o arraial de *S. Gonçalo*, e os mineiros, subindo o Coxipó, estabeleceram-se na *Forquilha*, onde formaram novo arraial.

Ahi levantaram uma capella, sob a invocação de N. S. da Penha de França, e nella celebrou os officios divinos, pela primeira vez, o padre Jeronymo Botelho, eleito para tal fim.

Para a exploração de minas não ia só gente boa: como era natural, atirava-se todo o mundo, gente de todas as classes e de todos os sentimentos, formando um pessoal heterogeneo, rude, meio feroz, difficil de ser dirigido, e no qual havia em germem, todas as luctas, o que constituia um perigo permanente de discordias intestinas, quasi sempre sangrentas.

Além disso o gentio dos arredores, não vendo com indifferença o estabelecimento dos invasores, procurava defender aquelle solo, que considerava seu, com ataques continuos, trucidando os mineiros que se aventuravam longe do arraial.

Nessas condições a direcção das minas, nesses tempos de brutalidade soez, reclamava mais que um capitão de bandeira embora valoroso: exigia um chefe energico que, pela sua coragem, disciplina, despreso ao perigo, iniciativa propria, conhecimento exacto das necessidades dos mineiros, independencia pecuniaria, impuzesse unidade ás ordens e respeito ás deliberações.

«Paschoal Moreira Cabral era um paulista dos bons, chão, sem letras, pouco polido, de agudo entendimento, trabalhador e habil mineiro; mas era homem sem maldade, sincero, caritativo em extremo, servindo a todos com o que tinha e que podia.»

Se bem que corajoso, cheio de valor pessoal, era um *bom;* mas o arraial precisava de um *forte.*

Os mineiros confusamente sentiam que lhes faltava a direcção competente, capaz de garantir o bom exito da empresa, agora que se vizinhavam dos castelhanos.

Isso andava no ar, accentuava-se e só era amortecido pelo receio de desagradar a Paschoal Moreira.

Todo o mundo estava já convencido de que o *forte,* o capaz de assumir com proveito a direcção das minas, era Fernando Dias Falcão, que além do mais, era muito opulento.

João Leme da Silva e Lourenço Leme da Silva resolutamente acabaram com as hesitações dos mineiros, e puzeram-se a frente do movimento, que devia entregrar o mando a Fernando Dias Falcão.

Promoveram uma reunião dos mineiros, na qual foi eleito Fernando Dias Falcão para chefe absoluto das minas, com o nome de *cabo maior,* ficando tambem assentado *conservar-se* Paschoal Moreira no posto de guarda-mór de seus descobrimentos.

Reduzidas a escripto essas deliberações, dirigiram-se á pousada de Fernando Dias Falcão, onde foi lido o termo por elles assignado.

Terminada a leitura, Fernando Dias Falcão, extremamente commovido apenas poude responder :

«Visto ser para bem commum de todos e para o serviço de S. M. aceito e farei toda a minha obrigação bem e fielmente.»

Essa eleição exprimia a unanimidade ou apenas a maioria? O que se pode affirmar é que ella foi acatada.

A Paschoal Moreira estava reservada a sorte de todos os descobridores: o abandono, o esquecimento, a pobreza.

Ainda era conservado guarda-mór das minas que descobrira: mas a maior parte dos poderes e das vantagens respectivas lhe fugia das mãos, deixando-lhe apenas uma auctoridade fiscal ou talvez puramente nominal.

Não era mais que um subalterno de Fernando Dias Falcão, este era chefe supremo, que podia fazer a guerra, compor e fazer pagar as dividas, resolver os casos imprevistos, que encerrava, em summa, o poder absoluto.

Apesar da sua bondade, Paschoal Moreira não acceitou de bom grado essa modificação de sua situação: porque a 15 de de Julho de 1722 fazia um requerimento ao rei d. João V, no qual allegando os seus descobrimentos, tão grandiosos como os de Minas Geraes, feitos com innumeraveis riscos de vida, penosos trabalhos, ruina de sua fazenda, perda de um filho, de quinze brancos e de alguns escravos mortos e comidos pelo gentio, mostrava achar-se pobre, destituido de cabedaes, com mulher, um filho e duas filhas: e por isso supplicava que o rei puzesse os olhos em vassallo tão leal que tinha enriquecido a corôa sem nada ter lucrado, concedendo-lhe *sem nenhum outro mandado que o impedisse naquella conquista*, a confirmação do posto de guarda-mór em que se achava e a nomeação de capitão-mór regente das minas de ouro do sertão de Cuyabá.

Sobre tal pedido o rei mandaria Rodrigo Cesar informar: e este, concordando com a confirmação do posto de guarda-mór, não acharia justa a nomeação de capitão-mór regente, porque Paschoal Moreira era já adeantado em annos e «pouca disposição tinha para tal incumbencia».

As mercês, foros de fidalgos, habitos de Christo, tão promettidos aos descobridores de minas, no alvará de 18 de Março de 1694, sumiram-se como se some o fumo varrido pelo vento.

O posto de guarda-mór, em que Paschoal Moreira Cabral Leme foi confirmado, pela carta regia de 28 de Julho de 1725, esse mesmo seria encaudado com o stigma de velho imprestavel e pouco lhe teria aproveitado porque elle morreria nesse mesmo anno de 1725, em Cuyabá, pobre e ignorado, aos 70 annos de edade.

Como quer que seja a escolha de Fernando Dias Falcão foi proveitosa e efficaz: organizou elle logo diversas bandeiras para o ataque ao gentio das immediações que, pelos seus assaltos repetidos, era uma ameaça constante á vida do arraial; e, a ferro e fogo, fel-o recuar para o interior, descortinando assim uma área vasta onde os mineiros podiam se entregar á mineração e ao descobrimento de novas lavras, com segurança relativa.

Excitado, por alguns mais turbulentos, houve um começo de perturbação que mostrava poder reaccender-se ahi a lucta, que ensanguentara Minas Geraes, a lucta entre paulistas e portuguezes.

As feridas estavam frescas, as cicatrizes ainda doloridas; os paulistas, com trabalho insano, descobriam minas das quaes todos se aproveitavam, era a queixa corrente.

Houve, por isso, quem pensasse em não admittir e expulsar das novas minas os portuguezes, os emboabas.

Mas bem diversas das de Minas Geraes eram as condições de existencia nas novas minas.

Cuyabá era um sertão longinquo com difficilimos meios de communicação com os povoados, coalhado de selvagens, sempre promptos a repellir com armas a invasão extrangeira; por isso um interesse commum, o da propria conservação, unia e ligava todos sem distincção de origem. Facil foi, pois, a Fernando Falcão

suffocar os prodromos dessa lucta, que perniciosa seria ao desenvolvimento das novas minas.

A fama aurea de Cuyabá continuava a attrahir aventureiros: grande parte das expedições experientemente organizadas, chegavam dizimadas pela molestia, pela fome e pela guerra com o gentio.

Apesar dessas vicissitudes, que eram de sobra conhecidas, os rios, que de S. Paulo levavam ao Cuyabá, formigaram de canôas conduzindo gente para a exploração do ouro facil e abundante: em 1721 já havia naquelles sertões mais de dois mil paulistas.

Em 1722 chegou o padre Francisco Justo, do habito de S. Pedro que em breve entraria em lucta com os irmãos Lemes, feito vigario de Cuyabá, demorando-se seis mezes no Carandá, onde levantou altar, por ter tido noticia que nas minas não havia mantimentos.

Em Outubro desse mesmo anno de 1722, Miguel Sutil natural de Sorocaba, subiu o rio Cuyabá, levando alguns camaradas para tratar das roças, que previdentemente tinha mandado plantar.

Não podendo esperar recursos dos povoados, pela demora e difficuldades dos transportes, essas roças eram a condição de vida para os mineiros que se abalançavam a tão afastadas paragens. Era preciso pois, plantar e esperar que a terra produzisse: e, emquanto esperavam, a alimentação consistia na pesca e no mel.

Chegado á sua roça, Miguel Sutil mandou dois indios, seus camaradas, com machados e cabaças, procurarem mel para a subsistencia durante a sua estada ahi.

A' noite voltaram os indios sem mel; Sutil enfureceu-se e descompôz violentamente os camaradas desidiosos.

Um delles, porém, com a calma que lhe dava a segurança de applacar coleras mais terriveis, respondeu-lhe:

— Vieste procurar mel ou buscar ouro?

E, assim, falando, tirou do seio 23 granetes de ouro, que pesavam 120 oitavas, explicando que os achára á flôr da terra, a não grande distancia dalli, onde ainda havia muito e muito.

Como as tempestades devastadoras do sertão do Cuyabá, passam celeres, deixando dias esplendidos, assim da alma de Sutil varreu-se a colera, substituida por uma alegria immoderada.

Era já noite, e não podia seguir immediatamente para o sitio ditoso. Como essa noite foi longa, como ella arrastou-se pesada como chumbo!

O somno reparador não visitou Sutil; na sua rêde de sertanista, o sorocabano revolvia-se sem cessar, erguendo castellos que uma duvida pungente logo derribava. Não teria o indio mentido? Não seria essa historia uma fabula arranjada com ouro roubado e que agora apresentava, para se livrar do castigo merecido?

Mas, porque havia o indio de mentir?

E de novo começavam os castellos, sonhos que elle acordado fazia e desfazia...

Na manhã seguinte, ainda com escuro, Miguel Sutil lançou-se da rêde sem saudades, e em companhia dos indios e de um camarada portuguez, de nome João Francisco, alcunhado o *Barbado*, por causa da longa barba que lhe chegava ao peito, seguiram para o logar indicado...

O indio não tinha mentido. Em granetes fulvos, lá estava o ouro por sobre a terra, offerecendo-se abundante e facil.

Sutil generosamente dispensou o Barbado, permittindo-lhe que ajuntasse para si proprio.

O dia todo consumiram colhendo ouro; ao cahir da tarde, quando os olhos já não divisavam o rebrilhar do metal querido, Sutil recolheu-se com meia arroba e o Barbado com 280 oitavas.

Tendo resolvido communicar a seus companheiros o maravilhoso descobrimento, para que elles tambem partilhassem da fortuna benefica, desceram, no dia seguinte o Cuyabá e subiram o Coxipó, até o arraial da Forquilha.

A generosa nova alarmou o arraial que, em massa, passou-se para as *lavras do Sutil.*

Ahi estabeleceu-se um novo arraial, o terceiro que, nas proximidades do rio Cuyabá, levantaram os mineiros.

A futura cidade de Cuyabá tinha ido por tentativas, como si apalpasse o terreno, estabelecendo-se então definitivamente.

Nas *lavras do Sutil* consagravam-se as minas de Cuyabá.

A região era riquissima era a maior mancha encontrada até então, e a sua exploração permaneceria largos e fartos annos.

Nesse mesmo anno, Jacinto Barbosa Lopes, o futuro provedor, levantou, coberta de palhas, uma capella sob invocação do *Senhor Bom Jesus de Cuyabá,* sendo a primeira missa celebrada por seu irmão, Fr. Pacifico dos Anjos.

Estava dado o nome ao arraial; mais tarde seria apenas legalizado.

Tambem, nesse anno, ahi chegou a noticia de que a capitania de S. Paulo, separada da de Minas Geraes, já tinha novo governador; era o reverso da medalha.

Um novo governador?

Mas, deveria ser a certeza da tranquillidade, da ordem na mineração, da garantia do trabalho de cada um, a certeza, emfim, da justiça.

Deveria ser. Mas a longa experiencia dos mineiros lhes ensinára que era o contrario de tudo isso; que um novo governador era a oppressão dos povos, era a extorsão dos impostos, apenas um reprezador impiedoso de quintos para a real corôa.

CAPITULO IV

Os irmãos Leme. Primeiros meios de governo de Rodrigo Cesar de Menezes. Sebastião Fernandes do Rego.

Assim se desenrolava a situação no Cuyabá, alargando-se rapidamente a zona explorada, cobrindo-se o territorio, até pouco desconhecido, de arraiaes que marcariam a posse portugueza, de capellas que affirmavam o poder da Egreja Catholica.

O insuccesso, na guerra feita aos emboabas, tinha encaminhado os paulistas para o centro do continente deserto; e elles já se achavam em terras que tinham conquistado com a força de seu braço, lavrando um terreno que sua audacia descobrira.

Os sertanistas, transformados em mineiros, ignorantes da auctoridade portugueza, continuavam, por iniciativa propria, a fazer a guerra ao gentio, a crear cargos e a provel-os, a impôr tributos, a regular as relações dos escravos com seus senhores, dos indios escravizados com seus administradores.

Tudo isso faziam, não com a preoccupação intencional de inculcar uma autonomia, de que conscientemente não cogitavam; mas muito naturalmente, por estarem obliteradas as relações de obediencia, que os deveriam ligar ao soberano ou aos seus delegados.

Jamais a vida municipal fôra tão forte e vigorosa, como no seculo XVII: gosavam os paulistas de uma autonomia municipal ampla, temperada por uma especie de plebiscito. Isso não estava nas leis; mas fizera-se aos poucos, incorporando-se nos usos e costumes, e transmittindo-se como um patrimonio de que ninguem duvidava.

Era um regimen em que, quando se tratava do interesse commum, o povo se reunia, não para impôr, porque em geral agiam todos de accordo, mas para dar a conhecer a resolução collectiva, que, no seu entender, se legalizava, adquiria força obrigatoria, pela adopção por parte do senado da camara.

Habituados, no decorrer de seculos, a esse regimen, quando se tratava das empresas particulares, dessas longas e perigosas travessias do sertão, pediam ordens às suas forças e aos seus interesses.

A unica auctoridade, que sentiam, era a dos donatarios, por demais frouxa, e que, de longe em longe, se manifestava na creação de villas e no provimento de alguns cargos.

Um insuccesso completo tinha acompanhado a distribuição da America Portugueza em donatarias a vassallos da corôa: a estes falleciam recursos de dinheiro e de gente, para transformarem os seus vastos desertos em culturas productivas, de modo que elles os foram abandonando, desinteressados desses presentes que só prejuiso lhes causavam.

Nas capitanias de S. Vicente e Santo Amaro, ao sul, a auctoridade dos donatarios, já amortecida, confundia-se e enfraquecia-se mais, com as questões judiciaes entre as casas de Vimieiro e Monsanto, representantes dos primitivos donatarios.

Longe da metropole, com communicações difficeis e raras, os paulistas viviam meio esquecidos e abandonados, de modo que a acção governamental, quando lhes chegava, passava despercebida.

Dos reis portuguezes apenas conheciam lisongeiras cartas de agradecimento, que os elevavam acima de sua condição de vassallos: e agora tinham noticias do lado peor, da manifestação extorsiva— *do fisco:* o lado benefico, a revelação tutelarmente protectora, a unica razão por que se querem e se acceitam governos—a justiça— era completamente desconhecida.

Mas, como ella não póde absolutamente se separar dos homens, desde que vivam em sociedade, alguns tomavam o logar da justiça legal, sempre ausente, e faziam justiça por suas proprias mãos: justiça que, aos olhos da metropole, quando o descobrimento das minas vinha lembrar a existencia dessa gente, passava a ser crime.

Certamente em alguns desses actos havia excessos; se reeditavam pormenores barbaros de que a Europa estava cheia; talvez que a impunidade de alguns acoroçoasse outros; que essa justiça já se chamasse vingança, e que mais tarde, fosse invocada a servir os instinctos bestiaes desses homens.

O abuso é proprio da natureza humana.

Tudo isso era provavel, era fatal mesmo, dado o estado de abandono em que se encontrava a colonia.

Nessas circumstancias achavam-se alguns nas minas de Cuyabá; entre elles sobresahiam os irmãos Lemes que, pelas suas relações de parentesco, pelo numeroso de seu sequito, que a sua fortuna e generosidade sustentavam, constituiam uma força e um poder. Como elles muitos outros existiam na capitania de São Paulo.

E, para arcar com essa força e esse poderio, estava em São Paulo Rodrigo Cesar de Menezes com seus indisciplinados officiaes de sala, sem tropas, odioso como representante do fisco, detestavel como patricio dos emboabas, suspeito como orgam da auctoridade.

Rodrigo Cesar sentia a falsidade de sua posição na capitania de São Paulo. Mais como particular que como governador, obtinha noticias de Cuyabá, conseguindo saber do estado das minas por proprios que para lá despachava, e pelas informações que solicitava dos sertanistas, que vinham a povoado, chamados por suas necessidades.

Essas informações, agradaveis quanto á permanencia e abundancia do ouro, enchiam o seu espirito de apprehensões mortificantes quanto á docilidade dos sertanistas, não acclimatados á

submissão incondicional que, naquelle tempo, constituia pedra angular do edificio administrativo.

— As cousas estão vidrentas, suspirava Cesar em todas as suas cartas ao rei e ao vice-rei.

E, nos seus receios, que chegavam a ser insensatos ou propositalmente exagerados para apanhar soldados, de que tanto carecia, duvidava da fidelidade dos paulistas: e presagiava que elles podiam ir prestar obediencia a quem melhor os attendesse, ao castelhano, por exemplo, que não se achava á grande distancia.

Era para recuar: mas o ouro cuyabano, brilhante e seductor, entregando-se num abandono opulento e promettedor de quintos sem conta, lá estava para chumbar Rodrigo Cesar na capitania de São Paulo.

O que elle ignorava, era que o espirito de aventura entrava em decadencia no povo paulista, e que uma immigração numerosa de habitantes do reino, conhecedora dos direitos do rei e das obrigações de vassallos, entrava em larga escala, insinuando-se em todas as camadas como uma força ponderadora a estabelecer o equilibrio na capitania, a dar uma nova physionomia, a formar, por assim dizer, uma nova sociedade, na qual os antigos elementos não podendo eliminar, desappareciam assimilados, embora assimilando tambem.

Esses factores, completamente desconhecidos de Rodrigo Cesar, concorriam efficazmente para que elle com exito inaugurasse uma politica astutamente hypocrita, surrateiramente tortuosa por elle mesmo denominada de prudencia, affabilidade, industria, temperilhos com que levava aquella gente.

Na sua opinião, o genio dos paulistas era differente do dos outros homens; e, nelles, a vaidade, *vicio que neste clima e em taes homens mais se conserva*, se antepunha a qualquer conveniencia.

Certo disto, começou a explorar, epistolarmente, a vaidade dos paulistas.

O seu secretario, Gervasio Leite Rebello, não tinha descanço: eram cartas e mais cartas para as pessoas principaes da capitania: não ia portador para as minas que não levasse cartas do governador.

Os mais poderosos, os que tinham maior sequito, e que, por consequencia, eram os mais perigosos, eram os que possuiam as suas solicitas letras.

Nellas mostrava-se tolerantemente paternal, aberto a todos os esquecimentos, deixando entrever honras, fóros de fidalgo, acenando com habitos militares, promettendo mercês, de que todos eram dignos.

Assim communicava a sua chegada tempos depois:

— Sua Magestade, que Deus Guarde, foi servido nomear-me por Governador e Capitão-General desta capitania e seu districto, attendendo ás muitas representações que lhe fizeram a respeito de ser preciso separar este governo do de Minas Geraes, por serem os moradores desta cidade, e das mais villas que ficaram annexas a elle, mais perto o recurso, donde promptamente podem ser attendidos, e supposto achei a noticia certa logo que tomei posse deste governo, que Vmce. se achava na importante diligencia do novo descobrimento de Cuyabá, espero que pela sua intelligencia, actividade e prestimo, se consiga o que todos Vmces. desejam; tocando a Vmce. a maior parte deste serviço, por ser o primeiro que intentou fazel-o, e S. M. que Deus guarde, não deixará de remuneral-o, e eu não me escusarei de ser procurador dos augmentos a V. Mercê, sendo acredor delles, as suas prendas, e merecimentos, e não ha de menos importancia a boa união que entre V. Mercê deve haver, porque com ella se faz melhor serviço de Deus, e de S. M. e se conseguem tambem as maiores fortunas.

Pelas incertas noticias, daqui tenho tido, me resolvo mandar o Capitão Francisco Sutil de Oliveira que sem mais interesse, que o serviço que S. M. se expôe, a jornada tão trabalhosa.

Espero que V. Mercê me diga com toda a individuação, o que se tem feito, e se os castelhanos, ou gentios intentaram embaraçar a diligencia. advertindo a V. Mercê senão deve de fazer hostilidade alguma aos Castelhanos que como temos com esta nação hoje paz. devemos conservar com elles boa amizade porque assim o ordena S. M. que Deus guarde. Da parte do dito sr., seguro a V. M. será muito bem attendido, o serviço que lhe fizer, e eu não me descuidarei em dar gosto a V. Mercê segurando-lhe, que em tudo que for de seu augmento me empregarei para adiantal-o com boa vontade. Deus guarde V. Mercê muitos annos. S. Paulo, 4 de Outubro de 1721.

Maior servidor de V. Mcê. e não menos empenhado em seus augmentos.

Rodrigo Cesar de Menezes.

Essa carta era uma especie de circular dirigida a Paschoal Moreira Cabral. Fernando Dias Falcão. Braz Mendes Paz. João Antunes Maciel. Domingos Rodrigues do Prado. Lourenço Leme da Silva.

A estes dois ultimos. cujos crimes já o governador conhecia. accrescentava mais um capitulo :

> Tambem me parece dizer a V. Mcê. que lhe será muito util, não só para seus requerimentos, mas ainda para seus despachos, intentar, ou para melhor dizer, conseguir abrir o Caminho. pois o seu poder e actividade e prestimo seguram ainda mais difficultosas empresas, etc.

Essas cartas visavam mostrar entre lisonjas e adulações, a dependencia dos paulistas para com o rei portuguez, o cofre das graças, e dar a entender que o capitão-general era o canal dessas honras, por onde ellas correriam, inundando a capitania de S. Paulo.

A Rodrigo Cesar, o governador que reclamava soldados, que pedia forças, auctoritario e violento como os acontecimentos iam demonstrar, muito deveria custar o escrevel-as.

Entretanto ia-se sujeitando; e se conformava até com actos administrativos dos paulistas, nas minas; como quando foi da eleição de Fernando Falcão e Paschoal M. Cabral, para cabo maior e guarda-mór, por ser necessario levar aquella gente, com algum temperilho, que, em semelhantes occasiões, é o que mais vence.

As primeiras cartas, apesar de tão dulçurosas, não encontraram bom agasalho, nem mereceram as honras de resposta; mas a insistencia epistolar delle era tão tenaz que foi amollecendo, dissolvendo o gêlo paulista, até conseguir cartear-se, receber novas das minas. Estava ganho um grande passo: o reconhecimento de sua auctoridade.

Ao rei pedia continuamente o perdão para os crimes de alguns paulistas que estavam nas minas *por serem intelligentes e poderosos, parecendo-lhe que só com mercês se poderiam contentar: porque a vaidade os obrigava mais que qualquer conveniencia*: E PRINCIPALMENTE PORQUE DISPONDO DE GRANDE PODER E, ACHANDO-SE A GRANDE DISTANCIA, NENHUM MAL SE LHES PODERIA FAZER.

João e Lourenço Leme eram citados nominalmente, e no perdão delles se punha especial empenho.

Nessa diplomacia adulatoria e vesga consumiu 1721 e 1722 para poder ferrar no dorso paulista a ventosa que havia de sugar os quintos reaes.

Desde 1719 achavam-se, nas minas de Cuyabá, os irmãos Lourenço Leme da Silva e João Leme da Silva, e um seu primo, Pedro Leme da Silva.

Eram descendentes de familia originaria de Flandres, donde um ramo passou-se para Portugal, corrompendo em Leme o appellido primitivo—Lems.

No Brasil, a familia vicejou, numerosa e importante, do robusto tronco Antão Leme que, vindo do Funchal, na ilha da Madeira, já era em 1544 juiz ordinario em S. Vicente.

Os Lemes tinham o seu nome associado aos antecedentes heroicos da capitania.

Conta-se dum delles, Pedro Leme, alcunhado o *torto*, pae de João e Lourenço Leme que, em uma das entradas ao sertão, nas paragens da *Vaccaria*, onde se encontrára com uma expedição hespanhola, simples soldado de uma bandeira paulista, rasgára despejadamente um papel, um termo, que a habilidade castelhana tinha já conseguido da simplicidade dos officiaes de sua bandeira, reconhecendo nesse territorio o dominio da corôa hespanhola.

Deante do acto insolito, o commandante hespanhol só poude murmurar um insulto:

—*Mirem el torto!*

—E coxo tambem, accrescentou Pedro Leme, mas que conhece os direitos de Portugal e a ousadia dos castelhanos.

Pedro Leme occultava num corpo torto e coxo uma alma direita e inteiriça.

João e Lourenço Leme tinham se creado e educado nessa vida aventurosa e semi-barbara dos sertões, em contacto directo com os indios ferozes, no meio de brancos crueis; o melhor de sua vida fôra consumida em entradas ao sertão, nas quaes se matava a fome comendo mel, e se saciava a sêde chupando raizes de arvores.

Opulentos por suas riquezas, duramente accumuladas, eram poderosos pelo seu numeroso sequito, necessario para as suas temerarias empresas.

Valorosos e atrevidos, eram os primeiros a se atirarem ás passagens mais arriscadas; generosos até a prodigalidade; caprichosos e auctoritarios, desdenhavam as vontades acimas das suas, não conheciam as que estavam abaixo: despoticos decidiam as questões ao estrondo das armas: vingativos até o requinte da crueldade, deveriam ser odiados, mas eram temidos e respeitados.

Homens, como esses, inspiram dedicações que vão ao fanatismo, fazem odios que só terminam com o sangue.

Os Lemes não constituiam um caso isolado, eram antes o caso typico da capitania de S. Paulo. Ainda hoje elles se reproduzem nos *mandões de aldêas*, cuja vida é um complexo de actos generosos e de factos repugnantes.

Elles tinham estado nas lavras de Minas Geraes, donde se tinham passado para os novos descobrimentos de Cuyabá.

Em caminho para lá, no sitio do Rio Pardo, obrigaram o padre André dos Santos Queiroz a celebrar o casamento de uma filha bastarda de Lourenço Leme com Domingos Fernandes, affirmando, para salvar as apparencias, que para isso tinham licença do padre Manuel Bicudo de Campos, ultimamente nomeado vigario de Cuyabá.

Em Camapuan, João Leme, que levava em sua companhia, para desenfado das longas noites do sertão, uma carijó de sua administração, descobre que era trahido.

A india entregava-se ao branco; mas partilhava seus amores com um *carijó* seu patricio, concorrendo para as suas entrevistas um rapaz de sua raça.

Conhecido o facto, João Leme, n'um simulacro odioso de justiça, decreta a morte dos tres, proporciona-lhes os soccorros espirituaes da confissão pelo padre Antonio Gil, e fal-os executar.

Ao rival, porém, João Leme, transtornado por uma allucinação hedionda, ajuntou uma tortura barbara e humilhante; castrou-o antes da morte, e, após, esquartejou-o com suas proprias mãos, saciando no cadaver o ciume bravio que tinha cevado no vivo.

Em Cuyabá, dando largas ao seu genio sequioso de mando, tinha encaminhado, dirigido, obrigado até, a eleição de novas auctoridades para as minas.

Por ventura, os novos eleitos tiveram velleidades de independencia, porque, mais tarde, esses inquietos paulistas hão de empenhar-se, fazer questão capital da demissão de Fernando Dias Falcão, o cabo maior regente eleito por sua influencia.

Em Cuyabá, o padre Francisco Justo, vigario da vara, fôra substituido pelo padre Manoel Campos Bicudo, e recusava-se a passar a jurisdicção, sob o pretexto de que não estava esgotado o tempo da provisão.

Formaram-se partidos a favor dos dous padres, e a lucta travou-se.

Os Lemes mostraram-se parciaes de Manoel Bicudo de Campos: Francisco Justo annulla o casamento da filha bastarda de Lourenço Leme, feito em Rio Pardo.

Os Lemes, enfurecidos, decidem summariamente o conflicto pelas armas, mandando dar uma descarga na casa de Francisco Justo de que resultou a morte de um camarada do padre, que assustado largou a egreja e embarcou-se para S. Paulo.

Manoel de Campos assumiu a vara e confirmou o casamento annullado pelo seu antecessor. Antes desses factos, em Itú, João Cabral não consentiu no casamento de uma de suas filhas com Angelo Cardoso: os Lemes roubaram a moça, fizeram casal-a com seu pretendente, dotando-a com os proprios bens do pae, tirados á força de armas.

Elles e seu primo Pedro Leme apoderaram-se violentamente de tres filhas naturaes, legitimadas, do mesmo João Cabral, e as prostituiram, fazendo-as suas barregãs.

João Cabral enlouqueceu de desgosto, perdendo logo a vida, a unica cousa que ainda lhe restava.

Mataram Antonio Fernandes de Abreu, descendente do honrado paulista de egual nome que, no terço de Domingos Jorge, obrára milagres de valor, no ataque e destruição dos Palmares, em Pernambuco.

Esse rosario longo de infamias e monstruosidades fariam ver, nesses homens, scelerados excepcionaes, si elles não tivessem medrado num pedaço abandonado dos dominios de D. João V, durante o apodrecido alvorecer do seculo XVIII, proverbial pela depravação e crueldade dos costumes.

Que ha que maravilhe ver colonos da inculta America raptarem, estruparem e assassinarem, quando, em Lisboa, o rei espojava-se no leito das freiras, entre pias de agua benta; os principes de sangue experimentavam suas armas na marujа alegre; os principaes fidalgos matavam em bandos pelas ruas da capital, e capellães de origem illustre prostituiam suas confessadas, mesmo as da primeira nobreza.

Esses factos, sobradamente conhecidos na capitania, não poriam rosas nas faces, nem horror no coração do brigadeiro governador affeito ao esterquilinio da côrte.

E não punham; tanto que Cesar, em todas as suas cartas ao rei e ao vice-rei, instava para que os Lemes fossem perdoados, galardoados com mercês pecuniarias, premiados com habitos honorificos.

E, embora por politica, mantinha com elles uma correspondencia amistosa, na qual se mostrava todo disvellos, todo cuidados para o engrandecimento delles.

Em 31 de Maio de 1722, ainda escreveu-lhes carta amavel, que os encontrou em caminho, porquanto em Janeiro de 1723 os Lemes chegaram a Sorocaba, acompanhados dos indios de sua administração, com arcos e flechas, dos mamelucos seus camaradas, e de negros, seus escravos, com mosquetes e arcabuzes.

Vinham encommendar mais escravos e comprar mantimentos, necessarios para o exito efficaz de sua exploração nas minas.

Sabedor de sua chegada, Rodrigo Cesar convidou-os a se apresentarem, em palacio, convite que elles recusaram: receiavam, sem duvida — ingenuidade de sertanista — que os seus crimes não estivessem esquecidos, ou entenderam que nada havia de commum entre elles e o governo de S. Paulo.

Foi então que Rodrigo Cesar fez todas as instancias, empregou todos os esforços para que elles viessem a sua presença: convites, ordens, rogos, tudo salvaguardado por uma *carta de seguro*, concebida nestes termos:

> *R.º Cesar de Menezes* — Por me constar que os Capitães Lourenço Leme da Silva e João Leme da Silva, pessôas principaes desta capitania vieram do novo descobrimento das minas de Cuyabá, e se acham na de Sorocaba do districto desse governo, e ser necessario que venham a minha presença, para com toda a individuação me informarem, não só d'aquelle descobrimento, mas de varios particulares pertencentes a El-rey, meu Senhor: Ordeno aos ditos Lourenço Leme da Silva e João Leme da Silva, venham a minha presença, para o que se for necessario lhe dou neste seguro real, em nome do dito Sr. debaixo do qual poderão vir e tornar a voltarem, e poderão fazer em (1)... as, e armas, que lhe forem necessarias, para sua guarda, e d... de guerra

pago, ou da ordenança. Ministros. officiaes... desta capitania, nem outra qualquer pessoa poderão... com elles, porque assim o ordeno por ser conveniente ao serviço de Sua Magestade que Deus guarde e esta ordem se registará nos livros da Secretaria deste Governo. Dado nesta cidade de S. Paulo aos 27 dias de Janeiro de 1723. — O Secretario do Governo, Gervasio Leyte Rebello o fez — *Rodrigo Cesar de Menezes.*

Vivia, nesse tempo, em S. Paulo, Sebastião Fernandes do Rego, filho de Portugal, sujeito macio, servical, lisongeiro até á adulação servil, desses que nunca offendem, que não incommodam, cuja palavra e cujo gesto jámais se cançam na arte de agradar; intelligente e velhaco, perverso até o crime, sabendo, porém, fazer as cousas, de modo a não se ficar mal, a não deixar rastro.

Fino e esperto, soubera, com offerecimentos adequados, insinuar-se no animo de Rodrigo Cesar, a ponto de dominal-o, de dirigil-o em prol de seus interesses inconfessaveis.

Pondo essas qualidades a serviço de um desejo aspero de enriquecer, não recuava deante de torpezas ardilosas e tetreiras para accumular cruzados, objecto de toda a comedia de sua vida, fim unico de sua sahida de Portugal.

Sebastião F. do Rego farejou os Lemes e sentiu que nelles estava o começo de sua fortuna.

Chegando a S. Paulo, os dous irmãos Lemes ficaram hospedes de Sebastião Fernandes do Rego, que se esmerou em obsequial-os, attonito deante da generosidade rude desses homens, que espalhavam e distribuiam ouro com a indifferença dos opulentos.

Insaciavel era o appetite de Rego, mas inesgotavel era a bolsa dos Lemes.

Sebastião do Rego estava sempre prompto a facilitar-lhes os trabalhos, a aplainar as difficuldades que surgiam, indicando a quem deviam presentear para socegar consciencias que só pediam socego: os magnatas da terra, o ouvidor Godinho Manso, os officiaes de sala, fulano, beltrano, emfim, numerosos foram os conhecimentos travados com os surrões aureos dos Lemes.

O valido do governador era incansavel, multiplicava-se: inculcava a sua longa pratica de negocios, as suas estensas relações com o commercio da metropole e com os mercadores de escravos da costa da Africa. Conhecia o valor de uma *peça*, só pelo modo de andar.

Era um homem precioso, Sebastião Fernandes do Rego. Em S. Paulo só se fallava nos Lemes; na sua coragem, nas suas empresas atrevidas, no seu poder, nas riquezas, que deslumbravam.

Habituados a serem temidos, os Lemes encontravam um deleite novo na adulação assucarada de Sebastião do Rego, e nos applausos e obsequios que de todos os lados recebiam.

João e Lourenço Leme, resolveram, emfim, a se apresentar na *sala* da residencia governamental, nas casas de d. Simão de Toledo Piza.

Rodrigo Cesar recebeu-os entre poderoso e paternal: um mixto de reserva e affabilidade, rodeando-os, entretanto, de attenções.

Indagou novas das minas, producção e permanencia: elogiou o caracter dos paulistas e particularmente o dos Lemes: paternalmente sermoneou-os sobre as culpas, que elle esquecia e S. M. perdoava aos seus vassallos estimados: incidente e ligeiramente alludiu á qualidade de general, ás forças de que dispunha em Santos, ao irmão vice-rei do Brasil: chegou mesmo a mentir, dando a entender que podia puxar um terço da infanteria, do Rio de Janeiro: e acabou promettendo-lhes habitos militares, honras, fóros de fidalgo e

assegurando-lhes todo o seu valimento para obtenção dessas mercês, mais que justas e ás quaes elles tinham incontestavel direito.

Os Lemes protestaram que outra cousa não os movia sinão o real serviço de S. M. e sahiram encantados dessa entrevista, seguros da bondade, crentes na amizade do governador.

Voltaram para a casa de seu hospede, Sebastião Fernandes do Rego, outro amigo. Decididamente S. Paulo estava um paraizo e seus habitantes gente bôa, gente amiga.

Precisavam comprar escravos, mantimentos e fazendas, e quem melhor poderia encarregar-se dessa acquisição que o seu hospede, amigo e obsequiador, para quem tudo era tão facil; e, depois, talvez fosse offensa encarregar a outrem.

Entregaram, pois, avultada somma a Sebastião F. do Rego, para as compras de que necessitavam; talvez mesmo lhe confiassem grande parte da sua fortuna e recolheram-se á villa de Ytú. Esses negocios faziam-se sob palavra, não se passavam documentos; e para que exigil-os do hospede prestadio, do amigo do general?

Em S. Paulo o prestigio dos Lemes augmentava sempre.

Querendo tomar algumas providencias sobre as minas de Cuyabá, e quiçá repartir responsabilidades e estabelecer solidariedade, o governador reuniu, em palacio, o ouvidor geral, os officiaes do Senado da Camara e os principaes da terra.

Nessa reunião, depois de approvadas algumas medidas, cogitando-se sobre quem seria o encarregado da cobrança do imposto de ouro, todos a uma voz, sem discrepancia, concordaram em que não podia ser outro sinão Lourenço Leme, paulista dos principaes, activo e intelligente, conhecedor das minas, e poderoso, tanto de parentes como de escravos.

Essa resolução tomada a 7 de Maio de 1723, foi reduzida a termo, assignado pelo governador, ouvidor Manoel de Mello Godinho Manso, Manoel das Neves Silva, Manoel do Prado de Siqueira, Pedro Gonçalves Meira, Pedro Taques Pires, Balthazar da Cunha Bueno, e vereadores, Manoel Luiz Ferraz, José de Góes e Moraes, João Dias da Silva, Diogo de Toledo Lara, Pedro Dias da Silva, José Pinto Guedes, Matheus de Siqueira, João de Figueirós da Silva, José de Mattos, Antonio de Siqueira Albuquerque, Francisco Rois Guerra, Antonio de Camargo Ortiz e Pedro Taques de Almeida.

Rodrigo Cesar de Menezes, de accôrdo com essa resolução, nomeou Lourenço Leme da Silva provedor dos quintos e, por deliberação propria, nomeou João Leme da Silva sargento-mór das minas: e enviou as nomeações em carta lisongeira, por Sebastião Fernandes do Rego, que pressurosamente partiu de S. Paulo, a 25 de Maio de 1723, com destino a Ytú, onde estavam os Lemes.

Teria sido por instancias e habilidade de Sebastião F. do Rego, que o governador o encarregou dessa diligencia, que deveria ser feita por um dos officiaes de palacio ou por um proprio qualquer.

Porque foi Sebastião, inteiramente extranho á administração? Era que, naturalmente, no espirito deste já se tinha formulado nitidamente o plano refece, a que os Lemes inutilmente succumbiriam.

A suppressão dos Lemes era a fortuna para o gatuno audaz: desapparecidos os Lemes, por mão da justiça, os grandes capitaes destes, a elle confiados, sumiriam nas suas mãos habeis, pois que delles a ninguem daria conta.

Sabia-se que os Lemes lhe tinham confiado sommas do ouro; mas o *quantum* dessas sommas era ignorado, era segredo que com elle ficaria, após a morte de seus donos.

O mal era que o governador, fiel ainda á sua politica hypocrita de agradar, sustentava os Lemes; mas nos penetraes de sua

intelligencia perversa, Sebastião tinha certeza de encontrar ronhas, para chegar ao desejado intento.

Si os Lemes aceitassem as nomeações feitas pelo governador, o seu plano recuava, e, quem sabe, talvez se desfizesse: era indispensavel, pois, que elles recusassem, e com estrondo, de maneira que se indispuzessem sériamente com o governador; para a consecução de tal fim, a sua presença junto dos Lemes era indispensavel.

Seria elle, pois, o portador das cartas de nomeação; obtido isso, o resto corria por sua conta.

Facil foi conseguir do governador essa tarefa; e eil-o a caminho para Ytú, onde chegou, com tres dias de viagem.

Lá foi hospede dos Lemes, que requintaram em retribuir as finezas recebidas em S. Paulo.

Pouco tempo levou a preparar as suas victimas, porque dois dias depois obtinha as recusas dos Lemes.

A 28 de Maio despachou para S. Paulo o ajudante Pedro da Silva com tres cartas para o governador: uma sua, outra de João Leme e outra de Lourenço Leme.

A sua rezava assim:

Exmo. Sr.

Muito meu Senhor: cheguei a esta Villa com tres dias de viagem, fazendo a entrega das Cartas de V. Ex.ª aos Lemes, ficando Lourenço Leme da Silva muito satisfeito com o emprego de Provedor dos Quintos com qual conheceria V. Ex.ª grande serviço que havia de fazer a sua Magestade, o não ficou o seu Irmão João Leme da Silva, com a patente de Sargento-mór, dizendo que nas Minas Geraes havia occupado maiores empregos, como o de Capitão-mór Regente, e que a não havel-o sido, lhe bastava ser quem era p.ª nas minas de Cuyabá, sem emprego algum, conservar o seu respeito; com o qual havia feito regente

dellas a Fernando Dias, por elle não querer ser a eleição do Povo e por lhe parecer ser o d.° desempenharia a eleição do cargo: o que sentindo agora em contrario, e, querendo fazer serviço a S. Magestade, havia pretendido occupar o posto de Marechal de Campo Regente: e que a V. Ex.ª o não havel-o por bem, lhe não podia ter a mal o não acceitar outra algũa Incumbencia: a advertio a seu irmão que sem vir o Regimento, e as ultimas Ordens para por ellas ver si era Provedor Supremo, não estava bem acceitar: ao que ultimamente respondeu Lourenço Leme da Silva ficar de qualquer modo satisfeito, porem que visto elle o não estar com o emprego a seu gosto, o tinha de não acceitar tambem algum, pois tendo sido sempre o seu fiel companheiro em todos os trabalhos, queria o fosse nas bonanças, e com a vantagem de mais velho, e por mais geitos que nestes dias lhe tenho buscado por todos os modos lhe não acho algum de tomarem outra resolução, mais do que a de partirem para Ryo abaixo, donde com mais Sigurança esperam a ultima resolução de V. Exa. na resposta que mandão, querendo mais brevemente seguir jornada; e dizendo ultimamente que Fernando Dias não ha de exercer occupação de Regente, e que só se satisfarão que outrem o seja. Não ignoro o cuidado que estas coisas dam a V. Exa. a quem Deus permitta dar Divinos auxilios para se haver com acerto que em tudo costuma seu prudentissimo Zelo, para o bem commum, socego dos povos e estabelecimento daquellas ruinas, e maior serviço de El-Rei, meu senhor, que tam pouco provimento tem nesta comarca, para se poder fazer algum melhor cumprimento de justiça. Acho-me impedido de ir a Sorocaba tratar dos mais particulares que tanto importão em haver a grande desconfiança que os ditos tem do tenente-coronel Joan Antunes e da conversação que com elle se tenha: e lhe occultei as de V. Exa., para o Thomé de Lara, e

lhas remetti por um proprio junto com a que de V. Exa. Recebi (e muito lhe rendo as graças pela honrosa lembrança) e lhe remetty, o Relogio, e o mais que para elle tinha, dando-lhe o mais possivel conta de tudo isto, e pedindo-lhe o seu parecer e noticia do mais, sendo que me parece elle se não quererá muito declarar por Papel, e acha difficil podel-o fazer de palavra: que basta não poder muitas com o ajudante Pedro da Silva, portador desta pela desconfiança dos ditos como melhor poderá o dito portador expor a V. Exa., como carta viva; e logo que chegar o portador de Sorocaba, me serey com V. Exa., pois não posso tratar de outra, ou remetterey promptamente com a resposta das cartas de Manuel Homem, que até agora não são apparecidas, e o irmão as manda tambem procurar.

Gaspar de Godoy Moreira está para se receber com a sogra de Lourenço Leme, com quem muito se trata, e sem duvida lhe virão ás mãos as cartas que V. Exa. mandar pelo Padre Antonio de Souza, e isto digo com a certeza que elles procuram saber de todas as que V. Exa. remetter para estas minas, e se lhe não o occultará algũa de que descontiem: como para Fernando Dias, e assim se haverá V. Exa. com a prevenção necessaria; sem duvida que se mostrarão muito obrigado ás honras de V. Exa. e dizem mostrarão seu dezempenho com grandeza, e não menos a sua obediencia no reçebimento que pertendem vir fazer-lhe no caminho, na certeza que vae na monção vindoura e que logo farão partir ao Padre André dos Santos para seu Capellão e pratico.

Os ditos Lemes hiam sem duvida ao sitio dos Penteados ter com o Dr. Ouvidor Geral, de que mostrarão contentamento, quando em caminho onde me foram esperar lho expuz; porem com a resolução de se retirarem o não fazem; e tambem dou conta ao digno Ministro. Cá a João Leme disse não ser V. Exa. sabedor de que elle

ouvesse occupado postos, nem eu sabia; nem quem lhe representasse fico muito certo no serviço de V. Exa. a quem *Deos* com saude e prosperidade de seu desejo guarde por felicissimos annos. Ytú 30 de Mayo de 1723. Beija os pés de V. Exa., seu reverente criado Sebastião Fernandes do Rêgo.

A carta de Lourenço Leme era assim concebida:

Exm. Sr.

Muito meu Sr. — Recebi a carta de V. Exa. e nella incluso o provimento da provedoria das minas, de que lhe rendo a V. Exa. as graças de tão grande merce e honra que me faz. Mas como eu e meu Irmão abalacemus das minas se mais outro nenhum sentido do que dar a saber a V. Exa. e ao povo que nós heramos obedientes a Sua Magestade e aos seus generaes e ministros, e não rebeis nem levantados porque a querermos sellos não buscariamos meyos tão pacificus como os que buscamus.

Como tão vê sendo o maior empenho o vermês de que sorte poderá Sua Magestade que Deus guarde Ser mais vê mais servido e a sual real fazenda augmentada, e como V. Exa. não ignora que nós fomus o verdadeiro enstrumento para que na pessoa de fernãodo dias. Se fizeSe anomeação de Capitão Mayor Regente pois de outra nenhuma Sorte o Seria.

Entendendo que elle poderia exercer o dito cargu buscando emtudo o augmento da real fazenda de Sua Magestade que Deus guarde e quietação do povo, achamus que nelle se entende tudo o contrario, porque nem a real fazenda poderá deixar de perecer, e não ter augmento nenhum, nem o povo deixará de andar Sempre embaraçado, nestes termus queriamus que V. Exa. prove se no dito posto de fernãodo dias, outro coalquer homem pois nas ditas minas os não faltão capazes para poder ocupar o dito posto e fazem nelle hum grande Serviço a Sua Magestade que Deus guarde e o povo

ficar satisfeito o que não sendo assin ficara muito duvidoso e contingente o augmento da Real Fazenda e quietação das minas, porque meu Irmão João Leme da Silva Se exhime de ocupar a Imcumbencia que V. Exa. lhe encaRregou-a, achando-lhe eu em tudo rezão; pois ia servir de Capitão Mayor Regente em outras ocazioens e não parece justo que aguora ocape posto inferior. nestes termos me põe nos da mesma Sorte, em não poder aceitar a mecê e honra que v. exa. me faz, porque em todas as materias dez.º dar gosto aod.º meo Irmão.

EncoRendo pᵃisto as rezoins de Ser mais velho e Ser Sempre Companheiro pᵃos trabalhos e molestias e descobrimentos o Seia tão bê pᵃas bonancas e honras, e fazendo-ma v. exa a mi tão grande na mesma forma queria. que meu Irmão fosse Satisfeito que elle pela Sua vontade ofica muito todas vezes que v exa prover na pessoa de outro coalquer home. o dito posto de Capitão Mayor Regente não sendo fernãodo dias pelas rezoins que diguo a v exa pois sendo da maneira que esta detreminado nê eu nê o dito meu Irmão podemos servir as ocupações que nos enCaRegua.

Em tudo espero que v exa obre com aquelle acerto que costuma e com as direçoins de tão grande General. fico aparelhando me com toda a preSa pora o jornada do Certão pois ia he tempo, o que não farei Sê novas ordens de v exa a quem N S guarde felices annos Beiia as mãos de v exa Seu menor Criado e fiel Cpto. — *Lourenço Leme da Silva*. João Leme, na sua carta, abundava em identicas considerações.

Por essas cartas, vê-se que os Lemes recusavam as nomeações porque Fernando Dias Falcão era conservado no logar de capitão mór regente das minas de Cuyabá; ou porque aspirassem exercer o logar por elle occupado, ou porque quizessem vêl-o rebaixado da auctoridade de que até então tinha gozado. O que não padece duvida

é que Sebastião F. do Rego, com a habilidade de que dispunha podia dissuadir os Lemes da resolução tomada e persuadir-lhes que, si o governador assim tinha obrado era por ignorar que João Leme já tinha occupado postos superiores, e por desconhecer a opinião que elles formavam sobre Falcão; e, conhecedor do estado de espirito de Rodrigo Cesar, assegurar-lhes que tudo se arranjaria facilmente a contento de ambos: mas essa solução não lhe quadrava; convindo justamente excitar as disposições dos Lemes e exploral-as.

Salientar ruidosamente que os Lemes faziam questão da demissão de Fernando Dias Falcão, contra a opinião e desejos do governador, era collocar Fernando Dias Falcão abertamente ao lado deste. Era um auxilio valioso para a politica official e vinha favorecer as traças de Sebastião F. do Rego.

Incontestavelmente essas tres cartas são da lavra exclusiva de Sebastião do Rego: a linguagem adulatoria, que não seria propria dos Lemes, homens rudes e auctoritarios; as expressões officiaes nellas empregadas; os rodeios tortuosos para expressar a recusa, que elles escreveriam em quatro palavras grosseiras ou que não escreveriam; a similhança indubitavel do estylo lisonjeiro e agachado; tudo fórça a convicção de que, nas cartas dos dous Lemes, só ha delles a letra mais incorrecta e a orthographia mais pittoresca.

E, é natural que Sebastião F. do Rego, o amigo se offerecesse caroavelmente para normar as respostas a Rodrigo Cesar de Menezes; e, só assim se comprehende que, nessas cartas, appareça insistentemente o aviso, insidiosamente collocado, de que elles, com toda a pressa, com toda a brevidade, se apparelhavam para a jornada do sertão, dando a entender que a recusa era um desafio, uma declaração de guerra, e que elles já se precaviam, pondo-se fóra do alcance do governador, internando-se no sertão. Porque esse desafio, se até então o governador se mostrava tão bem disposto a favor delles?

Porque essa declaração de guerra por uma simples recusa de postos, que elles não eram obrigados a acceitar?

Tudo era armado pela perfidia de Sebastião do Rego, grandemente interessado pela suspensão dos Lemes.

Na sua carta, a intenção cavillosa de Sebastião F. do Rego está patente, quando affirma que não obteve dos Lemes outra resolução *que a de partirem rio abaixo, onde* COM MAIS SEGURANÇA iam esperar a ultima resolução de Rodrigo Cesar de Menezes; *accrescentando-lhes ultimamente que Fernando Dias Falcão não haria de exercer a occupação de Regente, e que só se satisfaziam si outrem o fosse.*

Conhecendo o temperamento violento de Rodrigo Cesar, fazia chegar a seus olhos essa recusa como uma desobediencia insolente, e patenteava as intenções em que estavam os Lemes, de protervamente se opporem a actos de administração, impedindo que funccionarios exercessem cargos; e accentuando a gravidade dos factos, *por não ignorar que essas cousas iam dar-lhe cuidado*, pedia para elle os *divinos auxilios para se haver com o acerto que em tudo costumava o seu prudentissimo zelo;* e habilmente insinuando o descalabro da administração, mostrava que *o bem commum, o socego dos povos, o estabelecimento das minas, o maior serviço de el-rei tinham pouco provimento nesta comarca*, e reclamavam *algum cumprimento de justiça*. Deixando entrever que os Lemes estavam abertamente hostis e prevendo a explosão do governador contrariado, indicava-lhe os meios de fazer a sua correspondencia, sem que fosse interceptada pelos Lemes, porque elle tinha a *certeza de que elles procuravam saber de todas as cartas que elle mandara* para as minas.

Tudo isso devia encharcar de coleras o espirito do governador irritadico; mas, antepondo sua politica á sua ira, soube reprimil-as, e «resolveu encarregar a João Leme a regencia e a Lourenço a

provedoria dos quintos, visto como o seu governo era todo de engonsos; e POR ORA não devia obrar cousa alguma que não fosse por geito, principalmente não dispondo de forças militares; e ainda que as tivesse, na conjunctura presente, valia mais o modo e a industria, como o demonstrava a sua experiencia: as cousas estavam tão vidrentas que era necessario cuidar muito em contentar esses homens, principalmente os Lemes: porque, voltando elles ás minas com o sequito que nellas tinham, e o mais que se lhe havia de aggregar, por não se compor a capitania senão de homens criminosos, fugindo sempre de seguir o partido de el-rei, sem duvida se desmancharia o que estava feito e resultariam irremediaveis consequencias: era o caso em que as circumstancias obrigavam a fazer do ladrão fiel.» (V. 20, pag. 68. Carta ao vice-rei, de 15 de junho de 1725).

Essas outras reflexões salvariam os Lemes, si não existisse Sebastião Fernandes do Rego, ou se com este não estivesse a fortuna dos Lemes, em todo o caso adiariam os planos de Sebastião, que recebeu do governador a seguinte carta, escripta visivelmente para ser mostrada:

Para Sebastião Fernandes do Rego, em a villa de Ytú.

Entrega-me o ajudante Pedro da Silva a carta de Vmce., vendo o que me diz, si me offerece responder-lhe que lhe louvo muito a boa amizade com Lourenço Leme da Silva e seu irmão João Leme, pois se fazem dignos de toda a attenção, mas não posso deixar de culpar a Vmce de lhes não dizer, ouvindo as suas queixas, a pouca ou nenhuma razão, que tinham para as fazer: a 1.ª é que estando ambos comigo, si não declararem, então, como agora o fazem, no intento de sua protenção; a 2.ª é que eu ignorava o emprego que havia occupado João Leme da Silva, porque, a constar-me, lhe não daria

patente inferior a que tinha tido: e, em attenção de suas mesmas pessoas, conservava a Fernando Dias Falcão, porque tendo razões com elle de parentesco, seria injurioso offendendo-o; demais que vindo elle para povoado, como conffirmam, ficava substituido o seu emprego, que é que no militar se pratica; tudo isto devia Vcê. dizer-lhe, porque então seria superflua a sua queixa, e bem poderiam elles, pela attenção que me têm tido, não vir-lhes ao pensamento a mais leve desconfiança, porque quando chego a estimar é para não me arrepender; mas como de meu animo não tem ainda o conhecimento que basta, os não culpo, sendo que me parece sobrava o que a seu respeito tenho tomado sobre mim.

O ajudante fica e o despeço com brevidade, assim para levar a patente para João Leme, como o regimento para Lourenço Leme, que quando Vmcê se ausentou já estava principiando, e como a sua viagem era para mais tarde o detive; e o que posso dizer a vmce, que Deus guarde para muitos annos.

S. Paulo, 4 de Junho de 1723.

Rodrigo Cesar de Menezes

A João e Lourenço Leme escreveu tambem cartas eguaes cujo theor é:

Sr. meu — Como pelo ajudante Pedro da Silva, que despeço brevemente com carta para vmce, lhe hei de escrever com mais vagar, não digo agora o que para então reservo; só sim que eu é que devia ser o queixoso, pois

achando-se Vmce. na minha presença me não representou o seu intento com que agora me fala. Sabendo que por todas desejo dar-lhe gosto como experimentou e sempre experimentará. Guarde Deus a vmce. muitos annos.

S. Paulo. 4 de Junho de 1723.

Servidor de vmce.
Rodrigo Cesar de Menezes

O governador de S. Paulo vergara e cedera deante das exigencias dos Lemes, e nomeou João Leme da Silva mestre de Campo Regente das Minas de Cuyabá.

Desapontado deveria ficar, em Ytú, Sebastião Fernandes do Rego com o caminho que as cousas tomaram: não contava decerto com tamanha fraqueza de Rodrigo Cesar.

CAPITULO V

Ainda os Irmãos Lemes. — Novos meios de governo de Rodrigo Cesar. — João Antunes Maciel e o ouvidor Manuel de Mello Godinho Manso.

Até então Rodrigo Cesar mostrara apenas, uma das modalidades de seu caracter: *a habilidade, e os temperilhos*, reminiscencias do estudante de Coimbra, herança moral de seu tio o bispo Conde de Arganil, Sebastião Cesar de Menezes: agora ia desvendar a outra: a violencia soez, habitos de brigadeiros dos regimentos de D. João V, herança do outro tio, o geral dos Franciscanos, no Algarve, Diogo Cesar de Menezes.

Si os primeiros meios empregados, a dissimulação e a hypocrisia, já tinham produzido resultados proficuos, para o estabelecimento de sua auctoridade, sem duvida, os novos, a tyrannia e a arbitrariedade, completariam a obra.

Desapontado ficara em Ytú Sebastião Fernandes do Rego, com a fraqueza do governador: no seu despeito ruminava os meios de levar a cabo a empreza sinistra de se apoderar do ouro dos Lemes, que como seu já olhava, e que seu havia de ficar.

Para elle havia apenas um adiamento e breve: porque sabia que as expressões amistosas do governador, na carta aos Lemes,

não tinham sentido, eram bolas pandas de ar, que elle com facilidade furaria.

Voltou immediatamente a S. Paulo, onde conferenciou com o governador.

Memoravel foi tal conferencia, neste dia em que ficou resolvida definitivamente a perda dos Lemes, suggerida por Sebastião do Rego e acceita pelo capitão-general.

Nomeado João Leme mestre de campo regente das minas de Cuyabá, e conservando Lourenço Leme no posto de provedor, Rodrigo Cesar tinha vergado: porque, em uma capitania composta, no seu entender, de levantados e criminosos, se vira general sem tropas a luctar contra poderosos.

Por isso se tinha valído do *modo e da industria.*

Sebastião F. do Rego, porém, perlustrara os principaes districtos da capitania, colhendo fartas e preciosas informações, que iam destruir os receios do governador.

Assim, noticiava elle que os Lemes, por seu excesso e violencias, eram temidos, mas não eram estimados: a capitania estava cheia de gente que delles tinham queixas e aggravos.

Nas minas elles já não estavam ás boas com Fernando Falcão: e agora, fazendo questão da destituição delle, por o considerarem inepto, peior ficavam.

O tenente-coronel João Antunes Maciel, que tambem estivera nas minas, tinha sem duvida aggravo dos Lemes e não desgostaria de vel-os tomar uma licção.

Maciel era um potentado, no qual se podia confiar; porque já dera mostra de preferir o serviço de el-rei ao dos paulistas.

Na occasião em que os paulistas foram ao *Rio das Mortes* combater aos reinóes, João Antunes Maciel metteu-se no reducto dos forasteiros, em peleja contra parentes e naturaes, avantajando-se

a todos, assim no valor com que se houve, como no que obrou: pois, com grande industria persuadiu a seus patricios que desistissem da empresa, com fingir-lhes que sobre elles vinha um grande exercito, acto que decidiu da lucta. Afóra escravos e indios elle podia armar mais de quarenta homens, como quando foi em soccorro do Rio de Janeiro durante a invasão franceza.

Occorria ainda que Falcão e Maciel eram cunhados de Lourenço Leme; e, em caso de rompimento, a familia de Thomé de Lara, sogro commum d'elles, ficaria neutral ou contra os Lemes.

Havia ainda o mestre de campo Balthazar Ribeiro de Moraes, Antonio Fernandes de Abreu, filho do assassinado e os seus parentes, os de João Cabral, todos contra os Lemes. O caso pois, mudava muito de figura.

— E v. exa. pode puxar o terço de Santos, e tem a auctoridade de el-rei para declarar traidores á corôa de Portugal os dois regulos criminosos, dando-lhes o castigo merecido, remataria a alma damnada do governador.

Essas informações calariam profundamente no animo de Rodrigo Cesar: mas o capitão-general não podia decentemente tomar novo caminho, por já ter escolhido esses homens para postos de confiança e de honra, e solicitado ao rei o perdão de seus crimes.

Sebastião F. do Rego suggeriria então o plano salvador.

Do morto Antonio Fernandes de Abreu, de Ytú, ficou um filho, de egual nome, que se retirou para Geraes; manda-se secretamente chamal-o, afim de que, pela morte de seu pae, dê queixa contra os Lemes, perante o ouvidor Godinho Manso.

E, emquanto, com todo o segredo se formava o processo, elle Sebastião do Rego, que possuia a confiança dos dois sertanistas e corria com algumas de suas encommendas, as ia demorando, para

que elles não se retirassem para o sertão, e pudesse a prisão ser effectuada em Ytú, em virtude de processo requerido por parte.

Tanto não era preciso para que Rodrigo Cesar se convencesse da excellencia do plano; e, na grande alegria de achar as cousas tão bem dispostas para vingança das humilhações soffridas, para desatar o seu temperamento que se violentava nos engonsos do governo, para dar emfim um exemplo estrondoso de sua auctoridade, não reparava siquer no interesse que Sebastião do Rego punha no negocio. Só via os dois Lemes, os mais poderosos, os mais temidos, presos miseravelmente, rendidos ás suas mãos: já pensava até em os fazer justiçar alli mesmo, na praça publica de S. Paulo, como aviso sinistro e escarmento cruel aos outros paulistas.

Suffocar na alma sertanista a altivez, extirpar, por violencias, o espirito de aventura, que era a affirmação do caracter paulista nos seculos XVI e XVII, esmagar esses sequitos poderosos, rojar os seus chefes de rastros, tremulos e acobardados nas salas de palacio, era o projecto que triumphava no seu espirito ferrenho, era o projecto que triumpharia na capitania.

Era um golpe de mestre para intimidar, para cortar certa a soltura com que todos viviam no Brasil, e a liberdade de que abusavam os paulistas; *esta não se destruia com outra cousa que com o poder,* finalizava as suas reflexões.

A estreiteza do animo violento de Rodrigo Cesar não deixava ver, que esses mesmos sequitos, essa mesma altivez, esse viver aventuroso tinha conquistado o sertão e o gentio, alargando os dominios da corôa portugueza, e arrancando do solo o ouro, cujos quintos canalizados para Lisbôa, bastavam a todas as loucuras fradescas e devassas de d. João V, o monarcha asiatico.

E foi cumprido á risca o plano suggerido por Sebastião do Rego.

De Minas foi chamado Antonio Fernandes Abreu que, seguro da protecção do governador, deu queixa contra os Lemes, não só da morte de seu pae, como das mais violencias por elles praticadas.

O processo, feito pelo ouvidor geral, Manoel de Mello Godinho Manso, caminhou celere e delle nada transpirou.

Em Ytú, os novos poderes supremos das minas de Cuyabá descançavam tranquillamente, fiados das marcas de distincção e das provas de amizade recebidas de Rodrigo Cesar; e, com inteira e bôa fé esperavam as suas encommendas que Sebastião do Rego, com falas amigas, ia demorando, para dar tempo á conclusão do processo.

Dispostas as cousas — obtida ordem de prisão passada pelo ouvidor Godinho, apalavradas as pessoas importantes da capitania que se prestavam á diligencia, puxadas as forças das fortalezas de Santos — tratou-se da execução final do plano.

Apesar de tudo os adversarios eram respeitaveis e toda a prudencia era indispensavel: e, assim, em auxilio da violencia, chamava-se a traição cobarde.

Setembro, o mez do reverdecimento das arvores, da renovação da vida, ia em meio, quando a Ytú chegaram as forças destinadas á prisão dos Lemes: eram ellas — 35 soldados da guarnição de Santos, commandados pelo ajudante do tenente, João Rodrigues do Valle, as ordenanças de Sorocaba, sob o mando de João Antunes Maciel, com seus homens e escravos, as ordenanças de Parnahyba, as de Ytú, todas sob a direcção suprema do ouvidor Godinho Manso, que, em pessoa, presidia a diligencia.

Rodrigo Cesar deixara-se ficar em S. Paulo; mas na ordem de 15 de Setembro de 1723, dispuzera o ataque e o cerco; todos deviam obediencia ao ouvidor Godinho Manso; e o cerco, como se praticava no militar, seria feito de modo a não deixar entrar nem

sahir pessoa alguma: e, em caso de assalto, a vanguarda se comporia das ordenanças, ficando a melhor gente, naturalmente os soldados de Santos, na rectaguarda, em reserva para qualquer incidente.

Chegadas a Ytú, as forças se emboscaram á espera da noite, durante a qual lhes seria dado o signal de ataque por Sebastião do Rego.

Este tinha ido antes, em visita amavel aos seus poderosos amigos, que o agasalharam magnificamente, regalando, como convinha, o valido do governador.

Offereceram-lhe banquete, no qual as iguarias eram abundantes e os vinhos generosos.

Ahi, nessa intimidade suave e agradavel que convidava a expansões, Sebastião do Rego amiudava brindes, tentando embriagar os seus convivas, valentes tambem á mesa.

Terminada a ceia procuraram repouso: o silencio de uma casa que adormece, a ceia lauta, a tranquillidade de espirito para logo trouxeram somno profundo aos despreoccupados Lemes.

Então Sebastião do Rego, que antes verificára só haver na casa alguma gente de serviço, cautelosamente foi ao cabide das armas, descarregou-as, e tirando assim a possibilidade de qualquer defesa, deu o signal convencionado.

A noite, já em madrugada, era calma e macia.

As forças fizeram silenciosas o cerco da casa, cingindo-a em diversos cordões, tal a quantidade de soldados: depois, com grande estrondo de armas, penetraram dentro aos gritos de: *«Em nome de el-rei», «ordem de prisão do dr. ouvidor».*

Com essa abalroada acordaram os Lemes, precipitaram-se para armas e encontraram-n'as descarregadas.

— Sebastião do Rego... exclamaria um.

— Miseravel traidor!... responderia o outro.

Instinctivamente apagaram as luzes, e fez-se o escuro, que devia gerar a confusão.

Travou-se a lucta entre os sitiantes e os familiares da casa: estrondaram as armas aos brados de *ouvidor*, *el-rei*, *prisão*, e formidavel tiroteio sacudiu a pacatez de Ytú, abalando-lhe a quietude habitual.

Comprehendendo a impossibilidade de se defenderem com exito, os dois traidos viram na fuga a salvação unica; João Leme rompeu o cerco saltando os muros do quintal, e Lourenço resolutamente arrancou por entre a multidão que engasgava a porta, atravessou-a, ferindo-se levemente em uma das mãos.

Protegidos pelas sombras da noite, os dois irmãos conseguiram escapar-se, ajuntando-se pouco adeante; e, calados, com a raiva no coração, indignados com a perfidia de Sebastião do Rego, espantados com a dobrez do governador, jurando vingança do ouvidor, de ceroulas e camisa, como da cama haviam sahido, em desapoderado galope caminharam para Ararytaguaba.

Ao longe ainda ouviam, perdidos, os écos dos ultimos tiros.

Na casa cessou o ataque; cinco escravos mortos, sete feridos, e a apprehensão de alfaias foram os resultados da diligencia, só fructifera para Sebastião do Rego que socegava folgando; pois o governador empenhára-se em vereda sem volta, e o ouro dos Lemes, presos ou perseguidos, já não era mais dos Lemes.

Em S. Paulo, Rodrigo Cesar publicava bando:

Rodrigo Cesar de Menezes, etc.

Por ser conveniente ao serviço de Sua Magestade, que Deus guarde, o prenderem-se os regulos Lourenço Leme da Silva e João Leme da Silva, e se evitarem as mortes, roubos e insolencias, que têm causado nas novas minas de Cuyabá, ordeno e mando a todos

os moradores, de qualquer estado e condição que sejam, das villas de Ytú e Sorocaba, e de qualquer outra desta capitania, dêm toda a ajuda e favor, que lhes for pedido, para serem presos ou mortos os ditos regulos: e todo que os matar, sendo branco, ficará perdoado de qualquer crime que tiver, não sendo de lesa-magestade divina ou humana e, não tendo crime, se lhe darão 400$000 e o mesmo se dará a qualquer bastardo, indio ou preto forro, e sendo escravo, ficará livre: e todos os moradores ou outras quaesquer pessoas desta capitania ou de fóra que nella se acharem, brancos ou negros, que derem ajuda e favor aos ditos regulos Lourenço Leme da Silva e João Leme da Silva, incorrerão no crime de traidores á corôa de el-rei, meu senhor, e lhe serão confiscados todos os seus bens para a fazenda real, e incorrerão em todas as mais penas que são impostas em similhantes casos. E para chegar a noticia a todos e não poder ninguem allegar ignorancia, em tempo algum, mandei fazer este bando, etc., etc.

S. Paulo, 15 de Setembro de 1723.

Rodrigo Cesar de Menezes.

Ahi Rodrigo Cesar se arrogava todos os poderes magestaticos: ordens de prisão, decretos de morte, confiscos de bens, concessão de liberdade, perdão de crimes, distribuição de premios pecuniarios.

Falava em prisão, mas ordenava a morte: quem prendesse os Lemes premio algum receberia: mas, quem os matasse ficaria perdoado dos crimes que tivesse, ganharia premios, ficaria livre, se escravo fosse.

Era a determinação e a solicitação do assassinato por todos os meios: o galardão, a ameaça, a ordem expressa a todos da capitania e áquelles mesmo que, nella, estivessem de passagem.

Pelas ruas de S. Paulo, ao rufar de tambores, berravam os mastins de palacio as penas inauditas do famoso bando. Em Ytú, Sorocaba, Parnahyba, repetia-se a mesma scena de pavor.

Rodrigo Cesar jogava a capitania inteira de S. Paulo contra os Lemes, sob pena de traição á corôa, confisco de bens e *mais penas que em similhantes casos são impostas.*

Era o regimen do terror.

Começou então a caçada feroz, sem treguas nem piedade, contra os dois paulistas, que tinham tido a ingenuidade de acreditar na palavra da auctoridade portugueza.

Em Ararytaguaba, os Lemes conseguiram reunir, á pressa, vinte e tantas pessoas, com cavallos e algumas armas.

O seu intento era, naturalmente, reorganizar o seu sequito de homens d'armas, arranjar remadores para as suas vinte e poucas canôas e seguir o Tieté abaixo, em demanda do sertão.

Mas, atacados de improviso, — não tendo provisões de bocca nem de guerra, com a maior parte de seus homens espalhados, — bem criticas eram as circumstancias dos dois Lemes, quando dois dias ápos o cerco em Ytú, lhes chegou a nova de que o ouvidor Godinho Manso, á frente das tropas, vinha atacal-os.

Impotentes para a lucta immediata, preferiram internar-se na matta, por picadas feitas á força de machados, por onde transportassem cavallos e munições.

Querendo, porém, significar o seu desprezo pelo ouvidor Godinho e pela gente que o acompanhava, affixaram, nas picadas, carteis de desafio petulante, onde se lia: — «*Si o ouvidor aqui vier, este é o caminho*».

Entretanto, á frente de numerosas tropas, chegou a Ararytaguaba Godinho Manso que dos Lemes só encontrou o cartel provocador: — «*Si o ouvidor aqui vier, este é o caminho*».

Raivoso, mandou destruir as vinte e tantas canôas que estavam no porto: e, *se aquelle era o caminho*, dispoz-se a seguil-o.

Eram quatro horas da tarde, quando na picada, que já alcançava obra de meia legua, uma sentinella ahi postada pelos Lemes, deu o alarme, grito ultimo de sua vida, porque ahi a deixou, arrancada por uma descarga da tropa que avançava rapida.

O reducto dos fugitivos foi atacado vigorosamente, sendo aprisionadas vinte e poucas pessoas, com armas, cavallos e bagagens: mas os Lemes mais uma vez conseguiram escapar-se, sem que ninguem os tivesse visto.

Esse successo, incompleto embora, cortava aos Lemes a provavel retirada para Cuyabá, e insulava-os na matta de Ararytaguaba, onde, continuando a caçada, não era difficil prever-lhes o resultado.

A capitania estava paralyzada pela surpreza e pelo medo: suffocada por essa enscenação violenta de crueldades desusadas, não deixava ver um protesto, um vislumbre siquer de revolta, de brio offendido, que fizesse receiar uma conflagração para evitar a caçada torpe a dous paulistas que, embora grandes criminosos, eram os mais respeitados pela sua riqueza e pelos seus clientes, e se achavam ligados, pelos laços de sangue, aos principaes habitantes de S. Paulo.

Mais tranquillo quanto á tolerancia paulista, o governador augmentava a energia de suas providencias, temperando-as ainda com affagos a essa gente, que desprezava mas que ainda temia. Enrolava a sua espada na batina coimbrã.

Ao mestre de campo, Balthazar Ribeiro de Moraes, ao sargento-mór, Antonio Fernandes de Abreu, ao capitão João Rodrigues do Valle, agradeceu pressurosamente os serviços prestados no cerco de Ytú, e encarregou-lhes novos, no Cuyabá, receiando apesar de tudo que os dous infelizes conseguissem lá chegar.

Para essas minas escreveu annunciando que aos execrandos e abominaveis delictos de Lourenço e João Leme, que enchiam o sertão e as villas de clamores de justiça, tinham-no obrigado ao castigo merecido para atalhar maiores damnos e poupar aos paulistas (santo interesse!) eguaes affrontas.»

Balthazar de Moraes, A. Fernandes de Abreu e João Rodrigues, portadores de um bando, reproducção mais violenta do de 15 de Setembro, partiram para o Cuyabá em canôas que o governador mandara apromptar.

Segundo as determinações de um regimento, adrede preparado, haviam de tomar posse do sitio de Camapuam e de tudo que alli houvesse pertencente aos Lemes, confiscando para a fazenda real; ahi deixariam gente para a colheita dos mantimentos; prenderiam Domingos Leme, irmão das victimas, e todas as mais pessoas que encontrassem, remettendo-os para S. Paulo por A. Fernandes de Abreu ou por pessoa de confiança; em Cuyabá, receberiam de Antão Leme, outro irmão, um negro e um carijó; arrecadariam todo o ouro pertencente aos Lemes, e bem assim todos os creditos, cuja cobrança promoveriam, e mais haveres que achassem.

Pelo caminho, a todas as tropas, a todos os roceiros, a todas as pessoas, emfim, intimariam do *bando*, afim de que fossem conhecidas as suas ordens e as penas, em que incorreriam, si prestassem ajuda a favor aos dous regulos.

Na capitania de S. Paulo soprava um vento de desconfiança e de pavor.

A morte dos Lemes pairava nos ares com a tenacidade das idéas fixas: não se falava de outra cousa, não se discutia outro assumpto.

Os escravos, os negros arrancados das adustas costas da Africa, olhavam e procuravam essa morte como a sua carta de alforria.

a liberdade que os restituiria aos paízes da Angola e Guiné, para elles o logar abençoado de seu nascimento.

Os criminosos de todas as origens buscavam-na como a agua lustral, que os limparia dos outros crimes e lhes traria a impunidade.

Alguns, despidos de escrupulos, com a alma vasia de sentimentos de humanidade e a ambição a ferver-lhes em todos os póros, esfalfavam-se para conseguir os 400$000, premio das cabeças dos Lemes.

Uns por odio aos Lemes, tendo alguma offensa inulta, a maior parte por medo, deante das penas de traição á corôa de el-rei, do confisco de bens, e *das outras que em taes casos são impóstas*, sentença vaga e mysteriosa que maior pavor infundia, punham-se abertamente ao lado do governador, fornecendo gente, prestando serviços pessoaes.

A paz da familia paulista estava quebrada, despedaçada: a intriga imperava traiçoeira e covarde: vinganças mesquinhas eram exercidas: denuncias anonymas de que Fulano era a favor dos Lemes, Beltrano dava-lhes ajuda, chegavam ao governador.

Sebastião F. do Rego, conhecido pela sua privança em Palacio, era incançavel em divulgar esses boatos, que augmentavam o terror e traziam a população em continuo sobresalto: por um moço de sua casa, mandou dizer a Francisco Rodrigues Penteado, que o governador estava informado de que elle fizera a Lourenço Leme uma carta de aviso.

O capitão Matheus de Mattos dizia publicamente, que Rodrigo Cesar estava ao par e muito molestado com o auxilio, que Manuel Corrêa Penteado dava aos Lemes.

Desses homens, descendentes de sertanistas gloriosos, o governador recebia cartas de desculpas, de submissão, em linguagem servil e desprezivel: representantes, os proprios filhos, desses chefes

de familia respeitados iam em pessoa rolar-se aos pés do governador, significar-lhe a sua sujeição, a sua lealdade, o desejo de agradar-lhe; e, num rebaixamento que deixa a magua no coração, manifestar-lhe que estavam promptos para prender os proprios filhos, comtanto que isso désse prazer á nobilissima pessoa do representante de D. João V, cujos pés beijavam.

Mesmo assim ninguem se julgava em segurança; desconfiavam de todos, suspeitavam uns dos outros. No interior das casas as conversações emmudeciam, as pessoas calavam-se receiosas de se comprometter.

As ordenanças das principaes villas estavam em armas; a guarnição de Santos ostentava o seu luzimento pelas ruas da capial; e ainda o governador falava de puxar a infanteria do Rio de Janeiro, e alludia frequentemente a seu irmão o vice-rei.

E tudo isso era nada; o principal era que o governador, com um simples bando e alguns rufos de caixa, podia quebrar a sujeição secular dos escravos, mandando que matassem seus senhores, para adquirir a liberdade; podia açular todos os criminosos da capitania contra um chefe de familia, promettendo-lhes o perdão de crimes, se fizessem mais um crime; podia excitar ao homicidio aquelles que ainda não eram criminosos, pondo cabeças a premio, pago com os bens confiscados das proprias victimas.

Era isso que se sentia, que se respirava, e ninguem esperava remedio; porque todas essas violencias eram dirigidas contra os Lemes, opulentos e poderosos, e que tinham recebido manifestações inequivocas de estima do governador.

Na matta de Ararytaguaba continuava a caçada, sob a direcção infatigavel do ouvidor Godinho Manso, que esporeado por Sebastião F. do Rego, e por aquelle desafio — «*Se o ouvidor aqui vier, este é o caminho*» — desenvolvia zelo, que dava na vista e que, mais tarde, mereceria de Rodrigo Cesar louvores e bellas referencias a el-rei.

Mandara vir habeis trilhadores da matta, para a devassarem, indios cujo faro passava o dos cães: um sobretudo, de nome *Cavichy*, escravo que era dos Lemes, prestava serviços admiraveis.

A matta era assim batida, palmo a palmo, esquadrinhada em todos os recantos, percorrida em todas as veredas: mas os Lemes tinham desapparecido sem deixar signal, como desapparece a bruma azulada ao romper do sol.

Durava, comtudo, essa caçada humana havia 26 dias, sem resultados: João e Lourenço Leme, abandonados, sem armas, esqualidos, com as roupas rasgadas por espinhos, a pelle dilacerada por cipós e gallhos de arvores: emmagrecidos, alimentando-se unicamente de raizes e palmitos, continuavam a esconder-se.

Porventura começava o desanimo a entrar-lhes na alma.

João Leme, um dia, resolveu acolher-se ao sitio de sua madrinha, Maria de Chaves, o qual era por alli, nas margens do Tieté.

A sua chegada a esse sitio produziu o effeito de uma bomba; a velha, meio imbecilisada pelo terror, tremeu, vendo já em cima de si as penas terriveis dos bandos do governador: apavorada, a mesquinha mandou guizar um jantar para seu afilhado, e fez aviso ao ouvidor Godinho, que, com as tropas, não estava longe.

Relativamente tranquillo, com um suspiro de allivio, João Leme começou o seu jantar: levantou um olhar descuidado para o rio que corria proximo...

— Que? Fardas? Soldados? Era o cerco de novo!

O ouvidor recebera o aviso com um grito de triumpho, e sem perder um instante fôra pôr cerco á casa.

Vendo-se João Leme trahido, por um movimento instinctivo, acommetteu contra a linha de soldados e, valoroso ainda, conseguiu rompel-a e lançar-se ao Tieté: a tropa foi no encalço delle e fez-lhe uma descarga que o attingiu, mas que não o matou porque elle continuou a nadar.

Em sua perseguição, *Carichy*, rapido, atirou-se tambem ao rio.

João Leme continuava a bracejar, com ancia, deixando atraz de si uma esteira de sangue que avermelhava as aguas do Tieté: visivelmente se enfraquecia, ia talvez se afundar, morrer alli mesmo, mas o desespero lhe deu novas forças e num arranco supremo conseguiu agarrar-se ao barranco do rio, suspender-se e ganhar a margem opposta.

Perto estava a matta... Era a salvação?

Não: *Carichy*, forte, vigoroso, terrivel, tambem pendurava-se no barranco, suspendia-se.

Uma nuvem amortalhou os olhos de João Leme titubiante; com as forças exgottadas pelo excesso de nadar, pelo sangue que corria de suas feridas, enfraquecido por uma alimentação insufficiente durante 26 dias: abandonado e trahido pelos seus, perseguido a tiros como uma besta feroz, sem armas, para que valia a fuga?

Podia ganhar a matta; mas *Carichy*, cuja audacia e cuja grande pratica de trilhador muito conhecia, estava no seu encalço: convenceu-se de que não podia se escapar.

Um desalento doido apertou-lhe o coração, e logo um grande desespero, quando viu *Carichi* apanhar a margem e atirar-se para elle.

Atracou-se com o carijó, ambos ennovellaram-se, rolaram-se no chão, em lucta titanica vizinha da morte.

Mas outros da tropa tambem atravessaram o rio em auxilio de *Cavichy*, e João Leme foi preso.

A prisão de João Leme da Silva veiu dar novo alento aos que se empenhavam na diligencia.

Si João apparecera no sitio de Maria Chaves, Lourenço não podia estar longe.

O ouvidor Godinho banhava-se em alegria — «tinha vindo e tinha achado o caminho» — e continuaria a seguil-o até encontrar o outro fugitivo.

E, de facto, a matta foi batida e trilhada com afan novo.

Dentro de poucos dias a tropa se achou á vista da casa abandonada de José Cardoso; nesta, dous homens dormiam.

Eram Lourenço Leite e um indio, que se lhe conservara fiel no infortunio: cançados, esfalfados, dormiam pesadamente.

Os da tropa se consultaram; nada de cerco, que os homens os rompiam sempre, e assim era um nunca acabar: o melhor era finalisar, alli, com uma descarga, que puzesse cobro a essas diligencias fatigantes.

Silenciosos levaram as armas á cara. Ouviu-se uma descarga, e as balas das escopetas foram se alojar nos corpos adormecidos.

O cadaver de Lourenço Lopes da Silva foi transportado para Ytú, onde recebeu sepultura na egreja do convento do Carmo.

João Leme da Silva foi levado para a fortaleza de Santos, e dahi para a Bahia, onde foi degollado nesse mesmo anno de 1723.

E Pedro Leme, o cumplice de seus primos?

Com esse ninguem se importou, sem duvida, por não possuir riquezas, que excitassem a cobiça dos potentados; a pobreza foi-lhe garantia da vida.

Rodrigo Cesar ao rei e ao vice-rei, em uma especie de circular, deu conta da empreza gloriosa.

— «Em o novo descobrimento das minas do Cuyabá assistiam dous homens irmãos, ou para melhor dizer, duas feras, que assim o merecem as tyrannias de que usavam, e porque se fazia preciso atalhal-as, applicando-lhe o remedio conveniente, o qual fazia difficultoso aquella distancia, e como elles se resolveram a vir a povoado se refazer do preciso para assistirem naquelle Certão, tendo eu a certeza da sua chegada convoquei assim os homens bons desta capitania, como o ouvidor geral, o Procurador da Corôa, e a Camara e todos uniformemente convieram em que os mandasse vir á minha presença, não só para ouvil-os mas para reprehendel-os o que fiz, e chegando a falar-me lhes mostrei que hera general, no que lhe disse, não faltando a tudo aquillo, que me pareceu necessario para fazer-lhe conhecer o poder que tinha assim mais o intimidar, e depois de hua larga pratica, que lhe fiz, procurarão destruir parte das culpas, que se lhe imputarão mostrando arrependimento das que tinham e promettendo emmendar aquella soltura com que costumavam viver ao que os despedi dizendo, que se procedessem como deviam e fizessem serviço a S. Magestade que Deus guarde seriam attendidos. Passados alguns dias procurando pessoa capaz da incumbencia da Cobrança dos quintos naquellas minas, emquanto eu a ellas não passava assentaram todos os que acima nomeio ser mui conveniente prover por hora aquella occupação em um dos dous Irmãos, assim por ser mais

capaz de ter reforma, como porque o seu respeito facilitaria melhor a cobrança, e attendendo ao que me representaram por não acharlhe outro remedio mandei passar a provisão tornando a repetir-lhe as advertencias precisas, para o melhor procedimento, e remetêndolha, o aconselhou o malevolo de seu coração tão mal que me respondeu com tal desattenção como a de mandarme dizer, que não lhe ficava lugar para acceitar o provimento senão acomodasse a seu Irmão em o porto de Mestre de Campo Regente, e que me ficasse embora pois elles se embarcarião para seguir sua viagem, cuja resolução, e insolencia me despertarão para logo darlhe o castigo que merecião, porém a distancia em que se achavão, que herão mais de trinta leguas, e a multidão de escravos, e gentios criminosos que tinhão, e as poucas forças com que eu me achava fazia retardar aquella demonstração que a sua infedilidade pedia, em cujos termos me vali da industria, e do modo, que em taes casos podem mais que a mesma força, e assim obriguei a quem lhe corria com as suas encommendas, para que lhe as fosse demorando emquanto eu me prevenia para a execução do castigo, e porque ao mesmo tempo me havia chegado um proprio fidedigno que eu tinha mandado aquelle descobrimento, a examinar o que era preciso saber, declarou os delictos que naquelle certão, e pelo Caminho havião feito certificando o logo muitas tropas que a elle seguirão: e como ainda no sitio em que estavão, aqui em povoado continuarão os mesmos absurdos sem se lembrarem que eu estava neste logar esquecendo-se juntamente da justiça, dizendo que não haveria ninguem que os prendesse, todas essas circumstancias me obrigarão a não demorar-lhe o Castigo, e tendo tudo disposto na melhor fórma, para não poderem escapar, consegui pelo confidente com quem me havia declarado, tellos ambos em hũa casa e mandando á hora destinada envestilos, foram tambem sucedidos, que a

muita confiança dos que levarão ordem para prendellos, foi causa de fugirem, hindo um com a mão quebrada, e retirandose ambos para seus citios, que erão casas fortes, aonde tinham estradas incubertas com sahida para o Rio halli começaram a tocar caixas, e a disparar armas, dizendo que os fossem prender, ao que logo promptamente mandei destruirlhe vinte e tantas canoas, que tinham para seguir viagem, mandando os banir, e ordenando ao Desembargador Ouvidor geral e ao Ajudante do Thenente com trinta e cinco soldados, que puxei da guarnição da praca de Santos, e algumas ordenancas a atacallos nas casas fortes em que estavam, o que não esperarão, e se resolverão a meterse no mato, que para elles e a praça de Belgrado, escolhendo terreno por sua natureza difficultoso de nelle se entrar, em o qual puzeram todas as suas monições de polvora e boca, Cavalos e escravos, parecendolhe estavão seguro e não os enganava a presenca, porém, as quatro horas da tarde forão atacados com tanto vigor que se lhe prezionarão perto de setenta almas, entre escravos, e gentios armas e cavalos, e toda a mais bagagem escapando elles fugindo precitamente, e como lhe havia mandado por um cerco, por toda a parte, não tendo por onde sahir estiverão vinte, e seis dias dentro do matto sustentandosse de palmitos, e alguas raizes e pondo os naquella Consternacão foi percizada hum depois de perseguido lancasse ao rio, nadando, e mergulhando, e sem duvida escaparia se dous soldados o não seguirão, que em breve tempo o segurarão, este fica preso na fortaleza de Santos, e outro passados mais alguns dias, como o cerco durava, e os trilhadores do mato não desestião, dando com elle e com hum unico Bugre, que só o acompanhava, sendo as suas armas duas pistollas, e hua faca, não querendo se renderem os obrigou dous tiros que dentro em meia hora perderão á vida. Parece me que posso dizer a V. Exa. pelas

damnozas consequencias que se seguião da vida destes Regulos, que não hé dos pequenos serviços que na America se tem feito, porque com esta prisão terão sosego os povos, que todos gemião pelas tiranias que experimentavão, e as minas augmento porque seu respeito, e temor, faziam não só suspender o trabalho mas dezertarem todos della; Nesta ocasião teve uma grande parte o Dezembargador Ouvidor geral havendosse com muito valor, zelo e actividade e assim espero que V. Exa. lho agradeça, porque se fas digno de toda a atenção, e como está tirando a devaça, verá V. Exa. entretanto parte das culpas que remeto.

Hé preciso dizer a V. Exa. o que já tenho representado a Sua Magestade, que Deus guarde, o quanto hé necessario hũa companhia de Cavallos nesta Cidade e como ha quem a levante com as conveniencias á fazenda real, que mandei dizer, não deve haver razão que embarace fazerce, e V. Exa. muito bem sabe que em parte algũa se conserva o respeito, se fas bom serviço sem força, e já o meu estivera arriscado se me não valera de dar a entender muitas vezes, que puxarei um terço de infanteria do Rio de Janeiro para assim os intimidar. No Brazil vivem todos com a soltura que V. Exa. não ignora, e os Paulistas com mais liberdade que todos, e esta não se destroe com outra cousa que com o poder».

. . . .

S. Paulo, 30 de Outubro de 1723.

Rodrigo Cesar de Menezes.

Obscura, contradictoria, mentirosa e perversa era essa circular, por onde historiadores graves fizeram a narração do acontecimento.

Como quer que fosse, o procedimento do capitão general foi approvado e louvado por D. João V.

Essa tragedia que vergonhosamente se desenrolou na bella capitania de S. Paulo, e que para sempre deixou em sangue o coração dos paulistas, não estava ainda terminada.

O governador, precisando de um epilogo condigno que a rematasse, pondo o terror em todas as casas e o espanto em todos os corações, mandou abrir uma devassa geral para apurar a responsabilidade daquelles que se tinham mostrado favoraveis aos Lemes.

Era isso o lance de uma rêde enorme, em cujas malhas devastadoras cahiria todo o mundo, si a intenção do governador não fosse apenas intimidar, para humilhar.

Rodrigo Cesar de Menezes tinha vencido; tinha destruido a liberdade; tinha mostrado o que era o seu poder; nas salas de palacio em S. Paulo, tinha visto os representantes das principaes familias paulistas, tremulos e acobardados, a desfazerem-se em desculpas.

Quem folgava, porém, com tudo isso, era Sebastião Fernandes do Rego, o mais habil e o mais ousado gatuno que, nos tempos coloniaes, assolou S. Paulo. Esse sim, é que exultava, pois que as cousas caminharam á medida dos desejos delle, realizando-se os planos delineados.

Supprimidos por mão de justiça, já não existiam os Lemes; tranquillamente pesava as arrobas de ouro, que tinham sido delles, e que agora lhe pertenciam.

Dentro em pouco os seus bens teriam um valor superior a oitocentos mil cruzados.

Inventariado em seguida o confisco feito nos Lemes, apurou-se apenas o que fôra apprehendido em Cuyabá, Camapuan e os negros, indios, cavallos e bagagens tomados em Araratyguaba e Ytú, e só isso foi recolhido á fazenda real, em 1725.

O que estava em poder de Sebastião do Rego sumiu-se, montando apenas a 544 oitavas de ouro; quantia essa mesma inferior á que deviam os Lemes pelos dizimos, segundo declarava o proprio Sebastião, já á esse tempo, arrematante desse contracto.

Apezar dos officios do governador ao ouvidor; deste a Sebastião do Rego; de Sebastião do Rego áquelle, nada mais se achou e nada mais se procurou achar.

Domingos da Silva Leme, que continuava preso e com todos os bens confiscados, só conseguira a liberdade em 1724, e ordem para a restituição dos bens em 1.º de Julho de 1725.

Distribuiram-se então as recompensas.

Sebastião Fernandes do Rego, que já tinha obtido a arrematação dos dizimos reaes das minas de Cuyabá, não quiz honras; em 16 de Agosto de 1724, fez-se nomear provedor dos quintos em Ytú.

Não se contentando com os rendimentos do seu cargo, começou, nessa casa de quintos, a fazer dinheiro por todos os modos; *quintava* por conta propria, e de tal maneira, que os contribuintes, que já tinham pago esse imposto em Ytú viam-se obrigados a pagal-o de novo em São Paulo; *á força* intimava os mineiros a lhe venderem, por preço muito inferior ao corrente, todo o ouro que traziam, e, allegando o seu trabalho, de cada um ainda extorquia duas oitavas.

Para João Rodrigues do Valle pediu o governador que fosse creado mais um posto de tenente de mestre de campo general, visto como, na empresa da prisão e morte dos Lemes, executou as ordens com promptidão, portando-se nellas com valor.

Para João Antunes Maciel obteve um habito de Christo, com 50$000 de tença annual, paga nos rendimentos das minas de Cuyabá; em 23 de Junho de 1724, por patente laudatoria dos serviços prestados na captura e morte dos Lemes, nomeou-o superintendente das minas de Cuyabá,

Para o ouvidor Godinho Manso, chamou a attenção real de que se fazia digno.

A Fernando Dias Falcão, que já se achava em São Paulo e que talvez involuntariamente, apenas prestára o serviço da neutralidade, perdoou em 13 de Janeiro de 1724, todos os crimes que tivesse; fez de esponja ociosa limpando o passado de Falcão, que o tinha puro, pois não consta que tivesse praticado crime algum.

Em 27 de Abril de 1724, nomeou-o capitão-mór regente das minas de Cuyabá, posto que com o nome de cabo-maior, elle já exercia por eleição popular.

Não se esquecendo de si mesmo, não se fatigou o governador de solicitar a attenção do rei para seus incomparaveis serviços, na eliminação dos Lemes, um dos maiores que já se tinha praticado na America.

CAPITULO VI

As minas de Goyaz. — Bartholomeu Bueno da Silva o segundo Anhanguéra. — Sua tenacidade. — João Leite da Silva Ortiz. — Martyrios intangiveis.

Emquanto a capitania de S. Paulo, apavorada, assistia ao enterramento do seu glorioso passado, Bartholomeu Bueno da Silva homem de outros tempos, «POR SUAS ACÇÕES VALOROSAS SE IA NA LEI DA MORTE LIBERTANDO».

Nas veias de Bartholomeu Bueno da Silva circulava o sangue hespanhol, misturado com o portuguez, de envolta com o indigena.

Bartholomeu Bueno da Ribeira, hespanhol de Sevilha, na Andaluzia, estabelecendo-se em S. Paulo, em 1571, casou com Maria Pires, que remontara a sua ascendencia até Antonio Rodrigues, unido a uma filha de *Pequiroby*, o maioral de Ururahy, ao tempo da chegada de Martim Affonso de Souza a S. Vicente.

Desse Bartholomeu da Ribeira foi filho Amador Bueno que, em 1641, na restauração portugueza, sensatamente regeitou a realeza que lhe foi offerecida pelos filhos de S. Paulo; realeza (1) ephe-

(1) Realeza contestada pelo Sr. Moreira de Azevedo — Rev. Ind. Hist. Brazil v. 50, pag. 2 parte.

mera que, se distinguia Amador entre os seus contemporaneos, não tinha outro elemento de triumpho que o enthusiasmo patriotico dos paulistas ou o sentimento hespanhol dos genros hespanhoes do acclamado.

Do Acclamado, que esse nome lhe conservou a historia, foi irmão Francisco Bueno, pae de Bartholomeu Bueno da Silva o primeiro *Anhanguéra*, o *diabo-velho*.

A fazer entradas ao sertão, para descer indios, mistér predilecto em que se comprazia o seu genio fogozo e aventureiro, passou o primeiro Anhanguéra a sua vida inteira.

Forte, valente, com um olho furado, a physonomia terrivel, conhecedor da lingua e dos costumes barbaros dos indigenas, elle domava por farças aquelles que suas armas não venciam.

Em uma feita, para subjugar a indios, que resistiam tenazmente a seus ataques, gritou-lhes que os mataria á sêde, si quizesse, pois tinha o poder de queimar as aguas, acabando com os rios.

Acto continuo, lançou na rocha quantidade de aguardente, ateou-lhe fogo e logo, com ruido crepitante, as labaredas celeres lamberam o chão.

Os indios, tremulos e espavoridos, esclamavam — *Anhanguéra* — e entregavam-se sem resistencia, reconhecendo-se impotentes para luctar com o *diabo-velho*, que lhes apparecia encarnado naquelle invasor de feroz aspecto.

Desde os 14 annos de edade, cursando rios, escalando montanhas, Bartholomeu Bueno da Silva, filho do Anganguéra e herdeiro de seu appellido, frequentava os sertões, afinando uma vontade de aço, enrijando musculos que não conheciam cansaço.

A região central do Brazil, ahi onde nascem pigmeus os rios, que depois são gigantes, não tinha segredos para elle, que passava, com justa razão, por ser um dos mais habeis sertanistas do seu tempo.

Na pequena villa de Parnahyba, onde nasceu e onde morava, soffria as suggestões de sua épocha e anceiava tambem por descobrir minas, descobrir os *Martyrios*, encantadora sereia que o desafiava com a seducção do mysterio e da riqueza.

Martyrios!

Existiria realmente essa serra?

Guardaria em suas entranhas o ouro tão procurado?

Lenda ou realidade, mentira ou verdade?

O que é certo é que, na capitania de S. Paulo, no começo do seculo XVIII, ennovellada em tradições, por ventura augmentada e crescida na imaginação popular, era corrente a existencia dessas minas encantadas, e niguem hesitava em affirmar que, no interior ignoto do Brazil, estavam as fabulosas serranias, porejando ouro como poreja suor a fronte cansada.

Viviam ainda muitos que, da existencia dessas minas, prestavam depoimento seguro. Antonio Pires de Campos contava a entrada que, quando creança, fizera em companhia de seu pae, o destemido Manoel de Campos Bicudo; elle mesmo, Bartholomeu Bueno da Silva, tambem menino, lá estivera com seu pae e fôra essa a sua primeira proeza sertaneja.

Antonio Pires de Campos, por ventura avivadas as suas recordações na memoria de seu pae, que viveu até 1722, se tinha lançado ao sertão traçando a derrota, por onde Paschoal Moreira Cabral Leme devassara o ouro de Cuyabá.

E elle, o segundo Anhanguéra, já em edade provecta, vivia os seus dias da lembrança do passado; recordando as riquezas incalculaveis, ouro, prata e pedras preciosas, entrevistas nos Martyrios. (1)

---

(1) O sr. Alencastre, nos *Annaes de Goyaz*, ensina que Bartholomeu Bueno morreu aos 19 de setembro de 1740, aos 70 annos de edade (R. I. H. B. V. 27 pg. 84, 2.ª p. e colloca-lhe a primeira entrada aos *Martyrios* em 1682 aos 12 annos de edade (Idem pg. 31 e 32) o que quer dizer que Bar-

Um dia decidiu-se; chamou seus genros, João Leite da Silva Ortiz e Domingos Rodrigues do Prado e expoz-lhes à resolução, em que estava, de ir buscar os Martyrios; não lhes occultou que essas serras ficavam muito longe, que os caminhos eram asperos, povoados de indios barbaros, cuja conquista era preciso fazer para assegurar o bom exito do descobrimento.

A sua proposta foi acolhida calorosamente pelos genros, que prometteram acompanhal-o, Ahi mesmo pesavam todas as difficuldades e obstaculos com que teriam de luctar, e ficou resolvido, que só se abalançariam a tão arriscada e dispendiosa empresa, si o rei lhes concedesse, a elles e aos que os acompanhassem, as honras e mercês do estylo, e as passagens dos rios que dependessem de canôas, com sesmarias de terras, onde pudessem plantar mantimentos para fornecerem aos sertanistas. Bartholomeu Bueno da Silva, João Leite da Silva Ortiz e Domingos Rodrigues do Prado fizeram

---

tholomeu nasceu em 1670, e teria, quando partiu em 1722, 52 annos, epocha da vida em que ainda se não e propriamente um velho.

Southey (Hist. Braz. v. 5. pg. 380) indica 1670 como o anno em que se realizou essa primeira entrada, dando a Bartholomeu 12 annos de edade, facto em que estão todos concordes, sendo pois 1658 o anno do nascimento do descobridor de Goyaz.

Parece estar Southey mais proximo da verdade.

Antonio Prado de Siqueira, visinho por muitos annos e amigo intimo de Antonio Pires de Campos informava em 27 de Agosto de 1769 (R. I. H. B. V. 6.º pg. 319 a 322) que Antonio Pires de Campos morrera havia 20 annos ou em 1749 aos 90 annos de edade. Se Pires morreu aos 90 annos em 1749 deveria ter nascido em 1659, e se tinha 14 annos na epocha da sua primeira entrada, esta se teria realizado em 1673.

Entre 1670 e 1673 se realizou a entrada aos *Martyrios*, em que Pires e Bartholomeu, ambos meninos, lá se encontraram. Hypothese que encontra certa confirmação em um requerimento feito ao rei em 1736 (Doc. V. 24 pg. 222) por paulistas principaes, contemporaneos de Bartholomeu que a esse tempo ainda vivia, no qual se diz que Bartholomeu descobrira Goyaz, com 70 annos, edade visivel. mente exaggerada, si a não consideramos como equivalente a *«entrada nos 70»* mesmo considerada em relação à volta ao povoado (1725) mas que apparentava ao descobridor, talvez pelos grandes soffrimentos do deserto.

Nesse requerimento não se procurou provar edade, mas incidentemente mostrar o adiantado dos annos de quem levou a cabo tão arriscada empreza, o que não teria razão de ser se Bartholomeu tivesse os 52 annos, que lhe dava Alencastre, epocha de plena maturidade principalmente em sertanistas.

Bartholomeu Bueno da Silva teria, pois, nascido de 1658 a 1661, realizado a primeira entrada aos Martyrios entre 1670 a 1673, com 12 annos, partido em 1722 com 64 ou 67 annos e morrido em 1740 com 82 ou 85 annos, mais moço ainda assim que o seu emulo Antonio Pires de Campos que falleceu aos 90 annos.

então um requerimento a D. João V offerecendo o descobrimento de novas minas de ouro, em troca das mercês referidas.

Esse requerimento, acompanhado de informações favoraveis do Senado da Camara de S. Paulo, foi enviado a Lisboa, talvez pelos principios de 1720.

Em 14 de Fevereiro de 1721, em tempo em que Rodrigo Cesar de Menezes não havia ainda partido de Lisboa, D. João V auctorizou ao governador de São Paulo a tratar com os peticionarios e a prometter-lhes as mercês pedidas, caso levassem a effeito o descobrimento que annunciavam.

D. João V, o rei perdulario, devia nadar em gozo: Minas Geraes fornecia-lhe ouro ás arrobas; Cuyabá já estava descoberto, com futuro promettedor, e ainda, espontaneamente, lhe offereciam mais.

E tudo sem trabalho, sem dispendio, pois que as recompensas solicitadas sahiriam do proprio descobrimento, nada tirando do erario portuguez.

Chegando a S. Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes já encontrou a carta regia de 14 de Feveriro de 1721, e cinco dias depois de sua posse, 10 de Setembro de 1721, já tinha colhido minuciosas e favoraveis informações sobre a capacidade e posses de Bartholomeu Bueno e de seus genros.

Mandou chamal-os a sua presença; porém, só Bartholomeu se apresentou, porque os outros se achavam ausentes a grande distancia.

Nessa audiencia mesma ficou assentado que, logo que os seus companheiros se recolhessem e que Junho, epocha da verdadeira monção, fosse chegado, Bartholomeu Bueno daria começo á diligencia; Rodrigo Cesar garantiu a concessão das mercês pedidas ao rei, desde que os descobrimentos fossem feitos em terras portuguezas, porque si o fossem nos dominios de Castella, em vez de pre-

mios teriam castigo — 2000 cruzados de multa e degredo perpetuo para S. Thomé. —

Só João Leite da Silva Ortiz se recolheu a tempo, estando Domingos Rodrigues do Prado todo entregue ás minas de Cuyabá; com aquelle organizou Bartholomeu Bueno a bandeira que se compoz de 300 armas, da qual fizeram parte Simão Bueno, seu irmão, Manoel Peres Calhamares, seu cunhado, Antonio Ferraz de Araujo, seu sobrinho, diversos linguas para praticarem com gentio, e dous religiosos benedictinos, Frei Jorge e Frei Cosme, que iam como capellães.

O governador auxiliou a expedição com 20 indios, tirados das aldeias da capitania, e um regimento de instrucções. Esse regimento determinava de antemão providencias administrativas nas minas a descobrir, taes como: nomeação de João Leite da Silva Ortiz para guarda-mór; de Antonio Ferraz de Araujo para escrivão; e de pessoa idonea para thesoureiro; a escolha das datas para el-rei nas melhores paragens das minas; a arrecadação dos quintos e mais rendimentos, e respectiva remessa para S. Paulo; aconselhava a paz com os indigenas, não só para que abraçassem estes a Santa Fé, trabalho commettido aos dous benedictinos, como tambem para que, amigos, indicassem os logares do ouro, e fossem, depois, descidos a encher as aldeias da capitania exhaustas de habitantes; mas auctorizava a guerra, guerra de exterminio e de captivação, caso os indigenas pondo-se em peleja impedissem a marcha da expedição.

Dos captivados se tiraria para el-rei o quinto que, enviado a S. Paulo seria vendido pela fazenda real.

Bartholomeu Bueno, cabo supremo da bandeira, a quem todos deviam obediencia, podia distribuir castigos, até a prisão inclusive; remettendo, porém, ao governador aquelles que devessem soffrer penas mais graves.

Essas instrucções foram approvadas pela carta régia de 16 de Outubro de 1723.

Solemne foi a partida da bandeira, a 30 de Junho de 1722.

Todos — brancos, indios e negros — foram confessados por Frei Jorge e Frei Cosme e destes receberam a communhão, para que, indo em graça, tivessem bom sucesso e achassem Deus propicio á jornada.

Ao partir, já Bartholomeu Bueno levava a resolução deliberadamente feita, inabalavelmente formada de *descobrir o que ia procurar ou morrer na empresa»*.

Essa arriscada travessia do sertão ignoto, cujas difficuldades conhecia, cujos obstaculos tinha de sobra acotovellado, elle a faria para o descobrimento dos *Martyrios,* já agora o escopo de sua vida, a razão de ser de sua existencia; e *ou haria de descobrir o que buscava ou morreria na empresa.*

Seria esse o seu lemma.

Outro guia não tinha o filho do Anhanguéra, mais que as recordações, que lhe ficaram da primeira entrada nas paragens dos *Martyrios*, occorrida havia mais de quarenta annos.

Debuxando a que, mais tarde, seria a estrada de S. Paulo a Goyaz, Bartholomeu, pois, seguiu outro roteiro, atravessou os rios Iguatibaia (Atibaia), Jaguary, Mogy, Pardo, Sapucahy, até ao Rio Grande, sem incidentes, por esse territorio, já mais ou menos frequentado, e onde hoje prosperam os municipios de Jundiahy, Campinas, Mogy, Casa Branca, Batataes, Franca e outros; atravessou o que hoje se chama triangulo mineiro, cortando o Rio Grande, o Rio das Velhas, até ao Parnahyba, transposto o Parnahyba, começou a descambar para o poente, passando o Guacorumbá e o Meia-Ponte, até esbarrar com a floresta espessa a que chamavam *Matto-*

Grosso, larga de nove leguas e que se estendia do rio das Almas até o centro da região que Ayres do Casal denominou Cayaponia.

Porventura, ao chegar ahi, já teria começado a estação das chuvas, que vai de Outubro a Abril, emquanto duram as trovoadas.

Ladeando, talvez, essa floresta, descambando ainda mais para o poente, como quem procura a região ao norte de Cuyabá, a bandeira seguiu ás apalpadellas, tacteando como um cego, titubeando pelo sertão mysterioso, á procura dos *Martyrios*.

D'ahi por deante difficil é reconstituir, com exactidão, o roteiro da bandeira: porque apagadas, confusas e incertas são as noticias deixadas pelos chronistas, como confuso e incerto foi decerto o caminhar da propria bandeira.

Destacando, entretanto, de sua tropa bandeiras parciaes para investigarem o ouro, Bartholomeu Bueno perseverantemente explorava as terras, que atravessava, sem todavia colher fructo. Ao entardecer, porém, de um dia de 1723, João Leite Ortiz e alguns companheios, por entre o estrondar de tiros, se recolheram ao acampamento geral, onde foram recebidos com a mesma toada: prevendo successo feliz, outras bandeiras parciaes, que egualmente voltaram, descarregavam tambem as armas.

O sertão impassivel echoava esse tiroteio, manifestação da alegria dos sertanistas.

Logo, logo, João Leite contou o resultado de sua diligencia: lá, na ponta daquelle *Matto-Grosso*, no rio Pilões, logar que se chamou das *Palmeiras*, tinha encontrado o ouro!

O rosto de Bartholomeu resplandeceu: pois, já não julgava tão facil attingir o fim da empresa.

Os aventureiros todos respiraram ruidosa alegria, vendo terminados seus trabalhos, recompensados seus esforços. Todos queriam vêr, apalpar o ouro, que foi logo pesado, dando 32 oitavas.

João Leite triumphante, descrevia o logar da descoberta; á proporção que a sua descripção avançava, a physionomia de Bartholomeu carregava-se de sombras e desapparecia-lhe o contentamento.

No dia seguinte, em junta, que fizeram, ficou resolvido que, dando parte da feliz nova, se enviasse o ouro a Rodrigo Cesar.

Escreveram-se as cartas, arrumou-se o ouro, escolheu-se o portador...

Mas Bartholomeu, que ficára mudo após a descripção do logar da descoberta e que talvez tivesse ido reconhecel-o, se oppoz terminantemente á partida do portador.

—Era ouro aquillo, o logar promettia muito; mas não era o ouro dos Martyrios. Lá havia muito mais, muito mais, para fazer a riqueza de todos, e era esse que se devia procurar. Em vista da affirmação cathegorica do cabo, a contragosto talvez, submetteu-se a bandeira e continuou a exploração.

A's vezes, a ala de uma serra, a volta de um rio, a conformação de uma planicie, tudo fazia estremecer Bartholomeu que então suppunha proximo o fim almejado: mas ao se approximar recolhia apenas mais uma desillusão, que ia juntar a tantas outras, nessa jornada de fadigas e de torturas.

Porém cada desillusão, cada decepção só conseguia affirmar a sua vontade, aguçar a sua tenacidade.

E a bandeira continuava a cruzar o sertão desapiedado, vendo rios ainda sem nome, serras virgens á espera de baptismo. As unicas nominadas os *Martyrios*, essas pareciam intangiveis; recuavam e escondiam-se como n'um jogo infernal de cabra-cega.

A tropa sentia que Bartholomeu tinha perdido o rumo.

—Quem sabe se seria melhor voltar, já se murmurava.

Abandonar a empresa? Não; *descobrir ou morrer* era a resposta continua do obstinado cabo. Bartholomeu caminhou mais para o

norte, atravessando uma região coberta de catingas, matto carrasquento, de vegetação tortuosa e rachitica.

Quem poderá descrever os atrozes soffrimentos da expedição mesquinha?

Nova estação de secca tinha começado; e, nesses dias de sol ardente, que bellisca a pelle e offusca a vista, a sede se faz sentir de modo torturante.

> «O jornadear nas horas quentes do dia é supplicio
> «insupportavel. Aperta-se aspera e irritada a garganta do
> «viajante; encadeiam-se-lhe os olhos que anceiam qual-
> «quer sombra; zumbem-lhe os ouvidos, e o sangue afflue
> «afogueado á cabeça azoada.
>
> «Como que arqueja de fadiga a natureza inteira.
> «Ha um soffrimento vasto, que pede prompto lenitivo;
> «afflicção intima, occulta, inerte de quem vae desmaiar.
> «Seccam as arvores..... Os coqueiros encolhem as
> «compridas palmas, cujos foliolos perdem a graciosa e
> «ondulante flexibilidade e, ao halito das aragens, crepi-
> «tam em vez de ciciarem».

Os corregos, os ribeirões estão seccos, deixando na terra apenas o vergão de seu leito, como comprida cicatriz de areia: para obter agua é preciso cavar o chão e esperar que o solo philtre um humor viscoso, parecendo gomma desfeita, onde se engana a sede.

E longe de acceitar a paz offerecida, o gentio feroz sonda os bandeirantes, atacando-os ás vezes furiosamente, em continuos recontros, nos quaes já muitos homens pereceram.

Os Caiapós, em ataques successivos e sem piedade, atiraram a expedição para o norte: e esta, batida pelos indios, vogava no sertão, sem rumo, como a náu desarvorada, batida pelas ondas, voga no oceano.

Mais adeante a região mudou de aspecto: caminhando avistaram uma serra, cuja direcção geral era do nascente para o poente. Ao chegarem alli, acabaram-se os viveres, que levavam em saccos: e por isso a serra chamou-se do *Acaba-Sacco*, denominação miseravelmente expressiva que denotava a penuria da tropa.

Obrigada pela necessidade e segundo o costume paulista, já a bandeira fazia apenas marchas de *meio-dia*: na primeira metade do dia procuravam o ouro e a substancia na segunda.

Esta seria a caça e o mel, quando atravessassem as mattas, e a pesca, quando se avisinhassem dos rios.

Mas nem sempre encontravam o que caçar ou onde pescar; em leguas e leguas de terra a natureza mostrava-se madrasta e só lhes apresentava as arêas do deserto.

Tinham tocado a ultima extremidade: já haviam comido todos os cães e alguns cavallos da tropa: e apesar disso tres ou quatros bandeirantes já tinham morrido de fome. Para animar seus companheiros Urbano do Couto, moço de 20 annos que assentara praça de soldado aventureiro na bandeira de Bartholomeu, espirito forte, alegre, cameçou a pregar, como elle dizia, e fez 35 sermões sem mudar de thema.

Confortava-os certificando que para deante encontrariam peixes, campos e muitos veados, mattas de muita caça, mel e guarirobas.

—Quando? perguntaram os miseraveis com os olhos brilhantes por tão deliciosa perspectiva.

—Nestes dias; respondia convicto o prégador.

Uma vez, em que, em uma expedição parcial, Urbano do Couto e alguns companheiros descobriram um rio, que chamaram *Pasmados*, com muita pinta de ouro, Antonio Ferraz de Araujo, sobrinho de Bartholomeu, temperamento irrequieto e inflammado, mostrou a conveniencia da volta ao povoado, acrescentando que só

elle, Urbano do Couto, bem falante, poderia convencer ao cabo a que arribasse, fazendo um de seus sermões.

Urbano de Couto, pouco confiante no exito de sua palavra, recusou-se; mas taes foram os rogos de Ferraz, que se resolveu, chegando ao acampamento, a pregar ao cabo....

Mas foi o seu ultimo sermão, que este lhe ia custando a vida, tão enfurecido ficara Bartholomeu. — Bartholomeu Bueno encolerizava-se com essas resistencias, já por vezes manifestadas por quasi todos; na sua grande alma, não comprehendia que se pensasse em arribar a povoado, sem se ter descoberto o ouro dos *Martyrios.*

A serra do *Acaba-Sacco* vae pouco a pouco se abaixando até se confundir com as planicies; depois, as planicies se succedem umas ás outras, ondulando como as vagas do oceano, casando-se, na orla do horizonte longinquo, com os espaços azulados do céo, sem um morro, sem um oiteiro para interromper a vastidão dessa solidão intérmina.

Caminhando por essas planicies, debaixo de um sol implacavel, a caravana chegou ás margens do Araguaya, onde acampou.

Formando ilhas verdejantes e lagos placidos, o Araguaya corria entre praias de arêa branca, bordadas de tiras de matto que, á distancia, semeavam juncaes; as suas aguas, massa gigantesca de mil metros de largura, deslisavam mansa e serenamente, sem uma ruga que lhes encrespasse a superficie lisa.

A magestade do rio, a vastidão das planicies, a serenidade da solidão punham uma nota de desanimo profundo, de abatimento desconhecido na alma dos expedicionarios perdidos, deixando-os sem vontade, e sem energia.

Ahi, nessas noites limpidas, varridas de nuvens, allumiadas pela claridade mysteriosa da lua, que aperta no coração uma sau-

dade indizivel, infinita, emquanto, nas suas rêdes dormiam os bandeirantes, junto á sua, porventura, Bartholomeu scismava.

Era bem visivel o descontentamento de sua tropa: já não se lhe obedecia com aquella presteza, que denota confiança: já se murmurava da sua pertinacia, que não era corôada de bom exito.

O proprio Ortiz, seu braço direito, seu genro, andava intratavel, resmungão, aggressivo: e Bartholomeu, com desgosto, lembrava-se do péga, que com elle tivera, em que appareceram as armas, e, quem sabe, appareceria tambem o sangue si não fôra a intervenção dos dois benedictinos.

Deante dessa natureza tão grandiosa, os interesses humanos amesquinhavam-se, ficavam pequeninos, despreziveis; e, talvez, não valêra a pena tanto padecimento, tanto sacrificio para procurar um ouro que teimava em não apparecer.

Mas elle tinha se offerecido para descobrir o ouro dos *Martyrios:* e todos tinham acreditado, porque era a palavra do sertanista valente, do paulista audaz que fazia o offerecimento...

— Não; não desistiria da empresa: quando criança tinha visto os *Martyrios,* havia pois de encontral-os agora.

Então o seu olhar adquiria a fixidez da fé que arrasta montanhas.

A morte?

Que importava a morte se a ella já se tinha condemnado si não descobrisse o ouro cruel?

— *Descobrir o que procurara ou morrer na empresa,* disséra elle ao partir e repetia ainda.

Abandonando essas planicies, continuou a bandeira a exploração do sertão descaroavel.

Mezes e mezes de novo passaram indifferentes, trazendo novas estações.

A's vezes, na hora do meio-dia, avistavam um burity, a palmeira gigantesca, todo em braza, ennovellando para o céo columnas de fumaça espessa.

Era o prenuncio do ataque dos selvagens.

A' noite este signal indicava apenas o ponto de reunião para os indios transviados no deserto; ao meio-dia era o signal de combate.

O gentio, bacorejando a escravização cruel, as oppressões futuras, a exterminação sem piedade, acossava os invasores com ataques continuos, em perseguição incessante, matando brancos, matando negros.

Além disso, muitos bandeirantes, com o organismo enfraquecido pelas privações do deserto, morriam de febres.

A desunião lavrava abertamente entre os expedicionarios; a opinião geral era — que os *Martyrios* não existiam, ou se existiam, Bartholomeu não conhecia a sua situação.

Bartholomeu sentia, com desespero a desmoralização de sua tropa; porém, cheio de confiança no descobrimento que havia de fazer, apezar de todos os revézes, procurava levantar o animo abatido de seus companheiros, esqueleticos e famintos, incutindo-lhes coragem com a palavra e com o exemplo.

Deviam estar pela altura do Paraná que, reunindo-se ao Maranhão, fórma o Tocantins.

· Começaram as diserções: alguns bandeirantes, abandonando o cabo, entregavam-se aos rios desconhecidos, que corriam para o norte, e, pelo Tocantins, depois de trabalhos insanos, iam parar na capitania do Maranhão; outros voltaram sobre seus passos e procuravam com ancia tornar ás terras de S. Paulo.

A bandeira que partira com 300 armas estava reduzida a pouco mais de 70; e, vacillante, titubiava ainda pelo sertão, arrastada pela vontade tenaz e pela firmeza inflexivel de seu cabo. Porven-

tura, na sua incerteza, passava, por vezes, onde já tinha passado, descortinava serranias já descortinadas, avistava rios antes avistados.

Durava essa porfiada batalha com o desconhecido havia mais de dous annos.

Estariam, então, esses restos da bandeira, no logar onde hoje existe S. Felix.

Todos estavam convencidos de que os *Martyrios* eram intangiveis: continuar, depois de tanto tempo consumido inutilmente, de tantas mortes pela guerra, pela peste e pela fome, era loucura.

Houve um panico.

Os bandeirantes revoltaram-se e terminantemente intimaram a Bartholomeu a não proseguir na exploração inutil: entre os revoltosos estavam os parentes de Bartholomeu: estava o proprio João Leite da Silva Ortiz, seu genro, seu socio no requerimento a D. João V offerecendo o descobrimento do ouro maldito.

Dizimada, primeiro pela morte e depois pela deserção, acabava-se com a revolta a bandeira de Bartholomeu.

Faltava essa triste corôa para completar-lhe o triste fadario de descobridor.

Não o abatimento, mas uma tristeza grande, lhe invadiu a alma nobre.

— Voltassem os que quizessem: deixassem-n'o ali: emquanto tivesse forças continuaria sósinho a exploração, e depois... depois a morte.

Descobrir o que procurara ou morrer na empreza, tinha jurado e saberia cumprir o seu juramento.

Tanta firmeza, tanta abnegação tocariam, decerto, esses homens, que resolveram participar do destino de Bartholomeu — a morte — porque descobrir era impossivel.

Em S. Paulo as primeiras noticias chegaram em Março de 1725, enviadas em cartas pelo marquez de Abrantes, que as houvera do governador do Maranhão.

Contando as torturas das tropas e a tenacidade do chefe, cinco desertores da expedição, num estado miseravel, tinham chegado ao Maranhão.

Pouco depois, fugidos, appareceram em S. Paulo, 12 dos 20 indios, cedidos pelo governador, que confirmaram as noticias enviadas pelo Marquez de Abrantes.

Convencido então das riquezas do sertão resolveu Rodrigo Cesar mandar a Bartholomeu soccorro de gente e munição, que assegurasse o descobrimento das minas e livrar a vida do cabo e as de seus poucos companheiros, seriamente em perigo.

Attendendo ás noticias afflictivas chegadas do sertão dos Gusayás e á certeza, que nutria Bartholomeu, do descobrimento de ouro, em 1.º de Abril de 1725 fez correr um bando em que ordenava a todas as pessoas, que quizessem ir a esse sertão fazer serviço a S. M.e, se puzessem promptas para acompanhar a tropa, que se ia expedir, fornecendo o governo polvora e munição aos pobres e deferindo os requerimentos que tivessem.

Ao rei participou essa resolução, que foi muito louvada, em a carta regia de 25 de Setembro de 1725, « por não ser justo que indo Bartholomeu em serviço real e em beneficio dos moradores da capitania arriscasse a vida », ponderando-se que « se houvesse perigo de não se descobrir o ouro, fizesse recolher o cabo da tropa, pois não convinha que elle persistisse em um trabalho infructuoso. »

A 10 de Abril de 1725, por escripto, instava o governador junto a Francisco Vaz Muniz, sertanista capaz e experiente, que acompanhasse a tropa que ia ser enviada ao sertão dos Gusayás.

para salvar a primeira expedição, descobrir novos terrenos e dilatar os dominios da corte de Portugal.

Rodrigo Cesar applicando com todo o calor e cuidado, como elle dizia, escrevia e escrevia muito, falava e falava muito, mas Abril, Maio, Junho, Julho e Agosto já tinham passado sem que em seus dias nada tivesse sido feito.

A 21 de Outubro de 1725 chegou a S. Paulo Bartholomeu Bueno, com os restos de sua bandeira, annunciando ao governador haver descoberto nos sertões de Gusayás cinco ribeiros com muito ouro, e assegurando no novo descobrimento eguaes grandezas ás de Cuyabá, com a vantagem de não serem os ares tão contagiosos», assim informava Cesar a seu rei.

Apoz tres annos, tres mezes e vinte e um dias de um luctar constante, ininterrompido, tenaz, inflexivel: depois de consideraveis prejuizos na sua fazenda e na de seus companheiros — só João Leite da Silva Ortiz havia perdido 22 escravos — depois de ter visto a sua tropa dizimada pelas flexadas dos indios, pela agonia da peste e da fome, desfalcada pelas deserções, nullificada quasi pela revolta, Bartholomeu Bueno, o segundo Anhanguérra, recolheu-se *tendo descoberto o que buscava*.

Tinha vencido; tinha conseguido deitar a mão a esse ouro cruel e lançava-o aos pés da magestade portugueza, com a justa satisfação de quem soubera cumprir a sua palavra.

Mas quem se desvanecia, e a todos os ventos tamborilava as minas de Goyaz, era Rodrigo Cesar, que se arrogava todas as glorias da empreza, fazendo valer os serviços proprios, que, valha a verdade poderiam ser prestados por qualquer capitão-mór, pois não passaram do cumprimento de ordens reaes, provocadas pelo offerecimento dos paulistas.

Estavam descobertas as minas de Goyaz, estava descortinado o futuro estado de Goyaz: esse descobrimento marcava mais uma posse e ligava S. Paulo ao centro do continente, formando o pião de novas explorações que logo se iam fazer e que o ligariam, por terra, para o norte, ao Estado do Maranhão, para leste a Minas e Bahia, e para oeste a Cuyabá, a Matto Grosso, dando ao Brasil um corpo homogeneo, sem soluções de continuidade.

Os *Martyrios,* porém, se envolviam nas nuvens do desconhecido, intangiveis como um novo *Eldorado,* no centro do Brasil.

Não deixa, por isso, de ser grande o serviço de Bueno; não foi menor a gloria de Colombo com o descobrir a America, quando procurava o caminho das Indias.

Rodrigo Cesar de Menezes, por provisão de 2 de Julho de 1725, aos descobridores fez effectivas as mercês das passagens dos rios *Yguatibaia, Jaguary, Mogy, Pardo, Sapucahy, Grande, das Velhas, Parnahyba, Guacorambá, Meia Ponte, e Pasmados,* por tres vidas, sujeita a lei mental; e, adjacentes a essas passagens, concedeu sesmarias de terras, com seis leguas de testada por outras tantas de fundo para nellas estabelecerem gente, plantas e criação.

Associando-se com Bartholomeu Paes de Abreu, para exploração das minas, os descobridores traspassaram-lhe e renunciaram nelle a passagem dos rios Mogy e Sapucahy.

Bueno e seus companheiros foram louvados em carta regia pela fortaleza de animo com que toleraram os trabalhos e descom-

modos d'essa jornada, e lhes foi promettido que esse serviço inestimavel ficaria na real attenção para honrar e fazer mercê aos seus auctores.

Depois de ter justamente descansado «tendo se recolhido tão derrotado que era necessario muito tempo para guarecer das molestias experimentadas», em Julho de 1726, partiu de novo Bartholomeu Bueno para o logar de seus descobrimentos, em o posto de capitão-mór regente das minas do arraial de Sant'Anna, hoje termo da cidade e capital do Estado de Goyaz.

CAPITULO VII

Viagem a Cuyabá. — A travessia dos rios. — Os selvagens. Chegada á terra do ouro.

Na monção de 1726, Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão-general de S. Paulo, resolvera seguir para as minas de Cuyabá.

Em 1723, não realizára essa jornada, porque as ordens reaes, que a permittiam, chegaram fóra de monção, que só era propicia de fins de Maio a principios de Agosto.

Em 1725 tinha tornado publica a resolução de partir, e o écho chegára ás minas; adiára, porém, essa dilatada viagem, para, com a sua presença em S. Paulo atalhar a perturbação que poderiam causar os excessos do ouvidor Godinho Manso. Eram essas, pelo menos, as justas razões que poz na real presença de S. M. D. João V, em carta de Outubro 1725.

Agora, porém, tendo sido já tomadas as ultimas providencias para a sua ausencia da capital, a resolução era irrevogavel: é, para augmento da real fazenda, a preoccupação de sua vida, estava o governador realmente disposto a entregar-se aos riscos e perigos dessa longa, monotona e penosa travessia do sertão.

Já fizéra correr o bando de 17 de Março de 1726, no qual prohibia terminantemente que alguem se embarcasse antes de sua

ida, sob pena de confisco de bens e de degredo por tres annos, para a Colonia do Sacramento; já tinha elaborado um minucioso *regimento* para guia de Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, a quem confiava a Regencia de S. Paulo, emquanto durasse o impedimento do capitão-mór José de Góes e Moraes; e, com o Padre Estanisláu de Campos, já conferenciára, recommendando-lhe o substituto, depois de advertir a este que nada resolvesse sem os prudentes assertos do veneravel septuagenario paulista, cujos conselhos elle mesmo não desdenhava ouvir em negocios administrativos; já estava de posse da ordem régia que auctorizava as despezas da viagem por conta do erario, e, talvez, da que lhe concedia soldo dobrado durante a sua permanencia nas minas.

A principio, logo que chegou a S. Paulo, quiz Rodrigo Cesar immediatamente se passar para as minas de Cuyabá; depois se apegára a todos os pretextos para ir adiando essa viagem, enrolando-a num futuro sempre recuado, e, quem sabe até, tornal-a esquecida.

Era que pelo espirito do governador europeu, já augmentadas pela distancia, já ennovelladas na lenda sertaneja, perpassavam as lutuosas tragedias tão communs nessas varações ousadas do sertão americano.

Conhecia elle bem as pungentes historias das monções destroçadas, nas quaes as canôas se arrebentavam nas corredeiras vertiginosas; os mantimentos se corrompiam com as chuvas torrenciaes; e os sertanistas miseravelmente morriam de fome, a pavorosa fome que a tantos ceifava, ou serviam de pasto ás feras, depois de atormentados por milhões de mosquitos implacaveis.

Houve comboios de canôas em que pereceram todos, deixando pelos rios uma esteira lugubre de mantimentos apodrecidos e de cadaveres putrefactos, nos reductos e barrancos.

Em 1720, José Pires de Almeida perdeu toda a escravatura e todos os generos que levava: e, elle, na allucinação, na loucura da fome, trocára um mulatinho, que tinha em conta de filho, por um peixe *pacú*.

Maiores foram os tormentos da monção de 1722, destruida pela fome, pela peste e pelas féras: os que passaram depois foram encontrando, nas margens dos rios, as canôas abandonadas tresandando podridão, e, nos ranchos, dentro das rêdes em que se haviam deitado antes, os cadaveres dos aventureiros, na postura em que a morte os deixára.

Nessas monções, quando se fazia sentir a penuria de viveres, não era raro abandonar-se os doentes, os imprestaveis, aquelles que só comeriam sem prestar serviços, nas margens dos rios, tendo por *«unico alimento a agua do céo e a que seus olhos derramavam»*.

Muitos dos que partiam, abandonando lar, mulher e filhos, accossados pela sede do ouro, não tinham pilotos, não se proviam dos meios necessarios para resistir ao sertão: e a sua inexperiencia ia fazendo, com lagrimas e horrores, a chronologia das monções.

E agora, juntando-se a todas essas miserias mais uma miseria, a todos esses perigos mais um perigo, lá estava o Paiaguá terrivel, em vinganças tremendas, exterminando os que se aventurassem a essas paragens.

Em 1725, capitaneando um troço de 20 canôas, com uns 600 homens, Diogo de Souza de Araujo, já no Paraguay proximo á barra Xanés, da laguna Mandioré, fora accommettido pelos Payaguás, acabando ahi todos, excepto um branco e um negro.

E, os que levavam a cabo essa viagem de innenarraveis martyrios, chegaram a Cuyabá num lastimoso estado: roidos pelos mosquitos, postulentos, deformados pela anasarcha, tremendo com maleitas, com os esphincteres anaes dilatados, transudando sangue pelo *macúlo*

ou *corrupção:* e, apezar do desejo aspero de arrancar o ouro das entranhas da terra, nos primeiros tempos só podiam cuidar em convalescer.

E nesse Cuyabá tão opulento, que a lenda se comprazia em contar que, nas caçadas, o ouro substituia o chumbo nas espingardas; que de ouro eram as pedras da lareira em que se punham as panellas a cosinhar; que, para o tirar, bastava arrancar as tossas de capim, porque nas raizes vinham pegados granetes rebrilhantes, a penuria e a miseria eram grandes.

Os viveres, que escapavam ao gentio, chegavam podres e imprestaveis; a agricultura rudimentar soffria das inundações ou das seccas demoradas, e, principalmente, dos ratos vorazes, que se multiplicavam prodigiosamente, constituindo um verdadeiro flagello, comparavel ás pragas do Egypto. Por isso um casal de gatos custava uma libra de ouro (192$000, valor do tempo) e vendiam-se gatinhos a 20 e 30 oitavas cada um.

Faltava o milho, havia quem desse um negro por quatro alqueires de milho; não havia sal, comprava-se um frasco por 40 oitavas, e, para os baptisados, mendigavam-se pedras de sal e, ainda assim, muitas creanças morriam pagãs!

—Não é de rosas a vida d'esta gente, devia murmurar Rodrigo Cesar, arrepiado e sumido, na evocação de tantos horrores.

E acima de tudo isso, sobrepujando altaneiro, pairava o fisco sugando, extorquindo, nova espada de Brenno nessa balança de miserias.

Joaquim Pinto comprou um jahú por uma quarta de ouro fel-o em postas e as vendeu nas lavras ganhando o dobro.

Sabedores d'isso os agentes do erario confiscaram-lhe os bens, para tirarem o quinto de el-rei, devido pelo negocio.

Um outro, que comprara uma abobora por quatro oitavas e fizera uma especie de cozido e o vendera por 20 oitavas, teve tambem os bens confiscados.

Do fisco, porém, não se receiava o governador que, em mente, já apparelhava um novo mechanismo com o qual havia de, com maior abundancia, extrahir da pelle resequida do mineiro os quintos reaes.

E fôra elle quem lembrára, quem provocára essa passagem a Cuyabá, e si não a realisára logo, fôra porque recebera um aviso do vice-rei communicando-lhe que era necessario ordem expressa do rei.

Mas, então, as primeiras noticias só falavam cousas gostosas, na abundancia do ouro, na facilidade de o extrahir, na mansidão do gentio: agora, porém, o gentio exterminava, a peste dizimava, as inundações destruiam e a fome matava aquelles que ousassem continuar o desvirginamento do sertão.

—Emfim era preciso partir, suspirou o governador num arranco de decisão.

A 6 de Julho de 1726 partiu de S. Paulo o governador Rodrigo Cesar de Menezes com a sua comitiva.

Acompanharam-n'o o ouvidor de Paranaguá, Antonio Alves Lanhas Peixoto, o padre Lourenço de Toledo Taques, nomeado pelo bispo do Rio de Janeiro visitador e vigario de Cuyabá, o secretario Gervasio Leite Rebello, o ajudante de tenente João Rodrigues do Valle, os soldados de sua guarda, 28 negros seus escravos e 8 indios.

Seu official de sala, o tenente de mestre de campo Antonio Cardozo dos Santos, recusou-se a acompanhal-o allegando um vago e mal disfarçado motivo de molestia; e o outro, David Marques Pereira, porque se lhe receava a insubordinação, foi mandado para a villa de Laguna, sob pretexto de deligencias do serviço real.

Essa comitiva ia consideravelmente engrossada com muitos européus e paulistas que, em honra do governador, lhe fizeram cauda até o porto de Ararytaguaba.

As 23 leguas, que d'esse porto separavam a capital, foram percorridas em triumpho, recebendo Rodrigo Cesar as homenagens dos poderosos da terra, esquecidos decerto do triste fim dos Lemes.

No seu sitio Piedade, da freguezia de Aracariguama, Francisco Rodrigues Penteado, demorou-o e aos mais da comitiva, tres dias, banqueteando-os no meio de continuas festas.

Ararytaguaba, hoje Porto Feliz, não chegava a ser uma povoação: era apenas um porto de embarque, com uma capellinha, sob a invocação de N. S. da Penha, num paredão vertical do Tieté, e alguns ranchos debuxando uma praça chamada Pateo da Penha.

Apezar de ter Rodrigo Cesar revogado o seu bando de 17 de Março de 1726, permittindo assim que partissem sertanistas antes de seu embarque, grande era o numero de pessoas — approximava-se de 3.000 entre brancos e negros — que se destinavam ás minas de Cuyabá, naquella monção, em um comboio de 308 canôas, das quaes 23 pertenciam ao governador.

Desusado movimento dava á Ararytaguaba, nos meiados d'aquelle Julho, a apparencia de uma rectaguarda de exercito acampado: e, realmente, não era outra cousa senão o acampamento de um exercito, que se aprestava para, em combate desesperado com a natureza, saquear-lhe o ouro.

Centenares e centenares de barracas, erguidas sem alinhamento, umas de panno e outras improvisadas de palmas de coqueiros, coalhavam o solo, como erupção violenta de molestia maldita.

Portuguezes e paulistas e negros semi-barbaros e indios meio civilizados e mestiços d'essas raças formigavam, borborinhavam, num latejar continuo, num ruido surdo, como o roncar do oceano a distancia.

Montes de canastrões de couros: pilhas de caixas de madeira: rolos de pannos: pipas, barricas, caixotes embaraçavam a circulação.

Cães, amarrados ás portas das barracas, de cauda em terra e focinho para o ar, soltavam latidos, que se iam amiudando, num uivar lugubre.

Forasteiros retardatarios chegavam ainda guiando carros puchados por bois, chiando monotonamente, em ondas de poeira suffocante: tropas de burros, gemendo sob o peso da carga, ainda apontavam, encorajados com os gritos roucos dos tropeiros ageis.

Com o approximar da noite, pórem, tudo ia serenando, dissolvendo-se num murmurio vago, confuso, persistente.

A's portas das barracas os bandeirantes, extenuados do trabalho de carregar canôas, assentavam-se com suspiros de allivio.

Nas ramagens das arvores proximas armavam-se as rêdes: no interior das barracas estendiam-se as camas.

No escuro d'essa noite fria de Julho, o fogo, companheiro inseparavel do sertanista, começava a brilhar em fogueiras esparsas; em roda d'estas, saudoso do seu clima adusto, o africano infantil esquecia-se, agachado, de mãos pendentes, sem idéas, sem planos, animalmente a cosinhar-se no brazeiro. Desconfiado o indio suspendia-se na sua rêde, num desprezo inconsciente por todo aquelle trabalho para a colheita de pedaços amarellos que elle desprezára, na meninice, e que, na virilidade achava inferior ao ferro de sua foice.

Enrollado em pannos, por cima das canastras, o emboaba, ao avisinhar do somno, lançava ao céo um derradeiro olhar, uma supplica muda para riquezas inesgotaveis que assombrariam Lisbôa.

O paulista, calmo e rude, amadurecido por essas aventuras, adormecia tranquillamente, deante dessa viagem ao sertão, por elle devassado, por elle conquistado.

Ao longe, o chorado timido de uma viola punha uma nota melancholica nesse acampamento que repousava.

As vinte e tres canôas do governador carregavam (cada uma) 40 a 60 arrobas de generos da terra e do reino, (3) cuidadosamente cobertos com encerados, empilhados pela providencia de Rodrigo Cesar que, segundo a sua propria expressão, não contava com as estalagens do sertão — os rios e as mattas: — nellas estavam tambem duas peças de artilherias, symbolo da força que Cuyabá ia conhecer.

Ao amanhecer do dia 16 de Julho de 1726, foi ouvida a missa na capella de Ararytaguaba, insufficiente para conter todos os aventureiros. Depois, no pateo, a multidão immensa, contricta, em religioso recolhimento, recebia de um sacerdote a bençam da viagem.

Estava prestes a partida.

O guia era mestre, os pilotos praticos, os remadores e proeiros vigorosos. Na sua canôa, protegida por um toldo, e em cuja popa tremulava levemente a bandeira portugueza, já Rodrigo Cesar estava accomodado.

Salvas de mosquetes, acclamações da multidão enchiam os ares.

— *Desamarra!* gritaram. E, num impulso vigoroso de remos, ajudado pela correnteza do rio, a monção deslisou pelas aguas do Tietê.

Logo abaixo do porto passou successivamente as cachoeiras de Acanguéra, de Jurú-mirim e a de Abarémanduaba, cujo nome tupy conserva a tradição credula e ingenua, de que o Padre J. Anchieta, tendo ahi cahido, fôra achado, debaixo d'agua, a ler tranquillamente o seu breviario.

Já ahi começaram os rudes trabalhos da pesada navegação fluvial.

O Tieté, o antigo Anhemby, demandando o Paraná, desenvolve desde Ararytaguaba umas cento e quarenta a cento e cincoenta leguas por um leito sinuoso e accidentado, desdobrando saltos, cachoeiras e itaipavas, que embaraçam e interrompem a navegação.

Em algumas d'essas cachoeiras, aproveitando os canaes, que nellas existem, se passam as canôas com toda ou parte da carga, conforme a altura da agua; em certas navegam as canôas sem carga e com muito perigo; em umas os pilotos e proeiros caminham por dentro d'agua, levando as canôas a mão ou seguras em cordas, desviando-as dos baixios, dirigindo-as pelos canaes espumantes, impedindo-as de se arremessarem impetuosamente pela correnteza abaixo — é o trabalho de sirga chamado — em outras, e nos saltos, varam-se as canôas, costeando-se por terra a difficuldade insuperavel, com as cargas nas cabeças dos negros, e as canôas arrastadas em paus roliços dispostos nos varadouros, varadouros que, ás vezes, teem kilometros de extensão e consomem dias e dias de serviço.

Cachoeiras ha em que essas fadigas se alternam, começando a passagem com meia carga, varando depois e acabando á sirga.

E' uma verdadeira lucta braçal, continua e cheia de surprezas, que os canoeiros, modestos e deconhecidos, travam, por assim dizer, corpo a corpo com as cachoeiras, vencedores quasi sempre, vencidos ás vezes.

Que de canôas, batendo na aresta dum rochedo traiçoeiro, se desmancham afogando os tripolantes ou rachando-lhes os craneos na pedra viva!

Nessas passagens perigosas, a vida dos navegantes e a segurança das cargas estão nas mãos dos guias e dos pilotos.

Elles exercem, como diria mais tarde um capitão-general, que por alli havia de passar, «uma arte maior do que se representa a

primeira vista, porque é necessario estarem esses homens com a lembrança, em uma viagem tão comprida, de mais de cem cachoeiras: da parte e fórma porque as hão de tomar, sendo tão diversas umas das outras e cada uma em si mesma, a medida que os rios levam mais ou menos agua: tendo de luctar com difficuldades que se escondem embaixo d'agua, que os pilotos conhecem tanto pela experiencia como pelo movimento dessa mesma agua, no qual se mostra onde é fundo ou baixo, onde ha canal ou pedras».

E essas difficuldades se reproduzem em dous saltos — Avanhandava e Itapura — e em mais de cincoenta cachoeiras e itaipavas, que tantas tem o Tieté, e por todas ellas passou a monção de Rodrigo Cesar.

Entretanto a viagem era amenizada com as caçadas fartas, e as pescas maravilhosas, nas quaes apanhavam-se dourados immensos, jahús, que pediam dous homens para os carregar, e, não raro, encontravam-se *sucuris* grossos como troncos de arvores.

A' noite, depois que as canôas abicavam no barranco do rio, no fim de um estirão, (7) procurando porto, em terra, dentro das barracas armadas para o pouso, os canoeiros contavam as lendas de que o Tieté se povoava. Um narrava das canôas sem remadores que, em noites escuras, deslisavam silenciosamente pelas aguas unidas do rio quieto: eram as almas penadas dos antigos sertanistas ahi perecidos. Outro lembrava o que tinha ouvido dos poços fervescentes, onde habitam as *mães d'agua*, monstros terriveis cuja vista aterra.

Essas historias calavam profundamente na alma simples do auditorio que as escutava, deixando uma impressão penosa, que se prolongava pela noite a dentro até pela madrugada, que ahi é demorada, por causa da cerração em que se envolve o Tieté até tarde.

Depois entraram no Paraná magestoso, em cujas aguas a travessia perdia o pittoresco sem perder os perigos: porque esse rio, já ahi largo de meia legua, offerece uma vasta superficie aos ventos, cujo sopro o encapella, sossobrando as canôas, que não são feitas para resistir ás ondas.

Por elle fizeram umas trinta e cinco leguas — passando pelo Jupiá, especie de sorvedouro com rodamoinhos, do qual as canôas, seguras umas ás outras, e a força de remos, passam o mais affastado possivel para não serem engulidas, — até á barra do Pardo.

Subiram umas setenta e quatro leguas contra a corrente do Rio Pardo, tão violenta que o que se desce em um dia sobe-se em dez. Nessa navegação, os canoeiros empregam os varejões, só usando de remos quando é grande a profundidade do rio. Elles correm para a prôa do canôa, lançam o varejão ao fundo do rio, e, apoiados na extremidade com peito e mãos, vão de prôa a popa com passo cadenciado, voltando para recomeçar esse penoso trabalho, no qual consomem o dia todo, interrompido de quando em vez pelos saltos e cachoeiras, que o Pardo possúe em maior numero e mais perigosas que o Tieté.

Subindo sempre, deixaram a esquerda o Anhanduhy-assú, affluente do Pardo, caminho antigo dos sertanistas, que, por elle e por um varadouro extenso, procuravam o Emboteteú ou Aquidauana para chegar ao Paraguay. Dahi a 7 ou 8 dias chegaram ao grande salto do Cajurú que, durante muito tempo, finalizava a navegação pelo Pardo.

Ahi os sertanistas baldeavam as cargas por terra até ao Taquary, embarcavam-se nas canôas dos viajantes vindos do Cuyabá, os quaes iam aproveitar-se das que tinham ficado no Cajurú.

Agora, seguindo o exemplo dos irmãos Lemes que, arrojados e temerarios, foram os primeiros a modificar esse itinerario, vara-

ram o salto e continuaram a subir o Pardo, deixando, em poucos dias, o seu pequeno tributario, Vermelho, cujas aguas rubras tingem-n'o por muito tempo, acabando por tornal-o escuro.

Dahi em deante as aguas do Pardo são cristallinas e puras: e elle, perdendo a sua côr caracteristica, perde o nome, tomando o de Sanguesuga, nome do porto onde termina a sua navegação.

Nesse porto os homens da monção abandonaram as vertentes do Paraná em busca das do Paraguay, por um divisor de relevo suave, chamado o Varadouro de Camapuan longo de seis mil duzentas e trinta braças.

Dias, ou melhor noites, porque esse trabalho era feito á noite para evitar a ardencia do sol, foram consumidas em transportar por terra as cargas e canôas, até ao sitio de Camapuan. Camapuan era um sitio dos irmãos Lemes, que ahi tinham lançado roças para se fornecerem de mantimentos, nessa jornada longa e sem recursos.

Rodrigo Cesar ahi abasteceu-se de generos, aproveitando a providencia desses homens, que mandára matar e cujos bens, entre os quaes o sitio de Camapuan, confiscára.

Essa região era dominada pelos Cayapós, os indios das florestas, que chegavam ao Pardo e até o Paraná.

Esses indigenas untavam-se com mel e cobriam-se com folhas, para se confundirem com a matta, em que viviam; rapidos e traiçoeiros, só atacavam grupos pouco numerosos ou aos sertanistas desgarrados ou retardados na caça.

O ribeirão de Camapuan banha o sitio de seu nome, com tão poucas aguas, que a monção foi procural-o d'ahi a meia legua, onde já engrossado por pequenos affluentes, permitte uma navegação penosa e difficil até ao Coxim, no qual atira-se com uma força tal, que os canoeiros usam de varejões, não para impellir, mas para diminuir a marcha.

O Coxim, como o Camapuan, tem o seu leito embaraçado por numerosos troncos de arvores cahidas, que se cruzam no fundo e que, em muitos pontos, atravessam-n'o de barranco á barranco.

A cada momento a monção era forçada a parar para cortar esses troncos ; em alguns, quando a altura permittia, passavam as canôas por baixo, deitando-se os passageiros para evitar o choque das *rasouras*.

O Coxim corre impetuoso, encanado em alguns logares por paredões altissimos, cortados a prumo, oppondo, em uma navegação de 25 leguas, si a isso se pode chamar navegação, 24 cachoeiras difficultosas, e precipita-se no Taquary, que o espera com mais uma cachoeira, que é a ultima da jornada para Cuyabá, mas que tem setecentas e vinte cinco braças de extensão.

Algumas leguas abaixo, pelo Taquary, estava o *Pouso Alègre*, alegre sem duvida porque d'alli em deante os navegantes ficavam livres de cachoeiras.

No resto do seu curso, o Taquary é um rio de planicie; verdadeiro rio do sertão americano, imprevidente e rico, vae desbaratando as suas e as aguas que lhe entregam os tributarios, por uma multidão de bracinhos, que formam lagôas ou somem-se nos terrenos baixos que o rodeiam. Como elle, são o S. Lourenço, o Cuyabá até o porto, affluentes superiores do Paraguay, e o proprio Paraguay até o Jaurú.

Essa rêde fluvial desenvolve-se em terrenos baixos e pantanosos, que se inundam com as menores cheias formando um vasto lago d'umas cem leguas de comprido, por quarenta de largo, mosqueado de ilhas, coberto de aguapés floridos de varias côres.

Era a região dominada pelos Payaguás, os indios canoeiros, senhores dos rios.

Então todas as cautelas eram tomadas e a maior vigilancia era exercida: algumas canôas armadas reuniam-se em conserva, debaixo dum commando e collocavam-se á vanguarda e á rectaguarda da monção, para protecção das outras, receiosas de ataques inesperados ou de emboscadas, nos furos das lagôas ou nas embocaduras dos rios.

A' noite, nos pousos, que em toda a jornada eram feitos em terra, emquanto uns adormecian, outros velavam, sobre as aguas e sobre a terra, ajudados por cães de vigia, para segurança de todos.

Durante os pousos, dentro das barracas a conversação cahia naturalmente sobre os Payaguás, ainda pouco conhecidos.

Um indio velho, conhecedor daquellas paragens, interrogado informava que os Payaguás eram gentio de corso, sem morada certa, vivendo sobre as aguas, sustentando-se de montaria pelo Paraguay abaixos e pantanaes proximos: gentes em outro tempo aldeiadas pelos missionarios do Paraguay, donde haviam fugido, revoltando-se contra os padres e os brancos.

— Emquanto Guató teve força, Payaguá nunca fez aventura, mas branco tinha acabado com *Guató* e já Payaguá tinha ganja: e assim como branco tinha acabado com *Guató*, fosse acabar com Payaguá.

Os Payaguás, a tribu que, mais pertinazmente e com melhor exito, defendeu a terra natal e a sua liberdade das entradas dos conquistadores famintos de escravos e de ouro, estavam destinados, principalmente depois de sua alliança com os Guycurús, os indios cavalleiros, os senhores dos campos, a fazer perigar por um momento, as explorações do sertão.

Intrepidos nadadores, os rios mais caudalosos, como o Paraguay ou Paraná, não davam segurança contra elles: mergulhavam numa voragem e iam sair a uma grande distancia, conservando-se tanto

tempo debaixo d'agua, que era crença que elles levavam comsigo taquaras por onde respiravam!

Andavam completamente nús; porque o genero de vida amphibio, que levavam, não permittia vestidura alguma.

Cada familia tinha uma canôa, comprida e estreita, de extremidades curvas, arremedando a lua nova, contruidas sem popa nem prôa, o que permittia movel-as em qualquer direcção, impellida por um só remo, comprido e afiado, que tambem servia de lança.

Por mais raivosos que andassem ventos e ondas, nada temia o Payaguá que, posto em uma das extremidades da sua embarcação, fazia-a correr metade fóra d'agua; e se ella chegava a virar, o que raras vezes acontecia, immediatamente cavalgava a quilha como a um boi marinho.

Por armas tinha dardos, arcos e flecha; accommettido por um inimigo superior, elle mesmo virava a sua canôa e surgia debaixo della, protegido por esse escudo, respirando dentro como um apparelho de mergulhar. Os seus ataques eram violentos e rapidos e repetiam-se incessantemente.

Essa tribu, nas suas fabulas, se reputava progénie do peixe Pacú, e esperava, depois de sua morte, um paraizo em que as almas dos bons Payaguás viveriam, entre plantas aquaticas, banqueteando-se com peixes e crocodilos.

Foi, pois, arriscada a travessia que fez a monção pelo Taquary, Paraguay, S. Lourenço até o Cuyabá.

Do Pouso-Alegre, na margem direita do Taquary, e tambem de outros pontos, conforme o estado das inundações, costumavam as monções deixar o alveo do rio, e pelos campos alagoados, floridos de aguapês, ir até ao Paraguay nas *Tres Boccas*, ou ao S. Lourenço no *Alegre*, ou ainda atravessando este rio, ir ao Cuyabá, não longe da povoação.

Rodrigo Cesar seguiu a navegação commum, passando pelo Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá e indo desembarcar no porto geral, a uma milha da povoação.

A 16 de Novembro de 1726 chegou Rodrigo Cesar ao arraial de Cuyabá, emmagrecido e desfigurado, tendo vencido em quatro mezes as 530 leguas dessa rude, penosa e longa viagem fluvial.

Os moradores receberam-n'o com as festas que o tempo e logar permittiam.

Só então o governador readquiriu a sua personalidade, sumida e desapparecida, durante toda a viagem.

CAPITULO VIII

O Arraial de Cuyabá. — Bandeiras de conquista e descobrimento. — A mineração. — Os impostos acabrunhadores. — O ouro exportado. — A secca. — A miseria. — A debandada. — Deus não quer. — A volta e o fim da administração de Rodrigo Cesar de Menezes.

Nas extremidades das collinas, que se estendem das abas da *Serra* até a margem esquerda do rio Cuyabá, ahi mesmo onde Subtil fez o seu invento — a maior mancha encontrada que só num mez deu quatrocentas arrobas de ouro — ficou o arraial de Cuyabá.

Com o horizonte limitado por morros, excepto na parte occidental, atravessado por um pequeno corrego, que chega a desapparecer durante a secca, e que na estação chuvosa corre paralello ao caminho para o *Porto Geral* no Cuyabá, o arraial não tinha belleza, nem della cuidaram os fundadores.

Febricitantes, não tendo tempo a perder, os investigadores de ouro não se preoccuparam com a esthetica no novo arraial, e, sem alinhamento amontoaram-lhe as habitações em ruas estreitas, tortuosas e sempre dentadas pela saliencia das casas, que eram quasi todas de capim, havendo apenas sete ou oito cobertas de telhas.

A rapidez e desconforto das installações, o atamancado das obras claramente mostravam quanto tudo isso era considerado provisorio pelos mineiros, que acampavam pelo só tempo de colher ouro.

Na nomenclatura das povoações, em aquelle tempo, essa de arraial era singularmente feliz e expressiva, por indicar alojamentos transitorios e instaveis, que só adquiriam permanencia, quando o interesse remunerado subsistia e segurava-lhes os habitantes.

Além do de Cuyabá, havia nas suas immediações outros arraiaes indicando lavras exploradas: *Ribeirão*, a meia legua: *Conceição*, a egual distancia pelo sertão adeante com uma capella a Nossa Senhora: *Cocaes*, a nove ou dez leguas: *Chapada*, onde havia um engenho de canna de assucar pertencente a Antonio de Almeida Lara: *Arraial Velho*, tendo proximo immenso bananal, quasi na embocadura do rio Cuyabá, onde estava estabelecido um Registro: *Jacey*, com boas manchas, onde se achavam muitas folhetas quasi todas de ouro grosso: e tres ou quatro leguas adeante deste a *Forquilha*, primeira descoberta, nas margens do Coxipó, onde, pouco acima, corria o ribeiro da Motuca, do qual se trazia agua para a mineiração nas visinhanças das lavras do Subtil, projectando-se, nessa epocha, grandes obras de canalização que nenhum resultado dariam.

As terras já eram cultivadas: e desde *Morrinhos* até o porto de desembarque no Cuyabá, por uns sete ou oito dias de viagem rio abaixo, e por uns cinco rios acima, as margens estavam cercadas de roça de milho, feijão e mandioca: e bem mais ao sul, nessas vastas planices encharcadas, o arroz era nativo, dando só o trabalho de o colher.

A umas seis leguas do arraial do Bom Jesus, ao pé da serra de S. Jeronymo, junto a uma lagôa, se tinha situado Antonio Pires de Campos. Essa lagôa ainda hoje é chamada do *Pires* e bem assim a situação e as taperas.

Receiando sem duvida ficar compromettido na grande devassa mandada abrir pelo governador após a eliminação dos Lemes, Antonio Pires de Campos, já viuvo, abandonara a sua fazenda *Itaicy* e

em companhia de seus quatro filhos, uns dos quaes, Antonio, seria na praça Adonis e Marte no sertão, e de seus escravos indios, uns 600, se retirara para o Cuyabá, collocando-se instinctivamente, como sentinella de seu sonho irrealizavel, num dos pontos conhecidos do roteiro para os *Martyrios*.

Ahi extranhava e mofava da tenacidade de Bartholomeu Bueno, o segundo Anhanguéra, procurando as afamadas minas por desconhecidos sertões quando o verdadeiro caminho era pelo Cuyabá.

Antonio Pires de Campos era o provedor do Registro, no Arraial Velho, e seria substituido por Domingos Leme da Silva, de nomeação de Rodrigo Cesar.

Jacintho Barbosa Lopes era o provedor dos quintos, João Antunes Maciel superintendente e o capitão-mór regente Fernando Dias Falcão ia ser o provedor da fazenda real.

Paschoal Moreira Cabral Leme, o descobridor, pobre e sem importancia, já tinha morrido obscuramente.

Chegando ao arraial, com os membros quasi ankilosados da longa viagem, Rodrigo Cesar foi morar na melhor casa de telha, que se ficou chamando palacio.

Querendo significar que as proprias auctoridades superiores estavam tambem sujeitas aos preceitos das leis mandou logo pagar os direitos de entrada de seus 28 escravos; mas esse salutar exemplo não passava de magnifica farça porque immediatamente pediu ao rei restituição desses impostos, pagos unicamente para facilitar a cobrança aos contribuintes.

Tratou Rodrigo Cesar de desempenhar-se do fim ostensivo de sua viagem que era erigir a nova villa.

Tomaram-se casas para a Camara, e o ouvidor Lanhas Peixoto fez os pelouros donde sahiram juizes ordinarios Rodrigo Bicudo Chassim, João de Queiroz Mascarenhas, vereadores Marcos Soares

de Faria, Francisco Xavier de Mattos, João de Oliveira Garcia, procurador do conselho Paulo de Anhaia Leme, escrivão Luiz Teixeira de Almeida, e almotacés Antonio de Almeida Lara e Antonio José de Mello.

No dia 1.º de Janeiro de 1727 teve logar a solemne creação da villa do Sr. Bom Jesus do Cuyabá.

A nobreza, povo, o capitão-general, o ouvidor com as auctoridades eleitas, indo na frente Mathias Soares de Faria que hasteava o estandarte da villa, caminharam para a praça e ahi Fernando Dias Falcão levantou o pelourinho, entre applausos de todos, que acclamavam a *Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá, Sua Magestade Fidellissima, Santa Religião, o capitão general, etc.*

Por armas á villa recemcreada deu Rodrigo Cesar um escudo com campo verde, tendo no meio um monte salpicado de folhetas e granito de ouro.

Chegara Rodrigo Cesar em má epocha: porque as grandes seccas, que duravam havia dois annos, tinham estragado as plantações e difficultavam o trabalho da mineração: e, nas proximidades das lavras, inquietando os mineiros, matando-os e comendo-os, nações de gentios guerreiros impediam o dilatamento da conquista.

Procurou o governador metter os indios de paz, mandando-lhes pombeiros e mimos de facas flamengas e tabaco de fumo, para seduzil-os ao aldeiamento. Mas elles não acceitaram, engeitando os mimos, pretendendo matar os emissarios e declarando que eram homens como os mais e só se entregariam á força de armas.

Em 3 de Janeiro de 1727, o governador organizou uma expedição ao mando do capitão Antonio Preto, ordenando-lhe que passasse onde melhor entendesse para conquistar o gentio dos *Morsós*, de sorte a não escapar nenhum, passando-os á espada e captivando-os se não se rendessem.

A empresa apresentou-se trabalhosa porque foi preciso atacar os indios vigorosamente primeira e segunda vez, defendendo-se elles com tanta força e valor que só depois de verem mortos muitos dos seus se entregaram.

Os captivos, depois de tirada delles a quinta parte para a fazenda real, foram distribuidos como administrados pelos expedicionarios.

Eram essas as praticas do tempo; em geral, o indigena recusava a paz offerecida por sabel-a mentirosa, provando-lhe numerosos precedentes que a reducção era captiveiro. Disso não se pode tambem concluir, por um sentimentalismo piegas, que elles fossem prototypos da lealdade no cumprimento dos tratados, porque elles eram tambem homens, e homens selvagens em sociedades menos que rudimentares.

Com identicos intuitos e ainda para novos descobrimentos, em 17 de Janeiro de 1727, mandou o governador a Antonio Borralho de Almeida que fosse ás cabeceiras do rio S. Lourenço aldear, captivar, matar indios, descobrir ouro e procurar nos corregos pedras de cores azul, vermelha, verde, amarella e branca transparente, a ver se eram transparentes.

E como Rodrigo Cesar não sabia mandar sem ameaçar, prohibiu que partisse alguem antes de Borralho, sob pena de prisão, remessa para povoado á propria custa e 400$000 de multa pagos da prisão.

Procurando dilatar a área explorada e augmentar os reaes quintos, ainda outras bandeiras de conquista e descobrimento organizou o governador.

Essas diligencias, porem, não se repercutiam no povo que as escarnecia, amollecendo os que lhes acceitavam a incumbencia, dificultando-lhes a realização: para nullificar esse inconveniente

publicou Cesar BANDO em que acenava com honras, habitos das tres ordens militares aos descobridores, e promettia 50$000 de sua fazenda áquelles que lhe denunciassem os escarnecedores.

« Grandes eram os trabalhos do corpo, as fadigas do espirito e manifesto o perigo da vida para aquelles que buscavam ouro. Era cousa essa que, a não ser tão commum, se faria incrivel e espantosa » já assim pensava Manoel Bernardes e com razão.

Penosa por demais era a vida em Cuyabá.

Aquelles homens, audazes sertanistas, eram pessimos mineiros: elles se tinham formado na escola de mineração das *Geraes*, ao acaso dos seus proprios trabalhos, ajudados pela pratica rudimentar dos africanos, sem o auxilio das noções mais elementares da arte de conhecer os terrenos auriferos, de extrahir ouro e de preparal-o.

A sua arte era mais que embryonaria, consistindo os seus instrumentos, por assim dizer, no escravo negro armado da batêa e do almocrafe, e nos cursos dos rios, desligando naturalmente ou canalizados para os bolinetes e canôas.

E usando desse methodo imperfeito e insuficiente, limitavam-se os mineiros, nos terrenos de alluviões auriferos, a catar na superficie da terra ou arranhar nos montes, o ouro nativo que a desagregação lenta ou accidental dos quartzos, por acção do tempo ou por convulsões telluricas, por ahi tinha espalhado fartamente.

Aproveitavam, diria mais tarde Pimenta Bueno, os riachos, taboleiros e guapiaras que offereciam riquezas na superficie da terra, conservando intactas as minas de vieiro que ainda ficariam até nossos dias.

Era a ignorancia profunda que fazia os sertanistas restringirem as explorações do ouro que se vê, não sabendo elles que a terra guarda tambem o ouro que se não vê e só o entrega a quem sabe buscal-o.

Em Cuyabá jamais houve minas, se por minas entender-se a cavidade artificial da terra, para por galerias e poços desentranhar-lhe o ouro.

O que houve foi o que com justeza se chamaram lavras e catas; os mineiros não faziam mais que lavrar e catar na terra, abandonando-a desde que, com o revolvimento superficial não encontravam mais folhetas, granetos, grãos, emfim o ouro que se vê.

Cuidando só em aperfeiçoar o systhema tributario, a metropole esquecia-se de, por uma direcção intelligente, diffundir amplamente conhecimentos mineralogicos e metallurgicos que transformassem o faiscador ignorante em mineiro habil.

Rodrigo Cesar suppunha que a sua presença bastava para melhorar os methodos empregados, resultando muito ouro aos mineiros e immensos quintos ao rei.

Em vista da falada abundancia do ouro e da relativa pequenez da colheita fiscal, o capitão-general só enchergava a defraudação dos direitos reaes, não vendo que a' arte mineira, ainda na primeira infancia, esperdiçava o precioso metal, consumindo tempo, trabalho e dinheiro, com insignificante remuneração.

E' verdade que defraudação havia e em grande escala: e força é confessar que sob um asphixiante regimen tributario, como o de então, só ella permittia ainda a exploração de minas.

Defraudação em que tacitamente consentia a metropole, mandando que sobre ella se fizesse vista grossa.

Mais essa politica de piedade, (textual) só devia existir em principios dos descobrimentos, não se achando ainda estabelecidas as minas: depois, porém, todo o vigor era pouco e a fiscalização mais apertada expremia as lavras.

E em pessoa lá estava Rodrigo Cesar, com zelo excessivo, mais realista que o proprio rei.

Ahi a actividade era febril, nessa epocha das chuvas, anciosamente esperada pelos desvirginadores da terra.

Nas suas datas os senhores presidiam o trabalho dos escravos negros, numerosos, que, apenas com uma tanga a lhes cingir os rins, circulavam por toda a parte.

Nesse anno (1727) havia em Cuyabá 2.607 escravos negros, além dos indios administrados que pouco serviço prestavam.

Em grandes covas quadradas, negros vigorosos encordoando os musculos cavavam a terra até encontrar o cascalho, assentado na piçarra, para o desmancharem com a alavanca, como se demolissem uma parede; outros com o almocrave, punham o cascalho desfeito na batêa; e os corregos e lagos coalhavam-se de negros, curvados, a moverem circularmente a batêa, que chiava nagua, espumante e suja, desprendendo as pedras, a terra e deixando no fundo o ouro.

Era esse o trabalho das catas já pouco usado.

Mais communmente, a beira dos corregos ou dos lagos, faziam-se especies de paralellogrammo, em plano inclinado, com o fundo de terra dura a força de ser batida, e os lados fechados de taboas, excepto na parte que recebia a agua, para ahi canalisada; nisso, que se chamava *canoa* quando pequeno, e *bolinete*, quando grande, era depositada a terra aurifera, extrahida dos montes, taboleiros e guapiaras, e transportada na cabeça dos negros, em longo carreiro como formigas a desbastarem larangeiras, para ser lavada pela agua que, fervendo em cachões, comendo continuamente, dissolvia os terrões, levava a lama e, deixava o ouro por mais pesado, ainda em lodo.

Sob o olhar pesquizador dos senhores, negros escorrendo agua como cães molhados, a beira das canoas ou bolinetes, mexiam incessantemente nesse lodo; outros os tomavam nas batêas, e, nos corregos as iam revolver, como se peneirassem, para de vez separar o ouro que então apparecia em folhetas tão leves que fluctuavam, em pedacinhos

toscamente redondos, alguns asperos e crespos, outros lisos com pevides de melão, muitos redondos e miudos como grãos de munição, e, ás vezes, grossos como punhos de homem.

Como Ruth, outrora a catar as espigas que cahiam dos carros de Booz, alguns que não tinham datas proprias, mandavam os escravos apanhar pelos campos e montes o ouro que cahia dos que o extrahiam. A isso chamava-se faiscar.

Era um continuo vae-vem de negros semi-nús, herculeos e ingenuos.

Com taboleiros na cabeça negras, forras e captivas, iam para as lavras vender quitandas, excitando os patricios, que mineravam ou faiscavam, a uma volupia facil, ardente e animal.

Ahi mesmo, ao rebrilhar de uma folheta, tratavam os seus amores; e, de noite, nas tabernas e ranchos da villa e dos arraiaes, verdadeiros alcouces, por entre bebedeiras, gritos e tiros que ensurdeciam, a devassidão fervia.

Para essas casas, á noite, com facas de ponta e armados de paus curtos dissimulados pelos capotes em que se envolviam, os negros se dirigiam a consumir o ouro que roubavam aos senhores e as ferramentas que lhe desencaminhavam.

Os taverneiros, pouco escrupulosos, os recolhiam apoderando-se dos furtos a troco de bebidas alcoolicas e bugigangas, que eram o preço dos amores africanos.

Por causa d'esses desvios os senhores maltratavam os escravos, chegando alguns a chumbal-os pelas costas a tiros. Dahi as fugas dos escravos que se revoltavam, matavam os brancos, e engrossavam os quilombos dos arredores.

Isso constituia um perigo permanente para a ordem, nesses logares longes de recursos, com indios bravios onde os negros eram no maior numeros.

Rodrigo Cesar procurava reprimir severamente esse estado de cousas «que dava consideravel prejuizo aos senhores reis, á fazenda real, ao bem commum, e a Deus fazia grande offensa», açoutando os negros e negras, captivos ou forros, pelas ruas publicas da villa, impondo grossas multas pecuniarias aos taverneiros, e organizando minuciosos regimentos para os capitães de matto, que eram uma instituição.

Com o intuito de intimidar, sem formalidades, Rodrigo Cesar mandava enforcar escravos, *pendurar cabeças de negros*, como dizia na sua linguagem nada figurada.

A licença dos costumes e o ouro facil animavam o jogo; e isso ia a todos, e muitos, perdidas as noites ás cartas e aos dados, perdiam tambem os dias esquecendo-se de minerar.

Assegurada uma relativa segurança material, «e querendo avultar os seus serviços embora a custa das lagrimas e oppressão dos povos», o governador punha em acção um formidavel regimen tributario, em que «se pagava o ar que se respirava e a terra em que se pisava», como diria mais tarde José Bonifacio referindo-se á metropole.

Os rendimentos fiscaes provinham:

— Dos quintos.

— Das entradas.

— Das passagens dos rios.

— Dos dizimos.

— Dos officios de justiça.

— Dos donativos.

— Das arrematações privilegiadas de contractos.

— Dos confiscos.

Desde a instituição das donatarias já a Corôa se tinha reservado o direito a percepção da quinta parte (quintos) de todas as

pedras preciosas, aljofar, coral, ouro, prata, cobre e chumbo que fossem tirados nas terras do Brasil, rendimentos esses que só avultaram, como era natural, depois do descobrimento de minas.

O methodo, pelo qual se arrecadavam os quintos, variava de capitania a capitania, e até na mesma capitania.

Em Minas Geraes eram cobrados determinando-se uma quantidade annual de arrobas de ouro, que os mineiros se obrigavam a pagar: ahi houve annos de arrecadação de 30 e até de 100 arrobas annuaes.

Em S. Paulo, porém, por uma resolução das auctoridades e do povo, em Maio de 1723, ficou estabelecido que a cobrança seria feita por batêa, verdadeira capitação, em que cada individuo que mineirasse, usando da batêa, e todos a usavam, pagaria uma determinada quantia.

Em 1723 cada batêa pagava tres oitavas de ouro, e logo quatro e seis em 1725.

Esse methodo durou até 1728, epocha em que se estabeleceu casa de fundição em S. Paulo, sendo desde então ahi quintado o ouro.

A correspondencia de Rodrigo Cesar accusa o seguinte rendimento dos quintos de ouro extrahido na capitania (1):

---

(1) Essa estatistica é baseada nas cartas de Rodrigo Cesar que acompanharam as remessas dos quintos e nas cartas régias accusando a chegada em Lisboa, e está pois muito longe da verdade. Difficil, senão impossivel, é organizar com exactidão uma estatistica do ouro proveniente dos quintos, porque Rodrigo Cesar não destinou livro para escripturação do ouro remettido, ou se destinou esse livro desappareceu do archivo do Estado, porque ahi não se encontra.

Baseado no archivo cuyabano, F. Nogueira Coelho (R. I. H. B. v. 13) fez um estudo sobre os quintos de ouro apresentando um resultado inferior ao que ahi fica, o que induz a crer que em Cuyabá tambem não existiu escripturação desses impostos.

Além disso, quasi sempre os impostos se confundiam uns com os outros; a legislação fiscal, talvez titubeante, indecisa, vaga, deixava margem a numerosos e repetidos abusos.

A defraudação dos quintos foi tambem grande. Por essa estatistica que apresentamos, sendo o quinto 183.118 1/2 oit., o total do ouro extrahido seria 918.092 1/2 oit., ou 224 arrobas e 588 1/2 oitavas, durante oito annos. Entretanto todos os chronistas estão de accordo que as *lavras do Sutil* deram só num mez 400 arrobas, o dobro quasi que em oito annos todas as lavras, segundo a nossa estatistica.

Ora como a defraudação não podia ter sido tão extraordinaria, temos que concluir que houve remessas, e grandes, que Rodrigo Cesar nao fez acompanhar de cartas.

ANNOS	OITAVAS	RÉIS
1721. . . .	150	225$000
1722. . . .	1.134	1:701$000
1723. . . .	16.384	24:576$000
1724. . . .	20.032	30:048$000
1725. . . .	56.745	85:117$500
1726. . . .	8.912	13:368$000
1727. . . .	51.589 1/2	77:384$250
1728. . . .	28.672	43:008$000
	183.618 1/2	275.427$750

Renderam os quintos, segundo esses dados insufficientes 183.618 1/2 oitavas, que, a 1.500, produziram, valor desse tempo, 275:427$750.

Dizimo era a porção dos fructos da terra que o povo pagava á Igreja para a sustentação dos seus ministros.

Dividiam-se em *antigos*, *novos*, *ecclesiasticos*, *infeudados*, *grossos*, *miudos*, *insolitos*, *ordinarios*, *novaes*, *pessoaes*, *prediaes*, *primicios*, *verdes*.

Tendo sido os descobrimentos maritimos portuguezes, feitos pelo infante D. Henrique de Sagres, grandemente ajudados pelos rendimentos da ordem militar de Christo, ficaram pertencendo a essa ordem, como compensação, o producto dos dizimos nas novas terras descobertas.

Com a subida ao throno portuguez de D. Manoel, successor do infante D. Henrique no grão-mestrado de Christo, ficaram os rendimentos dos dizimos pertencendo á Coroa e a esta ficou a obrigação de pagar a folha ecclesiastica, a congrua dos prelados, e a dos parochos.

O tributo dos dizimos era triennalmente posto em concorrencia publica; e ahi arrematado ao maior lance offerecido, com fiança por particulares que o cobravam depois, com direito a via executiva.

Os arrematantes ou contractantes dos dizimos, como eram chamados, ficavam sujeitos a encargos e obrigacões como a de pagar diversas propinas ao governador, ao juiz dos feitos, ao procurador da fazenda, aos ministros do conselho ultramarino, e de ordinaria e de munições etc., etc., além de 11 % do total da arrematação para a obra pia, depois de satisfeita a folha ecclesiastica.

Em S. Paulo, do producto d'esse contracto se tiraram os soldos do governador, seus auxiliares e secretario.

Os dizimos, em S. Paulo, renderam:

(povoado) no triennio até 1722 . . .	— 56.000	cruzados
(») » » de 1722 a 1725	— 61.000	»
(Cuyabá) » » » 1722 » 1725	— 45.000	»
(ambos) » » » 1725 » 1728	— 120.000	»
Total . . .	282.000	»

Os dous ultimos triennios foram arrematados por Sebastião Fernandes do Rego.

Em tempo, os *dizimos* abrangiam tambem as *entradas* nas alfandegas, e, assim vê-se que as alfandegas do Rio de Janeiro e Santos, cujos contractos andaram unidos, renderam:

No triennio de 1720 a 1723	499.500	cruzados
» » » 1723 a 1726	729.000	»
	1.228.500	»

As *entradas* foram tentadas por Antonio de Albuquerque, em 1710 e só estabelecidas em 1713, já em tempo do governo de D. Braz Balthazar da Silveira.

Entradas eram os tributos, que recahiam sobre os generos importados na capitania, e eram pagos nos diversos registros estabelecidos

nos caminhos, que constituiam verdadeiras alfandegas terrestres onde se tributavam generos, já tributados nas alfandegas maritimas do Rio de Janeiro e de Santos.

Esses tributos eram tambem postos em arrematação publica, mas muitas vezes eram arrecadados por administração; quando arrematados, os contractantes eram obrigados ás mesmas propinas dos dizimos.

Augmentadas sempre, variavam continuamente as taxas a que estavam sujeitos os generos importados.

Sobre escravos negros pagavam-se taxas diversas conforme o porto de embarque e no proprio porto de embarque: assim sobre os procedentes de Angola pagavam-se 7$000; da Mina 3$500; de Cacheu 3$640 se eram *negros lotados*, isto é, sem barba e sem defeitos, e 1$790 se eram *mascarós*, isto é, moleques, negros com barba ou com defeitos; os procedentes das outras capitanias (Pernambuco, Bahia e Rio) 4$500.

Na alfandega de Santos, porém, além de 160 rs. repartidos pelos empregados aduaneiros, se os negros eram destinados ás minas, e nesse tempo todos o eram, pagavam-se mais 4$500 sobre cada negro. Não parava ahi: sobre cada negro, que entrasse nas minas, ainda se pagava, no registro, mais 6$000 (4 oitavas) além do emolumento de 750 rs. (meia oitava) para o respectivo escrivão. Cada carga de genero secco pagava de entrada 12$000, de molhado 7$500, cada cabeça de gado vaccum ou cavallar 4$500 e mais uma pataca de ouro pelo registro.

E para serem commerciados, os donos pagavam em loja de seccos 75$000 (50 oitavas) egual quantia em de molhados e 96$000 (64 oitavas) em lojas de seccos e molhados.

Em 1726 entraram em Cuyabá 373 negros, 593 cargas de molhados e 94 de seccos.

E tudo isso, para lá chegar, ia sendo tributado nas diversas *passagens dos rios*.

Passagens dos rios consistiam em certas quotas que, por si, por cargas, por cavallos, por escravos, pagavam as pessoas que tinham que atravessar os rios caudalosos da capitania, os que dependiam de canôas, como vulgarmente se dizia.

Havia muitas *passagens,* porque muitos eram os rios caudalosos que de S. Paulo se interpunham até as diversas minas e até o Rio de Janeiro.

Esses impostos eram tambem arrematados por contractos triennaes, e, nesse caso os contractantes ficavam sujeitos a propinas, excepto as do conselho ultramarino, ordinarias e munições, e, algumas vezes, eram concedidos por premio aos descobridores de minas, aos abridores de caminhos, etc.

As *passagens* para Cuyabá andaram arrematadas, nos triennios de 1722 a 1728, em Sebastião F. do Rego, por pouco mais de 6.000 cruzados.

Os officios de justiça e de fazenda da capitania, que faziam parte dos rendimentos do fisco, estavam, no principio, sujeitos apenas aos *novos direitos*: depois os proprietarios eram obrigados tambem a pagar *donativos e terça parte.*

Esses officios, emquanto não tinham proprietarios, se conferiam ás pessoas idoneas, que offerecessem *donativos*, em lances de arrematação, as quaes ainda ficavam obrigadas a contribuir, no fim de cada anno, com a *terça parte* dos rendimentos para o fisco, avaliados esses pelo governador e pelo ouvidor.

Os officios, cujos rendimentos fossem menores de 200$000, estavam isentos da *terça parte*, mas sujeitos aos *donativos* e *novos direitos*.

O fisco ainda se ingorgitava com impostos provenientes de generos introduzidos na capitania por privilegio como o sal, que, além das mais entradas e passagens, pagava em Santos 400 rs. por alqueire, e rendia annualmente 6.000 cruzados; os contractos de solimão, das cartas de jogar: o da pesca da balêa, muito explorado e rendoso por causa do azeite com que se illuminavam as casas pobres, e da carne que convenientemente preparada, servia de alimentação para os escravos.

Havia mais as *contribuições voluntarias*, que de voluntarias só tinham o qualificativo, derramadas pelo povo para occorrer ás despesas dos noivados e dos casamentos reaes, de festas, etc. E havia ainda os confiscos frequentes que, só elles, davam tanto quanto os quintos.

E como se arrecadavam esses tributos?

Todas as cobranças e todas as execuções por dividas particulares paravam, emquanto durava a percepção dos impostos.

Ao chegar a monção, dizem as chronicas, ia «um ajudante de palacio com alguns homens de campanha a buscal-a lá a barra de Cuyabá, para receber as *entradas* das fazendas que traziam os viajantes. Se as não pagavam logo, punham-lhes as fazendas em praça, onde se as arrematavam todas as vezes que cobriam os direitos reaes e os salarios dos ajudantes e dos mais companheiros que eram duas oitavas de ouro para cada um delles. Em tal fórma se executava isso que chegaram muitos a entregar as carregações que traziam, e por barato se verem livres d'ellas por não incorrerem em mais penas»; outros fugiam para o sertão, a muitas leguas de distancia: mas lá mesmo o fisco ia filal-os trazendo-os presos.

«Com esse labyrinto de execuções, continúa o chronista, pelas *entradas* nos que vinham de povoado, e pelos quintos e pelos dizimos de fructos nos que estavam, ficaram os povos tão extenuados que, preferindo a morte nos barrancos dos rios, muitos desertavam».

As seccas, impossibilitando a mineração do ouro, e mirrando na terra as sementes de tal modo que tres plantas annuaes só davam milho em espigas sem grão, as seccas traziam a extrema carestia da vida, elevando a preços fabulosos os genèros de primeira necessidade.

«Entrou com isto o povo a bromar as minas em consternação, sem lavra alguma de conta, mais do que faisqueiras já esbulhadas; eram só miserias, queixas e lamentos: a terra falta de mantimentos por falharem as roças; as doenças acabrunhando os que escapavam da fome, assim que tudo era gemer, chorar e morrer», informa o chronista, na sua ingenua eloquencia. Como, porém, os quintos tinham augmentado, entendia Rodrigo Cesar, que, com a sua chegada, todos tinham cobrado novos alentos!

Os capitães-generaes não tinham regimento preciso que, definindo as funcções, lhes delimitasse a auctoridade.

Regulavam-se pelo regimento dado a D. Manoel Lobo, em 7 de Janeiro de 1679, quando governador do Rio de Janeiro, e pelas mais instrucções e ordens regias posteriores, feitas para casos occorrentes.

Arrogando-se, então, uma auctoridade sem limites, os governadores estabeleciam praticas arbitrarias, verdadeiros abusos a que chamavam estylos.

Rodrigo Cesar julgava que o posto de capitão-general lhe dava o direito não só de fazer justiça, como de advertir e castigar os que a não administrassem; entendia que, superior a todas as

justiças e milicias, podia reger e governar os vassalos no Brasil com a mesma amplitude de que dispunha o Principe no Reino; que, como loco-tenente do Principe, podia avocar qualquer feito judicial e tomar conhecimento delle, ficando assim suspensa a jurisdicção da magistratura.

Por sua vez os ouvidores se suppunham completamente independentes da auctoridade administrativa.

Nisso estava a origem de frequentes conflictos entre os dous poderes que se enfraqueciam e se desmoralisavam.

Apoz o tragico incidente dos Lemes, entrou o governador em lucta com Godinho Manso, de quem queria até saber por que desprezara a beca e andava em corpo, de bastão e espada!

As camaras municipaes de Santos, Taubaté e Mogy nesse conflicto tomaram o partido do governador, chegando esta ultima a pedir que o ouvidor fosse deposto.

Com Francisco da Cunha Lobo, substituto de Godinho Manso, pouco tempo de paz teve o governador; o mesmo succedeu com Lanhas Peixoto, no Cuyabá, por ter este se recusado a prender e a sentenciar de morte individuos que Cesar queria castigar.

O ouvidor Lanhas Peixoto, que já tinha sido excommungado pelo visitador Lourenço de Toledo Taques, por ter mandado soltar o vigario Manoel Rebello preso acintosamente por aquelle, largou os cargos, que exercia, e se ficou nas minas como simples particular.

Resolução funesta que lhe faria custar a vida, desastradamente perdida ás mãos dos Paiaguás, quando se retirara de Cuyabá.

Sob um regimen tributario asphixiante, nessa balburdia de excommunhões, devassas, execuções, aggravada com as grandes seccas, a vida em Cuyabá era intoleravel.

Logo começou a debandada.

As casas de capim que constituiam a villa, e que, no principio, valiam quinhentas e seiscentas oitavas, foram vendidas a quarenta e cincoenta, quando as não desamparavam os donos; as roças, que eram cotadas a tres e quatro mil oitavas, foram cedidas a cincoenta e cem, e muitas ficaram abandonadas.

E, secretamente, em 1728 resolveram todos despejar o juiz depois da quaresma. Chegada esta, celebrando-se os officios divinos na Matriz, exposto o Santissimo Sacramento, a custodia, que encerrava a hostia consagrada, deu volta para a parte da Epistola, ficando com o lado para o povo.

Endireitou-a o sacerdote primeira e segunda vez, e só na terceira ella não virou mais.

— «Milagre, milagre, murmurava o povo, Deus não é servido que se despovoe, o sertão; Deus quer a perpetuação da colonia».

Acreditando que o interesse divino se manifestava por esse canto perdido do Cuyabá, o bom povo não duvidou do milagre que lhe mudou a resolução. Tambem só um milagre podia obrigal-o a permanecer em Cuyabá.

A 15 de Agosto de 1727, em S. Paulo, tomava posse Antonio Caldeira da Silva Pimentel, nomeado para substituir Rodrigo Cesar.

Com a noticia da posse de novo governador, só conhecida em Cuyabá, em Fevereiro de 1728, chegou tambem a do estabelecimento de casas de fundição de ouro em S. Paulo, acabando-se a cobrança dos quintos por capitação.

Ainda como simples particular Rodrigo Cesar administraria as minas por quasi um anno.

As remessas dos quintos se faziam em Março de cada anno, epocha da monção da volta.

Em 1728 foi conductor delles para povoado, o padre André dos Santos Queiroz, a quem foram entregues sete arrobas de ouro,

em presença do provedor dos quintos Jacintho Barbosa Lopes, do provedor da Fazenda Fernando Dias Falcão, procurador da corôa e thesoureiros.

Recebidos os cunhetes, que continham o ouro, por Sebastião Fernandes do Rego, em S. Paulo, dahi foram remettidos para Lisboa, onde, tendo sido abertos, nelles não foi encontrado mais que chumbo de munição.

Tinham sidos furtados os reaes quintos de ouro!

Conhecido o facto, na capitania, desencontradas versões o explicavam.

Affirmavam uns, que vendo Rodrigo Cesar a decadencia das minas consentira em que se simulassem quintos para, enganando os incautos com fantasticos rendimentos fiscaes, animar a ida de novos mineiros; mas que as cartas, dirigidas ou a S. Paulo ou a Lisboa, dando conta da farça se desencaminharam. Outros se persuadiram que na propria Lisboa se fizera a substituição, para mostrar que os moradores de S. Paulo eram regulos e alevantados, dando assim satisfação á côrte de Madrid que se queixava do procedimento dos sertanistas nos dominios d'ella. Avançavam alguns, e estes fortemente secundados por Caldeira Pimentel e Sebastião F. do Rego, que tinha sido Rodrigo Cesar o auctor do furto: e ainda outros, com inteira procedencia, asseveraram que o furto fora feito em S. Paulo, na provedoria, por Sebastião F. do Rego aparceirado com Caldeira Pimentel. (1)

O povo, o ingenuo povo, só viu no facto a intervenção da Divina Justiça, transformando o ouro em chumbo, em castigo daquelles

(1) O que parece mais provavel, e é essa a opinião de Pedro Taques, é que o provedor dos quintos em S. Paulo, Sebastião Fernandes do Rego, tivesse sido o autor do furto; não só porque elle não recuava diante do assassinato para furtar, como porque, annos depois foi descoberta uma chave, pertencente ao provedor, que abria as duas fechaduras do cofre onde se guardavam os quintos, cofre que deveria ter chaves differentes em poder de duas pessoas. Cofre e chaves foram mandados fazer por Sebastião F. do Rego, como noticia a carta regia de 18 de Janeiro de 1730.

que, para lisongear o monarcha e grangear-lhe as graças, extorquiam dos pobres miseraveis em lagrimas as fazendas e escravos com que engrossassem os quintos reaes.

A metropole, não acceitando o milagre popular, mandou abrir sobre o caso rigorosa devassa, na qual ficaram envolvidos e presos Sebastião Fernandes do Rego e Jacintho Barbosa Lopes. (1)

Extrema era a penuria da villa de Cuyabá; as suas lavras estavam exhaustas, e os sertanistas começavam já a investigar outras que as substituissem.

Resolveu Rodrigo Cesar tornar a povoado com destino ao reino.

Tal era o estado de miseria em que deixava o paiz, que ao partir, em regimento que fez, ordenou ao senado da camara que tivesse commiseração dos pobres encarcerados e encarregasse uma pessoa capaz para, todas as semanas, pedir esmolas para alimentação delles.

A 5 de Junho de 1728 partiu de Cuyabá; e antes de 20 de Novembro de 1729 tinha chegado a Lisboa, em a nau de Macau.

Em 1733 foi despachado capitão-general e governador de Angola, em cujo posto morreu em 1738.

Antes, em 1735, tinha sido feito general de batalha.

Rodrigo Cesar de Menezes foi o homem do seu tempo, na mais rigorosa acepção da phrase: não se deixou ficar atraz nem se jogou para a frente.

---

(1) Jacintho Barbosa Lopes, preso, foi remettido para Lisboa, onde esteve muitos annos até que se lhe reconheceu a innocencia.

Sebastião F. do Rego, a quem fora confiscados os bens, cujo valor passou de 800.000 cruzados (!), esteve preso uns cinco ou seis annos na fortaleza de Santos, sendo depois transferido para o Limoeiro em Lisboa, donde conseguiu voltar, por 1739, livre e desembaraçado a S. Paulo. Teve nova ordem de prisão que já não o encontrou vivo.

Da prisão mesma, em Santos, ainda elle procurava fazer carga a Rodrigo Cesar, requerendo embargo nos soldos deste, sem haver nem sentença nem documento algum por onde constasse a divida. Nessa prisão, fez voto, si fosse solto de edificar uma capella a S. Vicente ;o que cumpriu, e é hoje a egreja de N. S. dos Remedios, no Largo da Assembléa hoje Praça Dr. João Mendes.

As suas qualidades, boas e más, as suas falhas eram as de todos os homens, durante essa epocha.

Agachado ante o rei, cujas verduras esteve até prompto a velar, arremesava-se para cima deante dos inferiores, insolitamente vaidoso, como a bola de borracha salta quando não encontra obstaculos.

Coração estreito, sem generosidade, fraco á lisonja: dissimulado, emquanto não dispoz de força, desculpou e adulou: violento, quando não sentiu perigo, commetteu ou auctorizou crueldades.

Espirito acanhado, sem horizontes, jamais teve um clarão que o illuminasse, mostrando-lhe que um capitão-general podia ser alguma cousa mais que um arrecadador de quintos.

Despido de dotes politicos, accessivel á intriga pequenina, desbaratou as suas e as energias de seus administrados em devassas sobre um phantastico commercio com extrangeiros ao sul, num tempo em que ainda os paulistas bem encaminhados poderiam, quem sabe? assegurar ao Brazil a fronteira do Prata.

A colonia do Sacramento era um padastro na bacia platina; procurava-se fortificar Montevideo, ultimamente aposseada: a capitania de S. Paulo não tinha fronteiras determinadas nessa parte: a preoccupação portugueza era leval-as até lá, atravez de territorios habitados por indios: e, entretanto, Rodrigo Cesar, que soube levantar um exercito para supprimir os Lemes, não encontrou um soldado para mandar ao sul.

Tenaz e muito, nas suas empresas mesquinhas ou más, elle prestou ao fisco e á metropole inolvidaveis serviços.

Avolumou os rendimentos fiscaes, e, aproveitando inconscientemente condicões mesologicas favoraveis, deu o golpe final nos paulistas, reduzindo-os a habitantes da capitania de S. Paulo, prolongando assim, por mais um seculo, o regimen colonial, com a integridade da America portugueza.

Apoz seu governo não ha mais *paulistas*, ha apenas *capitania de S. Paulo*, e essa mesma tão decadente que, desmembrada, ia acabar annos depois como uma dependencia. um annexo da capitania do Rio de Janeiro.

Ia acabar, mas como acaba a phenix que se recolhe ás proprias cinzas para renascer, mais tarde, forte e vigorosa.

BIBLIOGRAPHIA

Oliveira Martins. . . . . . . *Historia de Portugal.*

» » . . . . *O Brasil e as colonias.*

Pinheiro Chagas. . . . . . . *Historia de Portugal.*

Camillo C. Branco. . . . . . *Mosaico.*

Pinho Leal. . . . . *Diccionario historico, Geographico, etc.*

Alberto Pimentel . . . . . . *Estudos historicos.*

Severiano da Fonseca. . . . . *Voyage au tour du Brèsil*

E. Reclus . . . . *E. U. do Brasil.*

Frei Gaspar . . . . *Memoria para a Cap. de S. Vicente.*

Azevedo Marques . . . . . . *Apontamentos.*

Ayres do Casal . . . . *Corographia Brasilica.*

Saint Hilaire . . . . *Voyage a Saint Paul.*

Southey . . . . *Historia do Brasil.*

Rocha Pitta . . . . *America Portugueza.*

Machado de Oliveira . . . . . *Quadro Historico.*

Domingos de Araujo . . . . . *Diccionario Geographico do Rio Grande.*

Couto de Magalhães . . . . . *Viagem ao Araguaya.*

» » . . . . . *Ensaio de Antropologia (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 36.)*

Joaquim Costa Siqueira . . . . *Chronicas do Cuyabá (Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo, V. 4.º).*

Pedro Taques. . . . . *Nobiliarchia paulistana (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 32, 33, 34, 35).*

Alencastro . . . . *Annaes da Prov. de Goyaz (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 27).*

Padre Silva e Souza . . . . . *Memoria sobre Goyaz (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 12).*

Leverger . . . . *Corographia de Matto Grosso (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 28).*

» . . . . *Diccionario Corographico de Matto Grosso (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 47).*

A. A. da Fonseca . . . . . . *Chronicas — (Rev. do Inst. Hist. de S. Paulo, V).*

Arouche. . . . . *Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V.*

Biographia de Est. de Campos. . *Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 52.*

Memorias da Camara de Pitanguy *Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 6.*

Antonio Pires de Campos . . . *Noticia que dá (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 25).*

Antonio do Prado de Siqueira. . *Roteiros (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 6).*

Urbano do Couto . . . . . . *Roteiro attribuido a (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 27).*

Rolim de Moura. . . . . *Relação de viagem (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 7).*

H. Florence . . . . *Viagem de Langsdorff (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 38).*

Lacerda e Almeida. . . . . . *Diario de viagem (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 62).*

Cabral Camello . . . . *Noticias Praticas (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 9).*

Teixeira Coelho . . . . *Instrucção para o Governo da Capital de Minas Geraes (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 15).*

Nogueira Coelho. . . . . . . *Memorias Chronologicas (Rev. do Inst. Hist. do Brasil, V. 13).*

E finalmente e principalmente o Archivo Publico de S. Paulo, com a publicação dos *Documentos Interessantes* — nos volumes 4, 9, 12, 13, 16, 18, 20, 24, 32, 34, valiosa collecção intelligentemente feita.

INDICE